



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
PRÓ-REITORA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO PROFESSOR MARIANO DA SILVA NETO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO/UFPI-MESTRADO E
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO (PPGEd)

WESLEY DA SILVA RODRIGUES

**SOCIOPOÉTICA DE JOVENS GAYS NAS PERFORMATIVIDADES DO
CORPO GIZ DA ESCOLA PÚBLICA DO PIAUÍ/BRASIL**

Linha de Pesquisa: Educação, Diversidade/Diferença e Inclusão.

TERESINA - PI

2023

**SOCIOPOÉTICA DE JOVENS GAYS NAS PERFORMATIVIDADES DO
CORPO GIZ DA ESCOLA PÚBLICA DO PIAUÍ/BRASIL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Piauí (UFPI), na Linha de Pesquisa: Educação, Diversidade/Diferença e Inclusão do Mestrado em Educação, como um dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação.

Pesquisador Responsável:

Prof. Esp. Wesley da Silva Rodrigues.

Orientadora:

Prof.^a Dr.^a Shara Jane Holanda Costa Adad

TERESINA - PI

2023

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências da Educação
Serviço de Representação da Informação

R696s Rodrigues, Wesley da Silva
Sociopoética de jovens gays nas performatividades do Corpo
Giz da escola pública do Piauí/Brasil / Wesley da Silva Rodrigues.
-- 2023.
144 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Piauí,
Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em
Educação, Teresina, 2023.

“Orientadora: Dra. Shara Jane Holanda Costa Adad.”

1. Educação. 2. Performatividades. 3. Trajetos de resistências.
4. Jovens gays. 5. Sociopoética. I. Adad, Shara Jane Holanda
Costa. II. Título.

CDD 370

**SOCIOPOÉTICA DE JOVENS GAYS NAS PERFORMATIVIDADES DO
CORPO GIZ DA ESCOLA PÚBLICA DO PIAUÍ/BRASIL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Piauí (UFPI), como um dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação.

Pesquisador Responsável:

Prof. Esp. Wesley da Silva Rodrigues.

Orientadora:

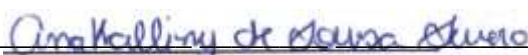
Prof.^a Dr.^a Shara Jane Holanda Costa Adad

Aprovado 28 /02 / 2023

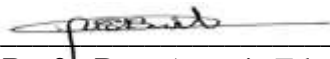
BANCA EXAMINADORA



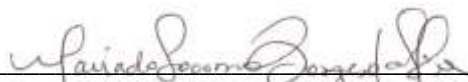
Profa. Dra. Shara Jane Holanda Costa Adad
Orientadora e Presidente – (PPGE/UFPI)



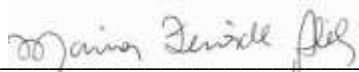
Profa. Dra. Ana Kalliny de Sousa Severo
Examinadora Externa – (UFRN)



Profa. Dra. Antonia Edna Brito
Examinadora Interna – (PPGE/UFPI)



Profa. Dra. Maria do Socorro Borges da Silva
Suplente – (PPGE/UFPI)



Profa. Dra. Maria Zenaide Alves

Dedico a Deus, pois Ele é o senhor da minha vida e ama seus filhos e filhas. Com a força Dele eu sou capaz. Também à minha Mãe do Céu – Nossa Senhora. Ela foi por quem mais chamei em todas as adversidades pelas quais passei nesse processo.

Dedico ainda, esse estudo, para os diferentes estágios da educação escolar em todos os níveis de ensino: I- educação básica, formada pela educação infantil, ensino fundamental e ensino médio e II- educação superior. E à comunidade LGBTQIA+, especialmente, às pessoas de orientação sexual gay.

AGRADECIMENTOS

A dança me faz sentir livre! Nesse movimento não estou só. Agradeço aos corpos que dançam comigo.

Agradeço ao “*corpo-amor*” de forma especial à minha mãe, Joana Rodrigues, ela é, para mim, um aconchego, minha melhor amiga. Basta me olhar e adivinha até meus pensamentos. Ela enfrentou o mundo e todas as formas de preconceitos para me fazer trilhar um caminho feliz. No dia em que falei para ela, “mãe eu sou gay”, ela sorriu e me disse: “Filho, eu te conheço desde o dia que te senti em meu ventre. Não precisa se preocupar em falar. A mãe te ama.” Em seguida, perguntou: “Você falou para seu pai? O que ele disse? Te fez algum mal? Pois, se ele tiver dito algo que lhe machucasse, ele vai ter que sair de casa. A minha felicidade é ver meus filhos felizes.”

Agradeço ao “*corpo-recomeço-do-amor*”, o meu pai, pois hoje a nossa relação é afetuosa. Ele precisou de um tempo para entender e aceitar minha orientação sexual. Não o julgo. Respeitei seu momento sem ficar insistindo. O Patriarcado e o machismo nos afastou durante a infância e adolescência, mas hoje tenho muito orgulho do meu pai, principalmente por escolher mudar para me amar como eu sou. Dedico à minha irmã Wellida Larissa e à minha sobrinha Maria Manuella com todo meu amor e carinho.

Agradeço ao “*corpo-a-corpo*”, o meu noivo Paulo Danilo, que foi a pessoa mais compreensível, amiga e companheira neste caminhar – amor, eu te falei – o mestrado não vai nos separar e você disse: “Vamos vencer esse desafio juntos!” Estamos juntos há 11 anos.

Agradeço ao “*corpo-reaprender*” à Professora Shara Jane, pois ao ler *Corpos de Rua: cartografia dos saberes juvenis e o sociopoetizar dos desejos dos educadores de 2011*, fiquei convicto de que a senhora seria minha orientadora. Obrigado por todo seu apoio nesta jornada.

Agradeço ao “*corpo-de-mãos-dadas*”: às amigas que a vida me presenteou: Professora Marta Queiróz, pessoa sensível, inteligente e que me representa; à Socorro Cardoso, a qual me ensinou a ter intimidade com Deus, a orar e a ter fé. Não posso esquecer de toda família Cardoso, um lar de muita alegria. Às amigas de trabalho, Núbia Ferreira, Rejane Batista, Marina Mousinho, Isamara Cardoso, Ezilvane Silva (Elzinha), Antônia Coutinho, Janaina Moura, Ivanilde Castro, Regina Amorim, Cleire Amaral, Alice Nunes, Cristiane Cardoso e ao meu afilhado, José Luiz; principalmente à Lady Anne, pois ela esteve comigo do início ao fim deste caminhar me fazendo acreditar na minha escrita. Agradeço ao amigo e Professor Mesaque Correia.

Agradeço ao “*corpo-esperançar*”, às minhas amigas de mestrado Gerciane Lima, Pollyana Ramos e, especialmente, à Suellen Santos, parceira, de grupo, de trocas de conhecimentos e afetos; aos membros do NEPEGECI: Vanessa Nunes, Letícia Carolina, Naira Costa, Wanderson Fidalgo, José Gomes e Marlia Ribeiro, pessoas queridas. As/os docentes que me marcaram profundamente com sua prática no curso do mestrado: Professora Antonia Edna, Professora Maria Zenaide, Professora Shara Jane, Professor Elmo, Professora Rosangela, Professora Rita Sobral, Professor Wladimir, Professor Guilherme e Professora Rosana – Elas e eles são profissionais dedicados e comprometidos com a educação.

“Nossos corpos dançam movimentos de fazer vida”
(Wesley Rodrigues, 2023).

Força Estranha

Eu vi um menino correndo
Eu vi o tempo brincando ao redor
Do caminho daquele menino
Eu pus os meus pés no riacho
E acho que nunca os tirei
O sol ainda brilha na estrada
E eu nunca passei
Eu vi a mulher preparando outra pessoa
O tempo parou pra eu olhar para aquela barriga
A vida é amiga da arte
É a parte que o sol me ensinou
O sol que atravessa essa estrada
Que nunca passou
Por isso uma força me leva a cantar
Por isso essa força estranha...
Por isso é que eu canto, não posso parar
Por isso essa voz tamanha
Eu vi muitos cabelos brancos
Na frente do artista
O tempo não para e no entanto
Ele nunca envelhece
Aquele que conhece o jogo
Do fogo das coisas que são
É o sol, é o tempo, é a estrada, é o pé e é o chão
Eu vi muitos homens brigando
Ouvi seus gritos
Estive no fundo de cada vontade encoberta
E a coisa mais certa de todas as coisas
Não vale um caminho sob o sol
E o sol sobre a estrada, é o sol sobre a estrada, é o sol
Por isso uma força me leva a cantar
Por isso essa força estranha...
Por isso é que eu canto, não posso parar
Por isso essa voz tamanha
Por isso uma força me leva a cantar
Por isso essa força estranha no ar
Por isso é que eu canto, não posso parar
Por isso essa voz tamanha
Composição: Caetano Veloso.

RODRIGES, Wesley da Silva. **SOCIOPOÉTICA DE JOVENS GAYS NAS PERFORMATIVIDADES DO CORPO GIZ DA ESCOLA PÚBLICA DO PIAUÍ/BRASIL**. Dissertação (Mestrado em Educação). 144 f. Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal do Piauí, 2023.

RESUMO

Esta pesquisa nasce de implicações pessoais e acadêmicas, tendo como base os trajetos e as performatividades de jovens gays nos contextos escolares. O estudo está inserido no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí – UFPI, na linha de educação diversidades/diferença e inclusão, no Núcleo de Estudos e Pesquisas “Educação, Gênero e Cidadania” - NEPEGEI e o Observatório das Juventudes e Violências na Escola – OBJUVE. O problema da pesquisa é: O que os jovens gays pensam sobre si e quais são as performatividades presentes nos trajetos de resistências que problematizam os valores pré-estabelecidos e rompem com a invisibilidade nos contextos escolares? Desta forma, a pesquisa tem como objetivo geral analisar a percepção de si de jovens gays nas performatividades presentes nos trajetos escolares de resistências que problematizam os valores pré-estabelecidos e rompem com a invisibilidade na escola. Os objetivos específicos: Identificar a percepção de si de jovens gays nas performatividades presentes nos trajetos que produzem resistências aos valores pré-estabelecidos nos contextos escolares e conhecer a percepção de si de jovens gays nas performatividades presentes nos trajetos que problematizam a invisibilidade nos contextos escolares. O referencial teórico é fundamentado nas discussões de relações de poder, necropolíticas, performatividades, educação, juventudes e diversidades/diferença com Foucault (2013; 1993; 1988), Butler (2003; 2015), Miskolci (2012), Deleuze e Guattari (1997) dentre outras. O método utilizado foi a sociopoética (GAUTHIER, 2012; 2003), (ADAD, 2014) – uma teoria e prática filosófica que nos possibilita o pesquisar coletivo, com o corpo inteiro, utilizando técnicas artísticas de produção de dados em oficinas com grupos minoritários, excluídos social, cultural, histórica e economicamente. O grupo-pesquisador é instituído pelo facilitador e quatro (04) copesquisadores jovens gays com idade de 18 anos, estudantes do 2º ano do Ensino Médio, da Unidade Escolar Cassiana Rocha, escola pública de Piripiri-PI/Brasil. A técnica corpo giz foi utilizada para a produção de dados plásticos e relatos orais sobre o tema-gerador jovem gay que foram posteriormente analisados. O diário de itinerância foi utilizado no registro dos encontros e desencontros do caminhar, e também para a autoanálise e análise das implicações do pesquisador. Como resultados, a pesquisa gerou os seguintes confetos e problemáticas: O Corpo-Giz-Sem-Nome é o jovem gay que resiste calado ao Problema-Medo-do-recomeço, pois o medo trava o seu corpo e o deixa impossibilitado de reagir. Alguns destes problemas não saem do Corpo-Giz-Desabafo do jovem gay, fica uma marca. Corpo-Giz-Mundo é o jovem gay que resiste ao problema do medo, buscando fazer bicos para ter um trocado. A trajetória do Corpo-Giz-Fuga é insegura, o jovem gay tem muitas dúvidas. Diante de tantas violências, as performatividades dos jovens apresentam mecanismos potentes – na escola passa batom, pinta a unha, cria asas no chão da escola com as aprendizagens. Corpo-Giz-Desabafo resiste como uma semente resistente às intempéries da vida e consegue gerar uma árvore. Por fim, o estudo apontou o incômodo ainda causado pelos jovens gays ocupantes do chão da escola, como os corpos são vistos sob olhares de julgamentos e preconceitos com base nos padrões pré-estabelecidos. Muitas vezes os corpos-gizes, por serem gays, são calados pelo professor, pelo diretor e pelos colegas. Por sua vez, a escola, por mais que seja um espaço hostil onde sofrem violências, ainda é mais seguro do que a rua e, principalmente, no meio familiar.

Palavras-chave: performatividades; trajetos de resistências; jovens gays; contextos escolares. Sociopoética.

RODRIGES, Wesley da Silva. **SOCIPOETHICS OF YOUNG GAYS IN THE PERFORMATIVITIES OF THE CHALK BODY OF THE PUBLIC SCHOOL OF PIAUÍ/BRAZIL**. Dissertation (Master in Education). 144 f. Graduate Program in Education, Education Sciences Center, Federal University of PiauÍ, 2023.

ABSTRACT

This research is born from personal and academic implications, based on the paths and performativities of young gay men in school contexts. The study is part of the Graduate Program in Education at the Federal University of PiauÍ - UFPI, in the line of education diversity / difference and inclusion, in the Center for Studies and Research "Education, Gender and Citizenship" - NEPEGECI and the Youth Observatory and Violence at School – OBJUVE. The research problem is: What do young gay people think about themselves and what are the performativities present in the paths of resistance that problematize pre-established values and break with invisibility in school contexts? In this way, the research has as its general objective to analyze the self-perception of young gay men in the performativities present in the school paths of resistance that problematize pre-established values and break with invisibility at school. The specific objectives: To identify the self-perception of young gay men in the performativities present in the paths that produce resistance to pre-established values in school contexts and to know the self-perception of young gay men in the performativities present in the paths that problematize invisibility in school contexts. The theoretical framework is based on discussions of power relations, necropolitics, performativities, education, youth and diversity/difference with Foucault (2013; 1993; 1988), Butler (2003; 2015), Miskolci (2012), Deleuze and Guattari (1997) among others. The method used was sociopoetics (GAUTHIER, 2012; 2003), (ADAD, 2014) – a philosophical theory and practice that allows us to collectively research, with the whole body, using artistic techniques of data production in workshops with minority groups, socially, culturally, historically and economically excluded. The research group is established by the facilitator and four (04) young gay co-researchers aged 18 years, students of the 2nd year of high school, at the Cassiana Rocha School Unit, public school in Piri-piri-PI/Brazil. The chalk body technique was used to produce plastic data and oral reports on the young gay theme that were later analyzed. The roaming diary was used to record encounters and disagreements during the walk, and also for self-analysis and analysis of the researcher's implications. As a result, the research generated the following confections and problems: The Body-Chalk-Without-Name is the young gay man who silently resists the Problem-Fear-of-a-new start, because fear locks his body and leaves him unable to react. Some of these problems do not come out of the body-chalk-outburst of the young gay man, they leave a mark. Corpo-Giz-Mundo is the young gay man who resists the problem of fear, seeking to work odd jobs to make a change. The trajectory of Corpo-Giz-Fuga is insecure, the young gay has many doubts. In the face of so much violence, the young people's performativities present powerful mechanisms – at school they put on lipstick, paint their fingernails, create wings on the school floor with what they learn. Corpo-Giz-Outburst resists like a seed resistant to the weather of life and manages to generate a tree. Finally, the study pointed out the discomfort still caused by young gay men occupying the school floor, as bodies are seen under the eyes of judgments and prejudices based on pre-established standards. Many times, because they are gay, the chalk-bodies are silenced by the teacher, the principal and their classmates. In turn, the

school, despite being a hostile space where they suffer violence, is still safer than the street and, mainly, in the family environment.

Keywords: performativities; resistance paths; gay youth; school contexts; Sociopoetics.

RODRIGES, Wesley da Silva. **SOCIOPOÉTICA DE JÓVENES GAYS EN LAS PERFORMATIVIDADES DEL CUERPO DE TIZA DE LA ESCUELA PÚBLICA DE PIAUÍ/BRASIL**. Disertación (Maestría en Educación). 144 ss. Programa de Posgrado en Educación, Centro de Ciencias de la Educación, Universidad Federal de Piauí, 2023.

RESUMEM

Esta investigación nace de implicaciones personales y académicas, a partir de los recorridos y performatividades de jóvenes gays en contextos escolares. El estudio forma parte del Programa de Posgrado en Educación de la Universidad Federal de Piauí - UFPI, en la línea de educación diversidad/diferencia e inclusión, en el Centro de Estudios e Investigaciones "Educación, Género y Ciudadanía" - NEPEGECEI y el Observatorio de la Juventud y Violencia en la Escuela – OBJUVE. El problema de investigación es: ¿Qué piensan los jóvenes homosexuales sobre sí mismos y cuáles son las performatividades presentes en los caminos de resistencia que problematizan valores preestablecidos y rompen con la invisibilidad en los contextos escolares? De esta forma, la investigación tiene como objetivo general analizar la autopercepción de los jóvenes homosexuales en las performatividades presentes en los caminos escolares de resistencia que problematizan valores preestablecidos y rompen con la invisibilidad en la escuela. Los objetivos específicos: Identificar la autopercepción de los jóvenes gays en las performatividades presentes en los recorridos que producen resistencia a los valores preestablecidos en contextos escolares y conocer la autopercepción de los jóvenes gays en las performatividades presentes en los caminos que problematizan la invisibilidad en contextos escolares. El marco teórico se basa en discusiones sobre relaciones de poder, necropolítica, performatividades, educación, juventud y diversidad/diferencia con Foucault (2013; 1993; 1988), Butler (2003; 2015), Miskolci (2012), Deleuze y Guattari (1997). entre otros. El método utilizado fue la sociopoética (GAUTHIER, 2012; 2003), (ADAD, 2014) – teoría y práctica filosófica que nos permite investigar colectivamente, con todo el cuerpo, utilizando técnicas artísticas de producción de datos en talleres con grupos minoritarios, socialmente, excluidos cultural, histórica y económicamente. El grupo de investigación es constituido por el facilitador y cuatro (04) jóvenes co-investigadores homosexuales de 18 años, estudiantes del 2º año de la enseñanza media, en la Unidad Escolar Cassiana Rocha, escuela pública de Piri-piri-PI/Brasil. Se utilizó la técnica del cuerpo de tiza para producir datos plásticos y relatos orales sobre la temática joven gay que luego fueron analizados. El diario itinerante se utilizó para registrar los encuentros y desencuentros durante la caminata, y también para el autoanálisis y el análisis de las implicaciones del investigador. Como resultado, la investigación generó las siguientes confecciones y problemas: El Cuerpo-Tiza-Sin-Nombre es el joven gay que resiste en silencio al Problema-Miedo-a-un-nuevo-comienzo, porque el miedo trava su cuerpo y lo deja incapacitado. reaccionar. Algunos de estos problemas no salen del cuerpo-tiza-arrebato del joven gay, dejan huella. Corpo-Giz-Mundo es el joven gay que se resiste al problema del miedo y busca trabajos ocasionales para lograr un cambio. La trayectoria de Corpo-Giz-Fuga es insegura, el joven gay tiene muchas dudas. Ante tanta violencia, las performatividades de los jóvenes presentan poderosos mecanismos: en la escuela se pintan los labios, se pintan las uñas, crean alas en el piso de la escuela con lo que aprenden. Corpo-Giz-Outburst resiste como una semilla resistente al clima de la vida y logra generar un árbol. Finalmente, el estudio señaló el malestar que aún provocan los jóvenes homosexuales que ocupan el piso de la escuela, ya que los cuerpos son vistos bajo la mirada de juicios y prejuicios basados en estándares preestablecidos. Muchas veces, por ser homosexuales, los cuerpos de tiza son

silenciados por el maestro, el director y sus compañeros. A su vez, la escuela, a pesar de ser un espacio hostil donde sufren violencia, sigue siendo más segura que la calle y, principalmente, en el ámbito familiar.

Palabras clave: performatividades; caminos de resistencia; jóvenes homosexuales; contextos escolares; Sociopoética.

SUMÁRIO

RABISCOS INICIAIS DO CORPO GIZ.....	1
CORPO-GIZ I: PERFORMATIVIDADES ENCARNADAS DO PESQUISADOR.....	15
1.1 Performatividades da Criança viada.....	15
1.2 A tentativa de fazer morrer corpos desobedientes.....	19
1.3 Recontar outra história	23
1.4 Uma dica bem inusitada	27
CORPO-GIZ II: PERFORMANDO ENTRE DIVERSIDADES/DIFERENÇA E JUVENTUDES GAYS	30
2.1 Diversidade/diferença e Trajetos Escolares	30
2.2 Controle dos Corpos, Sexualidade e Necropolíticas.	33
2.3 Sexualidade, discurso e performatividades	39
2.4 Um pesquisar performativo e sociopoético	42
CORPO-GIZ III: CONSTITUINDO-SE PESQUISADOR SOCIOPOETA.....	47
3.1 Aprendendo Sociopoética na prática.	47
3.2 Experimentação da Técnica Corpo-giz	56
CORPO-GIZ IV: TERRITÓRIOS JUVENIS DA PESQUISA E A FORMAÇÃO DO GRUPO-PESQUISADOR	60
4.1 “Piripirizando”: performances produzidas em uma cidade do interior do estado do Piauí.60	
4.2 Ao rés-do-chão da escola	65
4.3 Passos da Oficina de Negociação	68
CORPO-GIZ V: PROCESSUALIDADE DA TÉCNICA: A PRODUÇÃO DE IMAGENS E RELATOS	72
5.1 Produção do jovem gay na escola: imagens e relatos	72
5.2 Costuras enviesadas – análise plástica e classificatória	86
5.3 Análise Classificatória: cartografando o pensamento do grupo	87
CORPO-GIZ VI: JOVENS GAYS NO CHÃO DA ESCOLA: INVISIBILIDADES E RESISTÊNCIAS.....	91
RABISCOS FINAIS.....	101
REFERÊNCIAS	107
APÊNDICE A – Lista de materiais das oficinas.....	115
APÊNDICE B – Roteiro da oficina de negociação	117
APÊNDICE C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	119
APÊNDICE D – Autorização Institucional.....	123
APÊNDICE E – Termo de Aquiescência	124
APÊNDICE F – Roteiro da oficina de produção dos Dados	125
APÊNDICE G – Ilustrativo da análise classificatória	129
APÊNDICE H – Ilustrativo do Formulário de Inscrição	133

ANEXOS 134

RABISCOS INICIAIS DO CORPO GIZ

Como fazer para iniciar? Não sei! A incerteza é o chão para qualquer pesquisador/a nessa vivência/experiência acadêmica, principalmente intensificado com o ensino remoto e o isolamento/distanciamento social – medidas preventivas para o enfrentamento da pandemia do COVID-19. Dessa forma, foi preciso cuidar dos familiares doentes. Adoecemos! Entramos em crise de ansiedade. Perdemos inúmeras vidas.

Os corpos passaram por mudanças. Ausência do convívio social foi doloroso. Um caminhar, no qual, se perde e se encontra neste andar. Por isso, precisamos rever as ações e as relações humanas, entender que há pessoas se recuperando de coisas sobre as quais não falam. Nem todos os corpos partem do mesmo ponto – isso é uma leitura transformadora de realidades.

A pandemia nos torce. Para isso, precisamos transversalizar na produção escrita para problematizar práticas, modos e “re-inventar” novos sentidos, co-criando com co-responsabilidade e o corpo inteiro – minha escrita é permeada de afetos, emoções e subjetividades. Estou falando a partir do *meu lugar* rompendo com o academicismo clássico e dominador que pouco se importa com as experiências dos corpos.

Escrever, para mim, é dançar. Algo que me dá prazer e me faz sentir vibrante. Porém, ao ouvir o discurso machista do meu orientador no período da graduação: “você escreve como uma *mulherzinha*. Cheio de emoção. Parece que estou lendo um poema. Seja *técnico*. O que a gente sente não importa para academia. É balela”. Esse comentário me bloqueou. Não foi fácil prosseguir na pesquisa. Mas resisti.

Sou Especialista em Dança e Consciência Corporal e em Docência para o Ensino Superior. Ao escrever este texto passei por dificuldades e a fala do professor tornou-se um gatilho produtor de medo. E, dessa vez, a abordagem qualitativa me escolheu para trilhar com ela. O método da Sociopoética foi um encontro. Ele me autoriza a ser quem eu sou – e levando em conta os seus cinco princípios eu tenho certeza de produzir um potente estudo.

Desse modo, falando do meu lugar, compreendo que no caminhar existem as formas de “governabilidades” que implantam necropolíticas, as quais, podem ser caracterizadas como uma gestão política de morte que silenciam vozes e ditam corpos que podem viver – isto é, um conjunto de dispositivos e de técnicas que decidem quais corpos são matáveis e quais não são. Um reflexo disso é o número de 689 mil mortes pela Covid-19, conforme o Painel do

Coronavírus Brasil de 2022. Atualizado em: 24/11/2022 às 12h34min. Acesso em: <https://covid.saude.gov.br/>.

Assim, o andar incerto é um território com limites, porém um corpo tem as suas fronteiras. Lugar de comunicação, trocas e produção de outros mundos. Por isso, para pensar no início desse trajeto de pesquisa, foi necessário voltar-me ao meu corpo – minhas marcas/cicatrices visíveis e invisíveis, a fala, a expressão corporal, o sentir, o dançar que vivem em mim, que produzem vida, arte, cultura e conhecimentos apoiado em minhas vivências e experiências.

Em virtude disso, de antemão, peço a quem for ler/ouvir/apreciar este estudo – permita-se dançar de *olhos vendados*¹. Siga o fluxo do movimento. Permita-se desnudar o corpo para uma experiência vívida, livre de julgamentos e sem a expectativa de ofertar soluções. Proponho, portanto, que se deixe fruir na produção coletiva do sentir-pensar a vibração de novos mundos, outras maneiras de problematizar o tema-gerador: o jovem gay.

Na ação de escrever esta dissertação, tendo como base as minhas vivências e experiências, sinto-me pesquisando com o corpo inteiro, olhando para o mundo – uma pesquisa encarnada, tão visceral, como se eu utilizasse um bisturi para dissecar e apresentar – meu corpo. Rabiscos em mim/nós. Pesquisar com/entre jovens gays é dar passagem de voz, por meio da qual, podem definir suas realidades e contar suas histórias, apresentar suas experiências distintas e outras perspectivas. Não quero enfatizar a dor. Mas sim, anular as amarras, violências e silêncios guardados comigo, com o outro e o mundo ao nosso redor.

Para isso, foi necessário conhecer a temática “juventudes” e seus atravessamentos. Nesse processo foi extremamente significativo participar do curso de Extensão Juventudes, Escola e Projetos de Vida na BNCC, pois estudar as juventudes é criar elos – a partir dela podemos fazer relações com a infância e a vida adulta, afinal, as/os jovens são a sociedade. Os coletivos juvenis contemporâneos são sujeitas/os de direito, seres políticos que produzem torções nos padrões culturais normativos, na sociedade, na política principalmente na educação.

Por essa razão, como pensar escola e as/os estudantes sem conhecer suas diversidades, diferenças e vulnerabilidades? Essa pergunta me instiga. Afinal, nenhum/a docente em meu trajeto escolar buscou conhecer minha história – saber sequer um pouco sobre mim – as minhas vivências e experiências parecem não ter importância para escola.

¹ A modernidade nos deixou prejuízos para o nosso enxergar.

Afirmo que não aprendi na escola, tampouco na Universidade (formação inicial), *a escutar e cuidar das pessoas*, principalmente a conhecer suas histórias de vida. Atualmente, me sinto; reaprendo a ser aluno e professor com o Programa de Pós-graduação em Educação, especialmente com auxílio de minha orientadora Professora Dra. Shara Jane Holanda Costa Adad.

Reconhecer-me nessa dinâmica e interagir com as vivências e experiências no mestrado é uma transgressão – outra pedagogia. Uma pedagogia que faça pensar e inventar uma formação mais coletiva. Observo nas relações educacionais a existência de barreiras divisoras da educação assim como também da sociedade – uma delas é viver em bando. Semelhante a um imenso rizoma – uma planta, da qual, as raízes buscam nutrientes para a criação de novos ramos, estes propícios à troca de saberes e à interação dos pares com as diferenças.

O modelo de formação utilizado na minha licenciatura em Educação Física me ensinou a servir ao capitalismo e a reproduzir o ideal de que é preciso superar todos os obstáculos, inclusive eu mesmo, para conseguir o “sucesso” – todavia não sei se me tornei uma máquina produtora desse formato. Mas havendo me tornado, estou empenhado em reaprender novos modos e práticas que possibilitem criar outra educação e novas pedagogias transformadoras de novos mundos, capazes de perceber as diversas formas de existências e de vir a ser.

A estrutura escolar vigente não se importa com todos os corpos, mas com a capacidade de produção oferecida por eles para o sistema – a educação enxerga/avalia esses corpos de forma numérica e conceitual; ensinando-os à/na individualidade, objetividade, competição e à/na exclusão e não para aprenderem a/na coletividade.

Por isso, eu escolhi ser docente e fazer uma prática sensível diante do que está pré-estabelecido. Na verdade, meu corpo não é o padrão para a caixinha pedagógica – sou um jovem do interior, gay, gordo e empobrecido. Parafraseando a canção de Gloria Groove “E a bonequinha/ Tá cheia de graça/Ela não brinca/Ela pirraça/Ela é zika/Ela esculacha/A bonekinha/ Tá fora da caixa”.

Aproveito para explicar que a “bonekinha” integra o quadro de docentes efetivas/os da Prefeitura Municipal de Teresina-Piauí, onde ministro os componentes curriculares de Educação Física, Dança e Teatro na Escola de Tempo Integral Marcílio Flávio Rangel para vinte e duas turmas do 1º ano ao 9º ano do ensino fundamental.

Enfatizo que a gestão municipal indeferiu meu processo de afastamento para capacitação profissional. O sistema, por mais que dificulte a formação continuada de

professoras/es, não foi capaz de impedir a realização do meu sonho de ser estudante do Programa de Pós-Graduação em Educação – UFPI.

Para esse passo inicial, utilizo o meu memorial produzido em 2021 na disciplina de Análise Institucional e Cartografias das Práticas Instituintes de Pesquisa em Psicologia cursada no Programa de Mestrado em Psicologia da Universidade Federal do Delta do Parnaíba – UFDPAR, no qual relato as minhas linhas/rabiscos: cruzadas, espiraladas e labirínticas de uma trajetória de vida e experiência artística com performatividades, criação e resistência de ser quem sou, mas que aprendeu também a silenciar seus desejos e prazeres conforme o modelo patriarcal – que estabelece o poder do homem “macho” nas relações sociais. E, posteriormente, fiz uso desse diário de itinerância, o qual se tornou uma espécie de figurino utilizado nesta dança.

Contudo, tais linhas/rabiscos tornam-se mais visíveis agora, tendo em vista a desconstrução lógica binária que, por muito tempo, me fez olhar as *gays pessoas* na perspectiva de inferioridade (vestígios do legado colonial). Quando o ideal de “homem” é contrariado, sucede-se um estranhamento o qual acarreta essa dualidade estrutural e delinea os caminhos marcados pelos interesses dominantes “não humanos”. Logo, necessitava me converter – vivia no pecado, à margem de não ter salvação. Consequentemente, foram edificadas estruturas labirínticas no meu mover – um corpo colonizado/colonizador, homofóbico – isso me faz questionar sobre o lugar de onde sou.

Essa ideia me faz refletir acerca das ações de invisibilidade que adormecem meu corpo como, por exemplo, nas muitas vezes que me senti incapaz de concluir algo em minha vida, seja por não acreditar na minha capacidade por achar que meu conhecimento é inferior se comparado às performances de professores e estudantes; seja pela tentativa da sociedade tentar naturalizar a ausência de pessoas *Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer, Intersexo, Assexual e o + é utilizado para incluir outros grupos e variações de sexualidade e gênero* – LGBTQIA+ em lugar de destaque. Quantas vezes eu chorei conversando com Deus: “Senhor, por que eu sou assim”?

A ausência de representatividade LGBTQIA+ na minha trajetória social e escolar me despotencializou fisicamente e emocionalmente – passei a ter uma postura heteronormativa, insegura, pensativa e dispersa. Quando estiver em algum espaço e houver poucos do seu bando, incomode-se. É preciso se posicionar para que outros possam ocupar seus lugares, de ordem pública ou privada, a fim de garantir visibilidade, o acesso, a permanência e o respeito a todos e por todos.

Desde o início da minha trajetória, carrego as memórias que convivem e conviveram em meu corpo juntamente com um misto de alegria e dor. Então, opto por relatar essas duas vivências, pois ocultando uma e edificando outra, eu não seria capaz de abordar minha identificação de resistência cultural, relacionando-a à minha linha de educação diversidade/diferença e inclusão no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Piauí. Para possibilitar esse “link” ao passado, foram necessárias cinco tentativas até a tão sonhada aprovação do mestrado.

Antes de tudo, eu preciso gritar! Para isso, trago o trecho da canção “O que se cala” de Elza Soares:

O que se cala
“Mil nações moldaram minha cara
Minha voz uso pra dizer o que se cala
O meu país é meu lugar de fala”.

Aproveito, para por meio da música, defender meu lugar de fala e de outros corpos, os quais o sistema tenta silenciar e apagar mediante práticas, padrões e tantas outras formas de segregar, rotular e impedir o nosso andarilhar – meu corpo gay é uma afronta por onde ele passa. Nossa juventude quer gritar, quer falar! Se preciso for, ela irá vomitar. A luta pelo direito à Educação, Saúde, Cultura e o Bem viver deve ser incessante. Com o objetivo de ocupar as escolas, as Universidades, seus currículos, suas práticas e bibliografias – chega de tentar calar e invisibilizar corpos, histórias e experiências dos jovens gays.

Eu fui uma criança que não brincou. Mergulhado em repressões que me faziam invisibilizar meu ser, também absorvia preocupações do ambiente de insegurança construído pela relação conflituosa entre meus pais. Os meus primeiros brinquedos foram responsabilidade familiar e a preocupação em “ser alguém” – tive que crescer de forma precoce. Meu pai chegava em casa alcoolizado após dois ou três dias de farras. Minha mãe não tinha o direito de fazer qualquer reclamação.

Cresci acompanhando o sofrimento e ouvindo as lamentações da minha mãe. Passamos por muitas necessidades, seja pela falta de alimentação, seja pela ausência de afeto, respeito e cuidado. Meu pai operava a relação conjugal e familiar de forma machista – um “macho escroto” construído pelo patriarcado e treinado a pensar que a mulher é submissa ao homem – logo, ela deve aguentar as violências e abusos em silêncio, tudo em nome do compromisso selado no matrimônio para manter a família.

Como resultado, meu corpo passou por transformações, um dançar descontraído que se constituiu mutante – um bicho camuflado, observador, silencioso e feroz ao se defender. Eu precisei me *camuflar* para me adaptar e subsistir às violências e preocupações na infância. Então, me questionava: como ter o meu pai na condição de referência/espelho? Manuel de Barros disse:

Quando eu nasci
o silêncio foi aumentado.
Meu pai sempre entendeu
Que eu era torto
Mas sempre me aprumou.
Passei anos me procurando por lugares nenhuns.
Até que não me achei – e fui salvo.
Às vezes caminhava como se fosse um bulbo. (Manuel de Barros)

A escola me ensinou que a palavra pai era sinônimo de herói/melhor amigo/protetor. Porém, percebo que a história, a cultura, a sexualidade e a escrita é uma invenção. Inclusive, a escrita dá sentidos, significados e expectativas às palavras que destoam da exatidão dos fatos, vivências e experiências – o que há de fato é um jogo de poder por meio do discurso. Quem pode falar? A palavra viva torna-se morta conforme o ditar dos interesses que circulam ao redor do dominador.

Contudo, para obter essa percepção, não foi preciso fazer leitura de livros ou estar em sala de aula, simplesmente bastou entrar na frente do meu pai, o qual estava com uma colher de pau na mão, para defender minha mãe de uma agressão física – *Eu*, criança de oito anos de idade. Pequeno. Indefeso.

Nesse trajeto de criança me indagava: se eu era o problema da minha família; Ou se a minha existência era o motivo para tanto sofrimento. Afinal, era nítida a indiferença que meu pai a mim dispensava. Sem ele, inventei um campo de fortaleza dentro de mim – uma armadura de proteção. Eu me fiz o meu próprio pai. Também pai de minha irmã. Um amigo leal da minha mãe. Assumi uma responsabilidade/papel que não me pertencia, que não deveria ser para um filho ou uma filha na infância ou na adolescência.

Quando ganhei uma bicicleta do meu pai, imaginei que seria uma forma de estarmos juntos. Um novo recomeçar. Porém, ocorreu algo que se torna fora da lógica: foi como ganhar alguma coisa, mas não a possuir completamente. Novamente, com ausência dele eu aprendi a andar de bicicleta. Quantas tentativas e quedas até eu conseguir me equilibrar e sair do lugar.

Ressalto que caí, caí e caí. Ralei os meus joelhos – chorei! Quantas vezes eu olhei para trás, (pare, respire e imagine). Esperei alguém me incentivar. Falar que a dor iria passar.

“Filho, não desista! Estou Aqui!” Aprendi a secar sozinho as lágrimas que percorriam minha face e busquei ressignificar ausência do meu pai: ele realizava um trabalho braçal em decorrência do meu avô ter falecido quando meu pai era apenas um bebê; minha avó ficou viúva com treze filhos, não sendo capaz de possibilitar a eles a oportunidade de estudar. Sim, meu pai é analfabeto do mesmo modo que também seus pais não tiveram acesso ao estudo. Logo, diante desse contexto entendo ausência dele. Todavia, atualmente a nossa relação passou por boas mudanças e, aos poucos, estamos resgatando e construindo os vínculos entre pai e filho. Mas o patriarcado e o preconceito me impediram de ter uma infância e adolescência “felizes”.

Afirmo que minha vontade de aprender e me superar foram maiores do que as dificuldades que me forçavam a desistir. Peguei minha bicicleta e continuei o meu desafio em busca de mais conhecimento. Nessa fase da vida eu decidi olhar para o mundo como artista – “é um olhar para baixo que eu nasci tendo”. (Manoel de Barros).

Nesse universo, compreendo as juventudes como um dos seguimentos que são afetados por práticas e concepções as quais foram naturalizadas nas relações sociais e institucionais ao longo de nossa história e que ficam bem evidentes em nossas reminiscências. Apesar disso, o resultado foi uma *metamorfose* – transformação de vida². E, nesse contexto, “a condição de ser afetado, é também o lugar onde algo estranho pode acontecer, onde a norma é rechaçada ou revisada, ou onde começam novas formulações de gênero” (BUTLER, 2014, p. 7, grifos nossos).

Assim, na maioria das vezes, as juventudes LGBTQIA+ são retratadas de maneira subalternizada ou então reduzida à condição de impuridade, revelando-se, dessa maneira, que os espaços na sociedade eram distribuídos a partir do pertencimento cis-heteropatriarcado de cada pessoa ou de cada grupo de pessoas. Dentro do universo das desigualdades, a juventude LGBTQIA+ tem sido um dos grupos que sofre os impactos desse processo que foi institucionalmente naturalizado por práticas, currículos e políticas públicas.

Ao analisar os diferentes recortes (etário, etnia, gênero), observo que há um retrato de como as práticas discriminatórias foram utilizadas para culpar essas comunidades pelo

² O prefixo “trans” – que seja entendido por “jovens gays”, emerge e se destaca como uma categoria subversiva por instaurar, diante das normas estabelecidas, fatores que possibilitam novas vivências e tensionam toda a cena do contexto social, posicionando suas ações e refutando a “heteronorma” ou qualquer imposição social preestabelecida. Assim, o sufixo “formação” – a criação e resistências no processo de formação. A palavra “vida” nesse contexto deve ser compreendida “vida-arte”, experiências de juventudes que tentam transformar realidades por meio da arte.

fracasso delas, por não aproveitarem as regalias oferecidas pelo sistema. “Muitas dessas imagens ilustravam os livros didáticos, outras circulavam de outras formas: cartazes, revistas, jornais, novelas e programas humorísticos” (OLIVEIRA, 2017, p. 21).

Nesses programas humorísticos, os “risos” tornaram-se “chacotas” – violências contra pessoas com deficiências, pretas, gordas, LGBTQIA+, isto é, que acabam repercutindo como sinônimos de desprezo, fraqueza, limitação e submissão, em uma sociedade colonizada como se as sexualidades e os “corpos diversos” fossem insanos, abjetos e anormais. Logo, sua participação deveria ser “cancelada” das relações com os espaços sociais e de “escolarização”. Isso reafirma a necessidade de compreender a sociedade enquanto constituída de corpos diversos³, logo, onde há resistência, há poder.

A comunidade LGBTQIA+ é um movimento político e social que defende as diversas sexualidades e formas de amar, bem como buscar mais representatividade e direitos para essa comunidade. O seu nome demonstra a sua luta por mais *inclusão* e respeito às diversidades/diferenças. Cada letra representa um grupo de pessoas que sofrem diferentes tipos de violência simplesmente pelo fato de não se adequarem àquilo que foi normatizado como sendo o “padrão” na sociedade.

A partir da identidade de gênero rememoro a experiência vivenciada em (2020) que me fez produzir o projeto inicial deste estudo. Enquanto docente da área de conhecimento da dança presenciei a violência e a discriminação de alguns professores/as e alunas/os e, inclusive, de uma pedagoga que riram de um jovem por seus “traços afeminados” ao pedir para ser tratado pelo gênero feminino. Nesse momento a pedagoga responde: “ainda não é tempo de você saber se é “menino” ou “menina”! Por isso, dê-se ao respeito!”.

Ou seja, uma reprodução linear das concepções religiosas/sexuais/generificadas de Damares Alves (2019), Ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos do Governo Bolsonaro nas quais “menino veste azul e menina veste rosa”. Comprovando-se, então, a violência imposta às crianças/jovens gays em contextos escolares.

Esse fato foi exposto na sala de professoras/es com tom de “riso”. Ratificando que a sociedade contemporânea se constituiu sob um processo heteronormativo⁴, sendo a educação disciplinar uma das instâncias pedagógicas da educação básica. Ressalto que alguns colegas de trabalho acharam isso muito engraçado! Esse riso foi o mote para que eu fizesse uma

³ Corpos diversos: corpos não normativo-dissonantes.

⁴ Processo heteronormativo: é a ideia de que apenas relacionamentos heterossexuais - isto é, entre pessoas de sexos opostos - são considerados corretos ou normais.

reflexão, sobretudo, se a expressão “dar-se ao *respeito*” significaria o *silenciar de corpos*. Em vista disso, o “poder” controla e disciplina minuciosamente os corpos e não precisa de um espaço fechado para funcionar e atingir a/o sujeita/o.

Por isso, saliento que foi difícil permanecer na minha trajetória escolar. Agradeço aos meus pais: uma mulher com o ensino fundamental, merendeira escolar e um homem analfabeto, carpinteiro, cujos pais também não tiveram oportunidade de estudar – uma benzedeira e um vaqueiro; meus avós maternos eram um agricultor rural e uma dona do lar; e à minha madrinha, irmã de minha mãe, uma empregada doméstica não alfabetizada. Até o exato momento eu sou o único da minha família que tem um curso superior.

Aproveito para agradecer por ter participado de programas como: Programa de Transporte Escolar Municipal Gratuito – Vai e Volta; usuário do Programa Nacional de Inclusão de Jovens (Projovem Adolescente), para o qual, posteriormente, retornei com formação superior e tive a oportunidade de atuar na coordenação, mas com outra nomenclatura: Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos de 15 a 17 anos (SCFV).

Esse é meu lugar – um jovem nascido no dia 24 de fevereiro de 1992 na zona rural de Piripiri-Piauí, que segundo (ABRAMO, 1997, grifo nosso) “*as juventudes presentes* nessa fase histórica se configuram como uma categoria social, formada por símbolos contemporâneos e marcada pelo resgate de valores à sombra dos valores adultos”.

No entanto, através da dança comecei a reivindicar direitos e ocupação de espaços, sejam eles a escola, os programas sociais, a universidade, a rua, inclusive, na produção dos conhecimentos – a violência, invisibilidade e os silenciamentos de corpos nos incentivaram a estudar e pesquisar para a educação, diversidades/diferença.

A dança foi minha fuga! Um encontro com a potência do meu corpo. A possibilidade de pertencimento na educação com/entre jovens, o fazer artístico desvalorizado pelas instituições, sobretudo, a escola, mas que nos trouxe a realização acadêmica e profissional.

Destarte, o mover-se é o meu novo *ciclo* com o ingresso no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí – UFPI, na linha de educação diversidades/diferença e inclusão. Mas, foi no habitar do Núcleo de Estudos e Pesquisas em "Educação, Gênero e Cidadania" - NEPEGECI e o Observatório das Juventudes e Violências na Escola – OBJUVE, onde suscitou em mim o sentimento de estar *vivo*!

Ou seja, estar vivo, isto é, reimaginar o mundo em cada gesto, palavra, relação com o outro, modo de existir - toda vez que a vida assim o exigir. (ROLNIK, 2018, p. 195). Principalmente, por estar desconstruindo um corpo marcado com/entres sociopoetas, afetos e

poéticas, aproveitando para expressar a importância do NEPEGECEI e do OBJUVE nesse caminhar.

Investigo as/os jovens estudantes porque, normalmente, elas/es têm expressivo potencial criador pois apresentam novas concepções culturais, sociais e políticas; e provocam a sociedade no que diz respeito aos desafios do mundo globalizado. Por conseguinte, as juventudes propõem diferentes formas de ver, entender e se relacionar com a vida. Seja por meio das redes sociais, produções musicais, danças, dublagem de vídeos; seja por meio de outras técnicas que possibilitam encontros, modos, linguagem e comunicação.

Desse modo, levantamos como problema de pesquisa:

O que os jovens gays pensam sobre si e quais são as performatividades presentes nos trajetos de resistências que problematizam os valores pré-estabelecidos e rompem com a invisibilidade nos contextos escolares?

O problema teve como desdobramento as seguintes questões:

- a) Qual a percepção de si de jovens gays nas performatividades presentes nos trajetos escolares de resistências que problematizam os valores pré-estabelecidos e rompem com a invisibilidade na escola? b) De que maneira as performatividades de jovens gays presentes nos trajetos escolares de resistências que problematizam os valores pré-estabelecidos e rompem com a invisibilidade na escola?

Com efeito, o objetivo geral é: analisar a percepção de si de jovens gays nas performatividades presentes nos trajetos escolares de resistências que problematizam os valores pré-estabelecidos e rompem com a invisibilidade na escola. Os objetivos específicos: Identificar a percepção de si de jovens gays nas performatividades presentes nos trajetos escolares que produzem resistências aos valores pré-estabelecidos nos contextos escolares, conhecer a percepção de si de jovens gays nas performatividades presentes nos trajetos que problematizam a invisibilidade nos contextos escolares.

Em vista disso, o interesse pelo aprofundamento no estudo desta temática recai sobre a importância na construção social da identidade, em especial, de jovens como atores sociais criativos, no consumo cultural e nos movimentos sociais – isto é: no caráter distintivo das culturas juvenis locais num mundo globalizado. Assim sendo, o assunto em estudo sobre os jovens gays contribuirá significativamente para fomentar reflexões sobre a representação das diferenças; romper com os valores pré-estabelecidos e modos de invisibilizar, silenciar e matar pessoas LGBTQIA+ quando não as desconsideram vidas que importam.

Como diz (BUTLER, 2014) se algumas vidas não são percebidas como vida, “a dimensão ética é o que nos permite exercer a liberdade e resistir” como poesia. Logo, reconhecer as multiplicidades é romper com tecnologias que fazem morrer – não é só o Estado que aplica a injustiça, indiferença e a violência, mas também o sujeito. Portanto, Lugones afirma ser a tarefa descolonial: “a necessidade de mostrar as contribuições epistemológicas produzidas por sujeitos que habitam o fora do pensamento patriarcal colonial moderno”. (LUGONES, 2019, p. 371).

Assim, Heloísa Hollanda com o livro *Explosão Feminista* lançado em 2018, pondera:

A existência de uma nova geração política, na qual se incluem as feministas, com estratégias próprias, criando formas de organização desconhecidas para mim, autônomas, desprezando a mediação representativa, horizontal, sem lideranças e protagonismos, baseadas em narrativas de si, de experiências pessoais que ecoam coletivas, valorizando mais a ética do que a ideologia, mais a insurgência do que a revolução. *Enfim, outra geração*. (HOLLANDA, 2018, p. 12, grifo nosso).

No destaque: “enfim, outra geração” pode sintetizar a potência das juventudes contemporâneas diante dos enfrentamentos, desafios e padrões pré-estabelecidos pela sociedade, fazendo uma comparação da sua geração feminista jovem. Neste estudo optei por utilizar a palavra juventudes (no plural), no intuito de dar maior visibilidade às **diversidades/diferenças** desse grupo, rompendo, pois, com as recorrentes homogeneizações de jovens em documentos, leis e políticas públicas. De acordo Juarez Dayrell:

Construir uma noção de juventude na perspectiva da diversidade implica, em primeiro lugar, considerá-la não mais presa a critérios rígidos, mas sim como parte de um processo de crescimento mais totalizante, que ganha contornos específicos no conjunto das experiências vivenciadas pelos indivíduos no seu contexto social. Significa não entender a juventude como uma etapa com um fim predeterminado, muito menos como um momento de preparação que será superado com o chegar da vida adulta. (DAYRELL, 2003, p. 42).

Em decorrência da homogeneização de jovens, os contextos escolares revelam situações, procedimentos pedagógicos e curriculares estreitamente vinculados a processos sociais. Por meio destes, desdobram-se e aprofundam-se a produção de diferenças, distinções e clivagens sociais que, entre outras coisas, interferem, tanto na formação e desempenho escolar quanto no “corpovida”, graças aos enunciados dominantes de “sucesso” e de “fracasso” escolar. Esses enunciados atribuem culpabilidade às famílias ao mesmo tempo em que retiram a responsabilidade do Estado referente à garantia da qualidade da educação, equidade, diversidades, além de capturar e governar a potência desestabilizadora da diferença.

Por isso, quando falamos das diferenças na Educação, precisamos ter cuidado para não querermos administrá-la, pois isso significa capturar, desativar e governar a potência desestabilizadora da diferença. E como entender essas duas palavras—diversidade e diferença—no seio da discussão da democracia, da justiça social e da inclusão na Educação? As palavras diferença, diversidade e tolerância na Educação, por vezes tão gastas que perdem seu potencial de possibilitar outros modos de educar, são incorporadas nas discussões educacionais, mas trazem poucas mudanças. (ADAD; NASCIMENTO; MARTINS, 2020, p. 3).

Advogo que a articulação social da diferença, na perspectiva das chamadas “minorias”, é um todo complexo em processo de negociação e de resistência à heteronormatividade, que tem por objeto o juvenil em criação e surge em momentos de transformação histórica sendo, portanto, merecedora de pesquisa e análises cada vez mais aprofundadas.

Penso, ainda, que esta pesquisa se faz importante para que aconteça uma reflexão sobre estratégias de como manter o homossexual no ambiente escolar; e um currículo que dê passagem às pessoas LGBTQIA+, a fim de que consigam chegar ao final da educação básica e; descortinem novas perspectivas e inserções educativas.

A propósito, meu interesse em fazer essa investigação na escola Unidade Escolar Cassiana Rocha nasce da minha própria experiência por ocupar esse espaço ao longo de anos, experimentando a escola não apenas como um local de aprendizagem e diversidade de corpos, mas também um ambiente de práticas discriminatórias e violências em formas diversas.

A finalidade da cartografia do mapa chão é andarilhar o percurso das diversidades de corpos, agenciamentos de afetos, processos de criação e de resistências nas práticas educativas com/entre jovens como produção de novos conceitos e novas maneiras de problematizar na contemporaneidade.

A pesquisa foi realizada em escola pública, a Unidade Escolar Cassiana Rocha, com jovens estudantes gays, do 2º ano do ensino médio e com idade de 18 anos, na cidade de Piripiri, Piauí, Brasil. O grupo-pesquisador é composto por co-pesquisadores indígenas, quilombolas e brancos. Utilizei o formulário de inscrição para a identificação da orientação sexual e etnia dos participantes que será descrita no capítulo metodológico.

Para a concretização deste estudo, ancoro-me no Método da Sociopoética, abordagem filosófica de pesquisa grupal que percebe e valoriza os saberes populares e acadêmicos iguais em direitos e que utiliza de dispositivos artísticos para pesquisar com o corpo inteiro e produzir coletivamente outros pensamentos, confetos (conceitos + afetos), problemas e personagens conceituais (GAUTHIER, 2012; ADAD, 2014).

Ao ler esta dissertação, espero que as/os leitoras/es possam dançar com seus corpos por meio de duções (são os vários movimentos oculares do/a leitor/a ao atribuir plurissignificação ao texto), da escrita performática, imagens, poemas e músicas de artistas gays. Digo que este estudo está repleto de dispositivos artísticos, novas práticas, outros pensamentos, confetos e, acima de tudo, resistências. Ao escrever cada capítulo estou performando e produzindo, juntamente com os jovens, o meu corpo-giz. Ou seja, este texto é o produto do compartilhamento de experiências vivenciadas por mim, bem como, pelo/com o grupo-pesquisador.

No **“Corpo-giz I: Performatividades encarnadas do pesquisador”** apresento meu trajeto nas instituições controladoras de corpos: família, escola, igreja e sociedade. Performatividades de uma criança viada, posteriormente jovem gay que resistiu às violências, abusos e à vida precária. Essas experiências embasam minhas implicações ao discutir e refletir sobre a condição de um jovem gay da zona rural que morou em São Paulo.

No **“Corpo-giz II: Performando entre diversidades/diferença e juventudes gays”** discorro, através de leituras, sobre escola, diversidades/diferenças, gênero, performatividades e a Sociopoética, me apropriando de conceitos para pensar os trajetos juvenis diante dos valores pré-estabelecidos pela norma e a invisibilidade vivenciada por eles.

Em **“Corpo-giz III: Constituindo-se pesquisador sociopoeta”**, abordo aspectos relativos à minha constituição como pesquisador, apontando os percursos andarilhados durante a pesquisa, visando por meio dela, a me tornar um sociopoeta, estudioso em diversidade sexual. Sendo assim, aprendo sociopoética na prática ao fazer o experimento da técnica corpo-giz, por meio da qual o giz materializa a produção artística.

No **“Corpo-giz IV: Territórios juvenis da pesquisa e a formação do grupo-pesquisador”**, apresento o território da pesquisa: a cidade de Piripiri/ Piauí/ Brasil, suas riquezas culturais e performances produzidas pelos munícipes, o qual me possibilitou a criação/invenção do verbo “piripirizar”. Em seguida, apresento a Unidade Escolar Cassiana Rocha, escola pública de ensino médio onde foi realizada a pesquisa, e a descrição dos passos da oficina de negociação, desde a escolha do tema-gerador, dos espaços e tempos da pesquisa até a formação do grupo-pesquisador.

Em **“Corpo-giz V: Processualidade da técnica: a produção de imagens e relatos”** aponto a maneira como foram produzidos os dados da pesquisa e a análise acerca do que foi relatado pelos jovens na escola. Além de mostrar o modo como foi aplicada a técnica corpo-giz.

O **“Corpo-giz VI: Jovens gays no chão da escola: invisibilidades e resistências”**, demonstra as percepções dos jovens, as artes plásticas, através das quais eles expuseram as suas vivências, e que através disso, transformaram-se em um coletivo pensador. Também aproveito para discorrer sobre os passos para as análises classificatória, plástica e o estudo transversal e aponto os resultados.

“Rabiscos Finais”: Faço reflexões sobre a pesquisa realizada, de forma a evidenciar que não é um desfecho definitivo sobre a temática abordada, porque espero que esse tema se desdobre, se novele, se ramifique e germine outros estudos.

CORPO-GIZ I: PERFORMATIVIDADES ENCARNADAS DO PESQUISADOR

Gay (Interlúdio) – Gloria Groove

Essa daqui é praquelas gay
 Que no prézinho já sabia que era gay
 A criançada apontava: Cê é muito gay
 Já brincava com as barbie: Teu filho é gay, eu bem que te avisei
 É praquelas gay que num sabia bem porque era ruim ser gay
 Sentiu na pele bem cedo como tratam as gay
 Já brigou com Deus: Por quê me fizeste gay? Queria ser alguém
 Já não temas, gay
 Aquilo que não mata fortalece um gay
 Sente o quanto te empodera ter nascido gay
 Em teus olhos um espelho onde eu me enxerguei
 É que eu também sou gay
 E levante, gay
 Que a luta ainda não acabou pras gay
 Que a nossa vitória vai ser o close, gay
 E que se eu tô aqui hoje dando voz pras gay é por ser
 Gay

Composição: Gloria Groove.

Aqui, abordo sobre meu trajeto e performatividades de criança viada na escola, na família, igreja e sociedade; fazendo analogia com telas da artista Bia Leite e os registros da minha infância, apresento as gays-crianças-jovens como uma potência criadora e de resistência às tentativas de fazer morrer corpos desobedientes.

1.1 Performatividades da Criança viada

Ao dialogar com Glória Groove, no seu Interlúdio, no qual evidencia cenas cotidianas de gays desde a sua inserção escolar, retrato a criança gay já mencionada por meio da expressão “Cê é muito gay”. Ao chegar à escola, em São Paulo, retirante do Piauí, senti que aquele lugar não era para mim. Observava a linguagem diferente e, quando eu falava, os

discentes sorriam e apontavam: *Aquela ali é o Piauí!* Discurso racista/xenofóbico que define as manifestações de aversão, hostilidade, ódio contra pessoas nordestinas que são vistas forasteiras em outras regiões. Não entendia o diálogo, os comportamentos, uma vez que as relações de poder tornaram aquele espaço estranho. A criança em mim passou uma infância reprimida, distante do brincar, morador de um *barraco* de dois cômodos e um banheiro. Realidade de um piauiense, morador de favela e alvo de violências.

Em decorrência disso, por ser um jovem gay afeminado em situação de vulnerabilidade, pelo contexto local e sua constituição de estrutura social, fui julgado, observado, violentado em minha trajetória escolar. Considerado um corpo estranho fora da normalidade pelos chamados trejeitos de “bicha” – uma criança de fala suave, sensível, amiga e brincante da dança. Conforme as imagens 1 e 2.

Imagem 1: Festa de Batismo e **Imagem 2:** Festa Junina do EMEI Catulo da Paixão



Fonte: Imagens do Pesquisador

Eu sou um corpo que incomoda às instituições como a família, igreja, justiça, principalmente a escola, dentre outras. A criação e a performance, com maior e menor intensidades, começam a cartografar o Queer – “o estranho” em mim – com a finalidade de agenciar micropolíticas para a construção de outros contextos nos quais esses corpos tenham seus interesses garantidos

Esse corpo, assim como a sexualidade, foi marcado pelos binarismos operadores em diversas dimensões e com diferentes alcances (hétero/homossexual, cultura/natureza, feminino/masculino, conhecimento/ignorância). Contudo, quando eu me afirmo corpo com

desejos e vontades, faço “desconfiar do que está posto e olhar de mau jeito o que está posto; colocar em situação embaraçosa o que há de estável” (LOURO, 2004, p. 64).

A sexualidade é um dispositivo histórico do poder que se desenvolveu nas sociedades ocidentais modernas desde o fim do século XVIII, em conformidade com o que diz Foucault:

A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder. (FOUCAULT, 1988, p. 117).

O autor, ao explorar o dispositivo da sexualidade faz um questionamento à sociedade moderna – noção de “homem” e “ciência” moderna e de como a força do discurso delimitou as práticas sexuais e a noção de gênero dentro de um saber poder. Ou seja, o conhecimento atrelado à relação do poder – o poder-saber normatiza o sexo por meio dos agentes: família, igreja, medicina e a escola. Para o autor, o discurso enquadra as pessoas, tornando-se algo determinante para a forma como visualizam a sexualidade.

À vista disso, o dispositivo da sexualidade na condição de *fora* do padrão de “normalidade” (FOUCAULT, 1988), seria a representação da “criança viada”, que eu fui, retratada pela artista Bia Leite em sua pintura (2013), *Obra que deveria ter sido exposta na mostra ‘Queermuseu’*, cancelada pelo Santander Cultural de Porto Alegre, uma exposição de 270 obras de arte que abrangiam questões de diversidade/diferenças, principalmente a temática de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer, Intersexo, Assexual (LGBTQIA+).

A pressão liderada pelos movimentos religiosos e seguidoras/es do Movimento Brasil Livre (MBL), que se utilizaram de Fake News (falsas notícias) postadas na internet e redes sociais com ofensas à curadoria da mostra ‘Queermuseu’. Há de ressaltar o discurso conservador “em nome da moral e dos bons costumes” utilizado a partir do fenômeno político bolsonarista de extrema-direita que eclodiu com a ascensão da popularidade do “mito”, Jair Bolsonaro, na presidência da república, em 2019, após a ex-presidenta Dilma Rousseff ser vítima de um golpe de estado – na tentativa de justificar e naturalizar a violência a artistas, às diversas sexualidades e temas relacionados a LGBTQIA+. Por isso, falas com teor fascista não devem ter voz nem vez em nenhum veículo de comunicação que atinja um grande número de expectadoras/es. Vejamos as imagens 3 e 4.

Imagem 3: Travesti da lambada e deusa das águas; **Imagem 4:** Adriano bafônica e Luiz França Sherá (2013).



Fonte: Catálogo do Queermuseu – Artista Bia Leite.

Nesse sentido, ao analisar as telas da artista e os registros da minha infância, afirmo: _ “lindo eu sou”, caracterizando, assim, o meu encontro e compreensão de que as gays crianças/jovens são uma potência criadora e de resistência quando tomam por base as performatividades que emergem delas.

Sintetizo o termo performatividade nas palavras de Butler (2001) como sendo uma reiteração de uma norma ou conjunto de normas, acompanhado de uma prática discursiva que efetua ou produz aquilo que se nomeia. Logo, para a autora o corpo e o gênero são produzidos por discursos passíveis de serem reinventados e/ou reencenados dentro de uma norma. Portanto, essa norma é contraditória a ponto de eu conseguir subvertê-la dentro dos próprios termos pré-estabelecidos. Consequentemente, merece destaque e investigação.

Louro (2000, p.121) diz:

A performatividade não é, assim, um "ato" singular, pois ela é sempre uma reiteração de uma norma ou conjunto de normas. E na medida em que ela adquire o status de ato no presente, ela oculta ou dissimula as convenções das quais ela é uma repetição. Além disso, esse ato não é primariamente teatral; de fato, sua aparente teatralidade é produzida na medida em que sua historicidade permanece dissimulada (e, inversamente, sua teatralidade ganha uma certa inevitabilidade, dada a impossibilidade de uma plena revelação de sua historicidade. (LOURO, 2000, p. 121).

Ao contrário, eu criança viada nascida na década de 90, percebo que passei por muitas repressões as quais me levaram a criar regras para reprimir minha identidade, meu jeito de ser

e a busca incessante para me encaixar em padrões que não são feitos para mim, inclusive para nenhuma pessoa LGBTQIA+.

A Performatividade é uma afirmação que desarticula a docilização e a normalização dos corpos como um manifesto corpo político na ocupação de espaços. As crianças viadas⁵ já não suportam a repressão, dominação adulta, os armários normativos e os padrões pré-estabelecidos que almejam controlar seus corpos e performatividades.

Ao falar da infância vejo uma relação com a fase de aprender o “certo ou errado” – fase de maior controle dos corpos. A minha família era rígida e conservadora. Se observar o nosso entorno, ele é composto por padrões heterossexuais, seja na família, escola, igreja e sociedade. Como uma pessoa LGBTQIA+ não interioriza a regra de que está tudo bem ser quem é?

Ao não interiorizar a regra de “ser quem é” a criança, a/o jovem acaba criando formas de compensar ou afastar sua identidade. E nesse re-inventar, indo além da disciplina e controle, as minhas recordações tornam-se possibilidades de transformação, uma vida performática produtora de outros universos.

A criança viada e o jovem gay fazem *tombar* as normas de gênero e sexualidade, elas e eles atestam com irreverência. São corpos potentes que apostam num pensar trânsito, desarticulando e desterritorializando modos de pensar e de viver, que nos penetra a subjetivação. Essa potência é produzida por qualquer pessoa e, também, pelas relações do contexto em que está inserida. Por isso, pensar a vida é cartografar coletividades rizomaticamente.

Os corpos LGBTQIA+ quando se afirmam tombam a sociedade preconceituosa; saem do comum; exigem respeito, gritam com a norma – pop arte, que rompe valores estabelecidos e formas de invisibilizar e silenciar pessoas desobedientes. Por isso, o *tombar* nem sempre agrada a todas/os porque foge do convencional, então “já que é pra *tombar*/Tombei”. (Canção de Karol Conká e Léo Gandelman).

1.2 A tentativa de fazer morrer corpos desobedientes.

Assim, diante desse modo de invisibilizar e fazer morrer corpos *desobedientes*, vem à lembrança que, para obedecer aos estereótipos, eu recorria à imagem do “machão” para esconder o traço mais visível e íntimo da minha personalidade. E, de olhos vendados,

⁵ Estou me afirmando e tomando uma postura Queer diante o que é dado como negativo.

colocava-me em cena: “em nome da moral e dos bons costumes” passando a omitir meu desejo sexual por *menino*; iniciava, de forma precoce, relacionamentos amorosos com *meninas* a fim de manter o meu nome distante de qualquer julgamento, para que fosse dada uma resposta imediata à sociedade – um corpo dócil, frágil e pronto à normalização.

Destaco que o *medo*, a *angústia* e a *culpa* foram companheiras do meu *corpo dançante* o qual precisou se adequar à hegemonia de *ser* homem e mulher. Um processo de fabricação de manequins para o sistema social, religioso, capitalista e educacional, impedindo-me de perceber minhas próprias potencialidades.

Ao rememorar uma cena: “começavam aí as ‘brincadeiras’, nas quais os meninos mais robustos empurravam os mais frágeis para a fila feminina, espaço desqualificado em si mesmo” (MISKOLCI, 2012, p. 9). Essa performance não é fácil, porém a intensidade das linhas de Miskolci foram cravadas e sentidas no ano de 1998, período no qual eu tinha 6 anos e estudava na escola EMEI Catulo Da Paixão Cearense, no bairro Parque Ipê de São Paulo-SP.

Ao brincar no túnel do parque, fiquei impedido de sair de suas extremidades por causa de dois estudantes que impuseram a liberação de forma violenta – mediante prática do sexo oral. O estudante enuncia: “Vem *mamar* aqui!” mostrando o seu *órgão genital*. O outro discente disse: “Aqui você não passa, bailarina!”. Eu gostava de brincar, principalmente de dançar!

Esse fato me modificou como criança e, também, a minha experiência com a escola. Consequentemente, passei a ter restrições para brincar, sair da sala de aula, principalmente de utilizar o banheiro. Enfatiza-se que a professora titular e demais profissionais da escola não perceberam nenhuma mudança na minha rotina de estudante. O apoio, do qual eu precisei enquanto criança, foi oportunizado pelo coletivo de algumas colegas de turma que me acompanhavam às refeições, idas ao banheiro e, no lazer, durante as brincadeiras inventadas em sala de aula.

O cantor WD, participante do programa The Voice da emissora de televisão Rede Globo, em sua canção “Eu Sou” nos apresenta o abuso como uma realidade de muitos jovens gays, ao relatar suas experiências e vivências na letra de sua música: “Tão pequeno e tão sensível ao toque do abusador/Logo cedo definido pela voz e a sua cor. [...] Marginalizado e só, por não ser mais um igual/Incapaz de ver beleza em seu corpo natural/Endeusava o branco por não ser o padrão real”. A canção possibilita compreender há a indiferença e as violências enfrentadas em sociedade por corpos desobedientes, principalmente na escola. O jovem WD utiliza a música para falar abertamente de suas dores – é quando a vida real se torna arte.

Isto posto, a partir da dança, eu consegui enfrentar o medo, a angústia e as dores. Nesse processo de andar de *mãos dadas* eu recebi o convite da professora de Educação Física que disse: “pequeno, quero convidá-lo para participar da quadrilha junina da escola”. Eu, criança brincante da dança, sorridente, disse: “Sim!”. Esse dançar foi curativo!

Cada movimentação, ritmos, tempo e afetos me traziam a necessidade de *querer crescer para passarinho*. Um estudante fora do padrão que deseja voar a fim de desconstruir a norma pré-estabelecida. Em decorrência disso, eu venho me constituindo professor-artista-pesquisador do qual não consigo dissociar essa relação por mais que o modelo hegemônico e a desvalorização do conhecimento da ciência e da arte sejam impostos pela norma, principalmente nesse atual Governo Federal – ao contrário disso, os aprendizados por meio da ciência e da arte foram encontros que me possibilitaram pensar o viver, a prática, o pesquisar, os conhecimentos diversos, inclusive a comunicação e as relações.

O rolo compressor das violências não se cansa de tentar passar por cima dos nossos movimentos – pois quer nivelar nossos corpos e performatividades dissidentes. Por isso, diante das relações além dos limites da escola, comecei a passar por situações constrangedoras, pois os estudantes do abuso relatado moravam próximo à minha residência e contaram aos colegas da rua os quais passaram a me intitular “chupetinha”, elemento linguístico utilizado para descrever uma criança *abusada*.

A partir dessa lógica as agressões aconteciam de formas diferentes: físicas e psicológicas. Na ridicularização. Nos estereótipos. Na indiferença ao naturalizar a violência estrutural e sistêmica do Estado em não proporcionar efetiva segurança aos corpos LGBTQIAP+. Os estereótipos têm a função de assumir o lugar das realidades e, diante de um contexto de intolerâncias, é necessário desconstruir esse padrão hegemônico de heterossexualidade mediante a conjunção/comunhão das diversas sexualidades – oprimidas por essa projeção normativa.

Assim, é imprescindível promover uma educação orientada pelas diferenças (MISKOLCI, 2012) e, a partir delas, potencializar modos de ensinar e aprender, adquirindo a percepção de novas existências e modos de vir a ser. De acordo com dados da transcrição do áudio da repórter Larrissa Bortoni da Rádio Senado, (2018) apresenta-se que:

O Brasil registrou 445 casos de assassinatos de homossexuais em 2017, segundo o levantamento do Grupo Gay da Bahia. De acordo com a ONG Transgender Europe, entre 2008 e junho de 2016, 868 travestis e transexuais perderam a vida de forma violenta. (BORTONI, 2018).

Desse modo, entendo a atitude agressiva como forma violenta e preconceituosa de inserir a pessoa gay numa condição de inferioridade, anormalidade sob perspectiva do domínio heteronormativo, ou seja, a heterossexualidade como padrão na hierarquização sexual. Logo, no decorrer da história segundo (FERRARI, 2022) “inúmeras denominações foram usadas para identificar a homossexualidade, refletindo o caráter preconceituoso das sociedades que cunharam determinados termos, como: pecado mortal, perversão sexual, aberração”. Quem protege a “criança viada”?

Assim sendo, eu criança nordestina, moradora de favela não tinha a compreensão sobre as sexualidades humanas e a dimensão de sexo, mas a perseguição continuou e aconteceu dos 6 aos 13 anos, principalmente, exercida por um vizinho de classe alta que tinha 16 anos. Ao me encontrar na rua o vizinho proferiu: “estou sabendo o que fez, vai ter que *mamar* meu *pênis*. Eu tenho um *pauzão*. Se quiser eu te levo para meu quarto e te mostro. Lá também tem uns jogos bem legais. Não precisa ter medo”. Imediatamente, eu saí correndo para casa. Ele gritava: “Espera, Piauí! *Baitola do caralho*. Vou falar tudo para seus pais, *chupetinha*. Você não quer meu pau porque é limpo e o deles é sujo por serem favelados”.

Os termos utilizados: “chupetinha”, “pênis” e “mamar”, nos permitem considerações acerca dos relacionamentos entre pessoas, a indiferença, a violência da sociedade contemporânea e sobre a imposição da masculinidade, reproduzindo as imagens do dominador e do dominado pelo órgão genital, aquele que tem o “pauzão” – a virilidade do ativo e a feminilidade do passivo. O dualismo do forte/frágil. O pênis limpo e sujo é um reflexo da estrutura de classes – o jovem empobrecido e o jovem rico, ou seja, diferenciação de classe social. A expressão “espera, Piauí!” é demarcado o elemento da xenofobia.

Similarmente, a ação de amamentação é desencaixada de sua prática natural – que é ato de nutrir o bebê – para no sexo oral, com a sucção do pênis. O vocábulo *mamar* passa a ter um sentido voltado à prática sexual mediante coação no momento do abuso cometido pelos dois estudantes no ambiente escolar, tendo em vista que o alvo do abuso foi uma criança em idade pré-escolar. Diante o exposto, a educação sexual deve ser inserida com urgência na pauta dos currículos escolares, pois passo a refletir sobre o contexto da situação de abuso – a forma pela qual os discentes “violadores” foram apresentados a tal prática.

Com isso, o corpo gay é atravessado por cicatrizes, práticas e pedagogias da exclusão, seja na escola, seja fora dela, esse corpo está mais suscetível à violência. Através da performance “As Marias” de Thalía, novela “Maria do Bairro” de 1997, eu criança artista me *montava* com toalha na cabeça e sandálias da mãe. E assim, dançava alegremente a música latina de ritmo envolvente, tema de abertura da novela, cujo ritmo era marcado pelo uso de

instrumentos de percussão. Porém, eu travava um conflito interno, instaurado pelo discurso de que dança seria coisa de “viado”. E, contra essa perspectiva insistia em dançar passando a ter como modelo o grupo “É O TCHAN” com participação do dançarino “Jacaré” – “um homem que dança”.

Logo, partindo do grupo musical, percebo a interferência da mídia na sexualidade a qual, na condição de oferta precarizada, obriga a sociedade a contemplar e consumir passivamente imagens distorcidas da vida real – hipersexualização, erotização e objetificação dos corpos. As juventudes – conectadas pelas redes sociais e provedores globais de filmes e séries de televisão via *streaming* – muitas vezes consomem imagens e discursos de dor e isolamento gay. Portanto, a partir dessa representação binária: masculino e feminino, os jovens gays sentem-se incapazes de viverem “um final feliz”. De acordo com dados:

Estima-se que a cada 40 segundos ocorra um suicídio em algum lugar do planeta. Há um contingente de 800 mil pessoas que põem fim à própria vida anualmente. Atualmente, essa cifra supera, ao final de um ano, a soma de todas as mortes causadas por homicídios, guerras e conflitos civis. O suicídio representa 1,4% de todos os óbitos do planeta, e é a segunda causa entre jovens de 15 a 29 anos. [...] A população LGBT agrupa indivíduos que tem atrações sexuais/românticas pelo mesmo sexo ou por ambos os sexos (Lésbicas, Gays, Bissexuais), bem como indivíduos que não se identificam com o gênero atribuído ao nascimento (Transgêneros, Transexuais, Travestis). Estudos têm demonstrado maior risco de tentativas de suicídio para a população LGBT, em comparação com a população geral. Os jovens LGBT também têm taxas significativamente mais elevadas de depressão do que os não-LGBT. Estudo realizado nos Estados Unidos identificou que 8% dos homens e 13% das mulheres heterossexuais tinham ideia suicida, enquanto entre homens e mulheres da população LGBT essa taxa foi de 36% e 42% respectivamente. Ademais, estima-se que 20% da população LGBT adulta já tentou suicídio ao longo da vida. (OLIVEIRA; VEDANA, 2022, p. 39).

Por meio da música: “masculino e feminino” de Baby Consuelo, Didi Gomes e Pepeu Gomes – “Sou masculino e feminino/Olhei tudo e aprendi/E um belo dia eu vi/Que ser um homem feminino/ Não fere o meu lado masculino [...] Olhei tudo e aprendi/E um belo dia eu vi/E vem de lá o meu sentimento de ser/Meu coração mensageiro vem me dizer/Salve, salve a alegria/A pureza e a fantasia/Vou assim todo o tempo/Vivendo e aprendendo”. Observo na música que a dicotomia da sexualidade não deveria ser um fator modalizador dos corpos, mais especificamente, não poderia ser um fator opressor apresentado ao corpo gay na tentativa de adequá-lo aos padrões sociais vigentes.

1.3 Recontar outra história

Nesse caminhar de oprimido há uma esperança freiriana de recontar outra história, que respeite e considere toda maneira de *ser* e *amar*. Assim, “a discriminação da mulher e de *LGBTQIA+*, expressada e feita pelo discurso machista e encarnada em práticas concretas, é uma forma colonial de tratá-los. [...] A recusa à ideologia machista, que implica necessariamente a recriação da linguagem, faz parte do sonho possível em favor da mudança do mundo”. (FREIRE, 1992, p. 35, grifo nosso). Esse é o *esperançar* de Paulo Freire:

É preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo *esperançar*; porque tem gente que tem esperança do verbo *esperar*. E esperança do verbo *esperar* não é *esperança*, é *espera*. *Esperançar* é se levantar, *esperançar* é ir atrás, *esperançar* é construir, *esperançar* é não desistir! *Esperançar* é levar adiante, *esperançar* é juntar-se com outros para fazer de outro modo... (FREIRE, 1992, 2015, s.p.).

Nessa perceptiva de esperança a escola precisa reaprender o seu papel de desnudar os contextos escolares de estudantes, para que possam dialogar, ler e interpretar não somente texto, mas a vida. E, como diz Paulo Freire:

Não é puro idealismo, acrescenta-se, não esperar que o mundo mude radicalmente para que se vá mudando a linguagem. Mudar a linguagem faz parte do processo de mudar o mundo. A relação entre linguagem-pensamento-mundo é uma relação dialética, processual, contraditória. É claro que a superação do discurso machista, como a superação de qualquer discurso autoritário, exige ou nos coloca a necessidade de, concomitantemente com o novo discurso, democrático, antidiscriminatório, nos engajamos em práticas também democráticas. O que não é possível é simplesmente fazer o discurso democrático, antidiscriminatório e ter uma prática colonial. (FREIRE, 1992, p. 36).

Contudo, a partir da ótica colonial e tradicional, eu “viado” fui observado ao longo da minha trajetória escolar, “capturando” o imaginário de que aquele espaço não era para mim. O meu iniciar na escola foi marcado pelo abandono, pela incompreensão e o discurso autoritário das/os docentes – desprovidos de uma formação anticolonial e democrática. O corpo marcado! Linhas labirínticas, cíclicas e espiraladas de instituições. “As quais me serviam de espelho, procuravam reproduzir as relações de poder” (OLIVEIRA, 2017, p. 21). Por isso, não é apenas uma dissertação de mestrado, mas um plano de subversão⁶! Assim como diz bell hooks:

Sou grata às muitas mulheres, homens que ousam criar teoria a partir do lugar da dor e da luta, que expõem corajosamente suas feridas para nos oferecer sua experiência

⁶ Deve-se entender a palavra “subversão” com esse significado: “Eu penso renovar “*as humanidades*” usando borboletas”. (BARROS, 1996, p. 79, grifo nosso).

como mestra e guia, como meio para mapear novas jornadas teóricas. (bell hooks, 2013, p. 103, grifo nosso).

Bell Hooks (2013), se expressa por sentir e entender-se e, por meio desse caminhar de aventureiro, busco por uma prática, um currículo e uma escola que contemplem as inúmeras possibilidades de vir a ser, pensar e atuar no mundo. Um andar de encontros e desencontros que inquietam por não estarem contempladas nas epistemologias eurocêntricas silenciadoras da diversidade sexual contemporânea, a qual, propõe, constrói e tem conhecimento e discurso validados pela sociedade e as instituições.

Assim sendo, corroborando com Freire, Oliveira e Bell Hooks, nesse diálogo o autor Arroyo, ao propor o livro “Outros sujeitos, outras pedagogias” de (2012) define as pedagogias escolares como as mais cercadas e fechadas em definir critérios rígidos de validação de comportamentos e até de não reconhecimento dos saberes, modos de pensar e de pensar-se, de aprender e de educar-se, intrínsecos as/ aos estudantes nas escolas e universidades. Neste sentido as crianças e jovens “são obrigados a ocultar suas experiências sociais e as indagações que levam do trabalho e dessas experiências tão radicais” (ARROYO, 2012, p. 32).

Por causa da ocultação dessas experiências, a relação com a escola atinge uma distância abissal – um silêncio que sangra a alma. “É sim, a indiferença o sentimento mais atroz, corrosivo, letal”. (DIÓGENES, 2022, p.1). Com efeito, o modo teia se arrasta com o discurso da diversidade para que a prática da indiferença tenha o controle do corpo. Instaure-se nos gestos e emoções a ponto de fazer eu não me enxergar. Uma criança sensível, dançante e sonhadora que gostava de escrever diários, entretanto não adequada à norma padrão imposta e por isso, tratada com indiferença – no silenciar do seu corpo. Por esse motivo, eu trago o meu poema “Quem é sabiá?”, escrito no meu diário para refletirmos:

Quem é sabiá?

Na escola tão falida
 Não se pousa Sabiá!
 Outras formas de existir
 Não se pode Sabiá!

Assim,
 No teu voar
 Há “sempre” o que se esperar!
 Engraçado,
 Vivem a te rotular!

Sabiá,
 há “sempre” determinação
 de você se encaixar.
 Sabiá tão indeciso

nem sabe pensar!

Modo
teia que se arrasta
esquecendo-se de perguntar:
Como Sabiá?
Como Sabiá?

Desisto!
Sabiá não aprende!
Rum!
Não consigo decifrar!
Sabiá só canta e voa...
Não serve para estudar!

Sabiá,
Quem pode aprender nesse lugar?

(Wesley Rodrigues)

Sabiá, o corpo precisa deixar-se mutilar. Ação nulidade. Um andar desencontrado comigo mesmo a ponto de não visualizar as deformações no corpo e o cansaço das tentativas de me inserir na hegemonia pré-estabelecida pelas instituições heteronormativas, sendo assim reflexo da “Revolução dos descartáveis”, na qual o consumismo é operante e contribui para a morte na incapacidade de sofrer com a dor do outro. Quem são os corpos que importam? Assim (DIÓGENES, 2022, p.1) afirma:

Na busca de um corpo obediente, controlado, o próprio corpo se deixa mutilar – orelhas deformadas, falanges de dedos alteradas em suas articulações, pernas e braços roxos de pancadas, cabeças raspadas para evitar o puxão do cabelo no momento da luta. Um embate que se trava, fundamentalmente, consigo mesmo. O processo de um corpo que vai sendo disciplinado, calculado em cada gesto, no controle máximo de suas emoções, é complexo, leva tempo. A armadura é um artefato invisível que vai vestindo a pele. Sentir muito, “baixar a guarda”, permitir-se ser surpreendido por sensações que emanam afora às permitidas, é um tipo de fortaleza, possível apenas para os “fracos”, para os que sentem muito. (DIÓGENES, 2022).

Igualmente, em busca do corpo obediente eu aceitei as intervenções da escola. Na frente da sala de aula, primeira carteira da terceira fila, eu observava atentamente as/os docentes – nos momentos em que o silêncio era exigido, calava-me. No recreio cumpria as orientações de comer e ficar quieto sem correr. Essa prática foi sendo incorporada a ponto de ficar indiferente aos momentos em que a brincadeira e o riso eram permitidos; eu não sabia mais sorrir e nem brincar.

A prova que o ajuste proposto pela escola estava funcionando era o meu boletim com notas acima da média, passando a ser denominado “CDF” pelos colegas de sala, algo de “valor” para a instituição gerando a encenação de líder de sala – aquele/a estudante confiável

e responsável por vigiar a turma, mas que tinha o ofício, posto pela professora, de entregar as companheiras e companheiros de turma que não estivessem se comportando conforme a norma.

A escola, aparentemente, podia controlar meu corpo, mas não podia conter o meu companheirismo, respeito e sensibilidade – eu não fazia exposição das/os colegas para a docente, pois para mim elas e eles estavam agindo com liberdade. Eu estava fora da disciplina estática exigida. Aquele manequim fabricado de um processo disciplinar, não era o meu corpo dançante. Era a atuação de uma personagem, a qual interpretava para, cotidianamente, garantir o meu mover-se, fugir e suavizar situações de constrangimento e violência.

No terceiro ano do ensino fundamental eu tinha o sonho de escrever com caneta, principalmente, as que estavam na “moda” – canetas de gel, coloridas e com cheiro. Ao ganhar de uma amiga e utilizá-la no caderno, fui surpreendido com intervenção agressiva da professora: “Esse tipo de caneta é para meninas!” “Pegue seu lápis e escreva”. “Menino não pega o lápis dessa forma delicada”. Assim, como disse Louro (2004, p. 16): pessoas homossexuais “[...] se tornaram, então, os alvos preferenciais das pedagogias corretivas e das ações de recuperação ou de punição”.

Por conseguinte, os/as estudantes manifestaram-se com insultos, provocações e apelidos decorrentes dos meus trejeitos de *bicha* – “viadinho! Ele quer ser menina! Escreve com canetinha colorida!”. E procuravam destacar características consideradas como defeitos para uma sociedade preconceituosa como na qual eu estava inserido. Nas palavras de Miskolci (2012):

Na escola, quer você seja a pessoa que sofre a injúria, é xingada, é humilhada; quer seja a que ouve ou vê alguém ser maltratado dessa forma, é nessa situação da vergonha que descobre o que é a sexualidade (MISKOLCI, 2012, p. 33).

O autor chama a atenção, principalmente, dos profissionais da educação, para a dinâmica de violência nos contextos escolares contra estudantes LGBTQIA+ e que é preciso questionar o processo de classificação e práticas centradas na heterossexualidade – modos que produzem os insultos, provocações e apelidos. Reitero ser necessário que professoras/es desistam de práticas normativas, do controle da sexualidade, ferramenta colonial ultrapassada – pois sabemos que a luta para ser o que se é, autonomia dos corpos, desejos e afetos é incessante.

1.4 Uma dica bem inusitada

Atualmente, diante do desrespeito às diferenças por meio da intolerância, segregação e o discurso religioso opressor busco fazer uma reflexão por meio da performance artística, da dança e a literatura marginal. E, com o lírico, a religiosidade e o erotismo, a poetisa Adélia Prado (1935, p. 238) faz uso de um discurso transgressor e ao mesmo tempo libertador: “De tal ordem é e tão precioso/ o que devo dizer-lhes/que não posso guardá-lo sem a sensação de um roubo:/cu é lindo!”.

Para pessoas conservadoras e fundamentalistas cito Manuel Bandeira (2012, p. 27), em seu Itinerário de Pasárgada: “a poesia está em tudo – tanto nos amores como nos chinelos, tanto nas coisas lógicas como nas disparatadas.” *Acordem! Deixem de nos matar*. Uma dica bem inusitada: experimente deixar seu corpo escolher seus parceiros sexuais. Ou como disse Carlos Drummond de Andrade, permita-se:

A Outra Porta Do Prazer

A outra porta do prazer,
porta a que se bate suavemente,
seu convite é um prazer ferido a fogo
e, com isso, muito mais prazer.

Amor não é completo se não sabe
coisas que só amor pode inventar.
Procura o estreito átrio do cubículo
aonde não chega a luz, e chega o ardor
de insofrida, mordente
fome de conhecimento pelo gozo.

Nesta dificuldade de aceitar o corpo, o desejo e o prazer do outro, lembro-me das aulas de Educação física, nas quais a turma era dividida em dois grupos: masculino e feminino – “futebol” para *os* discentes e “queimada” para *as* discentes. O constrangimento e o sentimento de não pertencimento àquele espaço estavam visíveis e, principalmente afirmado, no momento da formação dos times – os estudantes *abjetos*: gays, gordinhos, com ou sem deficiência eram permeados pela exclusão no banco sem nenhuma prática esportiva.

Dessa forma, o isolamento social é presente na vida de muitas pessoas que não fazem parte desse comum. “O abjeto é algo pelo que alguém sente horror ou repulsa como se fosse poluidor ou impuro, a ponto de ser o contato com isso temido como contaminador e nauseante” (MISKOLCI, 2012, p. 40). Atividades que valorizam esportistas e desvalorizam a potência da diversidade/diferença e multiplicidades.

Diante da norma, dos discursos e dispositivos opressivos, a arma que parecia mais eficaz naquele momento era a invisibilidade. Então, adotei uma concepção binária de “homem

ideal”, permeado pelo símbolo da inquisição, da racionalidade científica, da patologização das sexualidades dissidentes, em relação àquelas tidas como “normais”, isto é, “heterossexuais”. Ficando assim, distante das minhas vontades, desejos e prazeres.

Butler (1998) rompe com o binarismo ao discutir sobre a performance de gênero, quando defende as performances assumidas por diferentes pessoas, que poderão estar vinculadas aos papéis que essas pessoas assumiriam em diferentes grupos. O jovem gay é uma dessas variantes, uma ruptura dessa dicotomia, porque ele provoca uma rachadura na égide moral da sociedade e padrões sociais impostos. Sob o ponto de vista de Butler, a noção de identidade de gênero é questionada, pois, para ela, “[...] não é senão um resultado performativo que a sanção social e o tabu de maneira compulsória nomeia”.

A seguir, apresento o percurso teórico discorrendo sobre a escola, diversidades e a diferença.

CORPO-GIZ II: PERFORMANDO ENTRE DIVERSIDADES/DIFERENÇA E JUVENTUDES GAYS

Pensar
O quê?
Para quê?

Quem sabe,
Sabe o que?
Não sei dizer.

Para dizer tem que ler
E entender.
Quem sabe se perder
E aprender.

(Wesley Rodrigues, 2023)

Por meio de conceitos de autoras/es como Miskolci, Louro e Nascimento discuto os contextos escolares – pedagogias da exclusão e violências sofridas por estudantes LGBTQIA+, principiando da ideia de que pensar escola é refletir a vida, espaço potente que deve ter interação com as diversidades/ diferença.

2.1 Diversidade/diferença e Trajetos Escolares

Ao pensar escola, é refletir a vida, um espaço potente que seja aberto à diversidade/diferença, à produção de subjetividades e, que inclua a todes/as/os⁷ corpos em uma perspectiva emancipatória, crítica e protagonista. Para isso, Miskolci (2012), busca sintetizar o que seria o desafio da educação contemporânea de “um aprendizado pelas diferenças” a partir de olhar *queer*:

Em uma perspectiva não normalizadora, educar seria uma atividade dialógica em que as experiências até hoje invisibilizadas, não-reconhecidas ou, mais comumente, violentadas, passassem a ser incorporadas no cotidiano escolar, modificando a hierarquia entre quem educa e quem é educado e buscando estabelecer mais simetria entre eles de forma a se passar da educação para um aprendizado relacional e transformador para ambos. (MISKOLCI, 2012, p. 51).

Desse modo, ao voar na escrita de si, escrita da diferença, sinto-me independente do dispositivo “Homem humano” – pois precisamos, mais do que nunca, vomitar os silêncios.

⁷ Deve-se entender o “todes/as/os” como meu ativismo LGBTQIA+ contra a norma.

Os nossos passos vêm de longe, “respeitamos as águas. Cultivamos as lágrimas. Somos herdeiras e herdeiros de quem sabe verter e enxugar com as próprias dores”. (EVARISTO, 2019). Apoio-me na poética de Conceição Evaristo que ensina a importância de preservação da memória, das dores e prazeres, uma espécie de catarse provocada pela libertação de sentimentos e emoções antes reprimidos.

Diante das relações sociais, afirma Boaventura de Sousa Santos (2020, p. 12) que “todos os seres humanos são iguais (afirma o capitalismo); mas, como há diferenças naturais entre elas/es, a igualdade entre os inferiores não pode coincidir com a igualdade entre os superiores (afirmam o colonialismo e o patriarcado)”, logo, sendo condicionado ao padrão hegemônico – detentores das verdades assim tornando-se “modelo”. (grifo nossos).

Portanto, a base de consolidação europeia de ocupação realiza em mim o primeiro atravessar, é ao que se refere o autor quando menciona monocultura do saber – (em mim, práticas impostas por violências), ao dominar os corpos produzindo silenciamentos e invisibilidades a ponto de fazer o sujeito colonizado “inferior”–“estranho”–“não humano”, assim, desvalorizando as diferenças e aplicando uma ordem técnica hegemônica, racional e gerando desigualdade social.

A escola é uma das instituições mais presentes no caminhar de jovens. Trago em mim, traços normativos e naturalizados no meu corpo os quais dificultam o meu enxergar, falar e experimentar. Transpassado, proponho-me à desconstrução de que a sexualidade não se cristaliza, pois resistem diversidades sexuais, juventudes, educação sexual e diferenças. Sobre as experiências escolares Juarez Dayrell diz:

Já as experiências escolares desses jovens evidenciam que a instituição se coloca distante dos seus interesses e necessidades, não conseguindo entender nem responder às demandas que lhe são colocadas, pouco contribuindo também em sua construção como sujeitos. (DAYRELL, 2003, p.50).

Diante disso, o cotidiano escolar interage e interfere em cada aspecto do conjunto de saberes e práticas que constituem o currículo. Em diversas maneiras e intensidades, o cotidiano tende a se conjugar com cada aspecto do conjunto de saberes, práticas e normas que constituem o currículo proclamado como oficial, mas também com as manifestações do “currículo oculto” (LOPES, 2010).

A entrevista ao jornal “O Estado de S. Paulo”, publicada no dia 24 de setembro 2020, na qual o ministro da Educação, Milton Ribeiro, afirmou que resolver os problemas de acesso à internet dos estudantes não é uma atribuição da pasta do Ministério da Educação – MEC. Ao ser questionado sobre a importância da educação sexual na sala de aula, ele respondeu que é

importante mostrar “que há tolerância”, mas que “o adolescente, que muitas vezes opta por andar no caminho do *homossexualismo* [termo considerado preconceituoso]”, vêm, algumas vezes, de “famílias desajustadas”.

Além disso, o ministro ainda afirmou que as escolas “perdem tempo” falando de “ideologia” e ensinando sobre sexo e sobre “como colocar uma camisinha”. Então, quando me debruço sobre os diferentes recortes (etário, etnia, gênero e classe), tenho um aporte de como as práticas discriminatórias foram utilizadas para tornar essas comunidades “culpadas” pelo seu fracasso e responsáveis por não aproveitarem as “regalias” que o sistema oferece.

Segundo o ministro, a abordagem pode favorecer uma “erotização das crianças”. Com esse discurso, ele afirma que as sexualidades de adolescentes assumem uma dimensão de problema social e que a orientação sexual nas escolas não tem visado a ampliar a perspectiva de jovens em relação aos preconceitos de gênero. Como deixar-se falar na escola? (SPIVAK, 2010).

Diante desse *CISstema*⁸ é necessário dialogar e problematizar esse padrão de ciência eurocêntrica. Por essa razão, assumo a escrita em primeira pessoa – a partir do mover-se para falar e reivindicar a invisibilidade das juventudes e das diferenças em contextos escolares, que por meio da Lei nº 13.415/2017 alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) estabelecendo mudanças radicais na estrutura do ensino médio e definindo uma nova organização curricular “*mais flexível*”, que contempla uma Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Ressalto que, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), a escola deve debater dentro do termo *sexualidades* as diferenças, estereótipos, tabus e preconceitos. Em virtude disso, ao destacar a palavra sexualidades nos referimos às diversidades, um despertar proporcionado a toda gama de profissionais da educação; “um convite” que tem como objetivo o trabalho em favor da inclusão para que sejam corrigidas as práticas de silenciamentos do corpo em contextos escolares.

No entanto, esse tema vem sendo deixado de lado apesar da urgência, por padrões culturais e natureza conservadora assumida por uma grande parte da sociedade contemporânea de impor a heterossexualidade como modelo padrão – um exemplo é a própria BNCC que não faz uma discussão plausível da temática sexualidade.

⁸ CISstema: sistema que favorece pessoas cisgênero em detrimento das pessoas LGBTQIA+ que nos levam a não falar dos nossos processos de silenciamentos.

2.2 Controle dos Corpos, Sexualidade e Necropolíticas.

A quem interessa essa invisibilidade? Diante disso, retomo a ideia Foucaultiana de que “população será o objeto que o governo deverá levar em consideração em suas observações, em seu saber, para conseguir governar efetivamente de modo racional e planejado”. (FOUCAULT, 1979). De acordo com Oliveira (2017, p. 49):

Os governantes, então, ao procurar normalizar suas populações a fim de garantir sua produtividade, investem numa série de medidas voltadas para a vida. Para atingir os indivíduos, agora se deve passar pelas populações. Tanto as questões raciais quanto as questões relacionadas às práticas sexuais receberão grande atenção nesse momento. (OLIVEIRA, 2017, p. 49)

Desse modo, percebo que a escola está à margem do poder e funciona como uma peça de engrenagem maior que Foucault nomeou de sociedade disciplinar. Assim, a escola atua na produção de indivíduos disciplinados, permeada por práticas que levam à consciência individualista pela aplicação dos exercícios de poder. Embora a escola pública faça parte de uma estrutura estatal, ela não representa a totalidade de Estado – os múltiplos discursos e sujeitos que circulam no seu interior não são resultados de processos disciplinares desenvolvidos somente pelo Estado.

Segundo Louro (2009, p. 88) é importante questionar quem, nesse contexto, tem autoridade para afirmar a verdade e quem será o alvo preferencial das ações dos governos. Serão homens – médicos e, também, filósofos, moralistas e pensadores (das grandes nações da Europa) – que vão fazer as mais importantes “descobertas” e terão os seus olhares “autorizados” com o objetivo de estabelecer as diferenças relevantes entre sujeitos, classificando-os a partir do ponto de vista da saúde, da moral e da higiene.

Com o propósito de docilizar os corpos, a escola precisa ser repensada nesse contexto e, do mesmo modo, a formação docente, a gestão escolar, o currículo e as práticas pedagógicas – ações, intenções e produções da escola – devem ser colocadas sob rasura, sob interrogação, no intuito de constituir estratégias que contribuam para a formação de sujeitos que vislumbrem os modos de ser, pensar e agir como possibilidades e que machismo, sexismo e homofobia possam ser desarticulados no espaço da escola (LOURO, 2007). Em suma, a formação de professoras/es abrange todo contexto educacional, tendo em vista que influencia o engajamento de todos os setores vinculados à educação.

Envolvidos pelos discursos da medicina, da psiquiatria, da religião, da ciência e da mídia que inundam meninos e meninas são, a todo o momento, adestrados, regulados, docilizados e seus corpos são sujeitados às regras de conduta. Preciado salienta que:

[...] a criança é sempre um corpo ao qual não se reconhece o direito de governar. Permitam-me inventar, retrospectivamente, uma cena de enunciação, de dar um direito de réplica em nome da criança governada que eu fui, de defender outra “forma de governo” das crianças que não são como as outras (PRECIADO, 2013, s/p.).

No caso da criança/jovem LGBTQIAP+ na escola e com as normas de gêneros e sexuais, não espero que “incluam”, mas questiono sobre o porquê da negação das diversidades e a problematização de práticas heterocentradas e machistas da escola; que insiste em reproduzir que toda dissidência sexual e de gênero seja julgada e percebida como patológica.

A/o estudante protegido/a é resultado de um dispositivo pedagógico violento, o lugar onde se projetam os medos, a angústia, a culpa e os silenciamentos, sob a justificativa que permite às humanidades naturalizarem a norma e excluírem às demais formas de existências. Há um jogo de interesses, o qual está permeado pela desigualdade social e o acesso às oportunidades. Que segundo Coimbra (2011):

Diferentemente do que nos tem sido ensinado – que a resistência seria um efeito do poder – entendemos que o poder funciona, justamente para responder aos movimentos de resistência. O poder, em especial na contemporaneidade, cria normas, medidas, identidades que tentam fragilizar, manietar e, mesmo, capturar o que torna perigoso. (COIMBRA, 2011, p. 33).

Corroborando com a autora, ao traçar uma linha de investigação para as percepções, performatividades, resistências e criação dos jovens gays, considerados perigosos diante a normalização dos corpos, busco nesta pesquisa novos conceitos, novas maneiras, outros mundos, principalmente, modos de vir a ser na contemporaneidade, constituindo-se meios de resistência e mobilização desses grupos considerados, hoje, minorias. Assim, Foucault (2004) em uma entrevista “sexo, poder e a política da identidade”, faz referência à reivindicação de direitos humanos relativos à sexualidade e a liberação sexual limitada ao nível de uma exigência de tolerância sexual:

[...] mas é um aspecto que é preciso afirmar, de início, para um indivíduo ter a possibilidade — e o direito — de escolher a sua sexualidade. Os direitos do indivíduo no que diz respeito à sexualidade são importantes, e mais ainda os lugares onde não são respeitados. É preciso, neste momento, não considerar como resolvidos estes problemas. [...] Nós devemos ainda dar um passo adiante, penso eu. Eu acredito que um dos fatores de estabilização será a criação de novas formas de vida,

de relações, de amizades nas sociedades, a arte, a cultura de novas formas que se instaurassem por meio de nossas escolhas sexuais, éticas e políticas. Devemos não somente nos defender, mas também nos afirmar, e nos afirmar não somente enquanto identidades, mas enquanto força criativa. (FOUCAULT, 1982, p. 1)

Com relação ao acesso e permanência na escola, o respeito às sexualidades deveria ser uma pauta urgente e constante para a Educação e seus documentos norteadores. Ouso afirmar que, no Brasil, não existe nenhuma legislação que regulamente a educação sexual nas escolas, porém enfatizo que há uma orientação documental para que seja inserida a educação sexual nas diretrizes educacionais; a fim de que a sua prática, avanços e limitações, no decorrer das construções e reformulações, possam alcançar a garantia e o respeito às escolhas individuais de cada indivíduo. Tem-se como exemplo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) no qual existem algumas referências a respeito do tema em questão.

Dessa maneira, é preciso resistência [...] se não há resistência, não há relações de poder. Porque tudo seria simplesmente uma questão de obediência. A partir do momento que o sujeito está em uma situação de não fazer o que quer, ele deve utilizar as relações de poder. A resistência vem em primeiro lugar e ela permanece superior a todas as forças do processo, seu efeito obriga a mudarem as relações de poder. Eu penso que o termo resistência é a palavra mais importante, a palavra-chave dessa dinâmica. (FOUCAULT, 1982, p. 9).

Assim, as questões referentes a gêneros e sexualidades oportunizam perspectivas para diferentes modos de ser, pensar e agir e as práticas que rompem as normalidades e que denotam os desvios, os trejeitos, as linhas labirínticas, cíclicas, espiraladas da história construída pela segregação. Posso dizer que esses “desvios”, constituem-se formas de resistência que, como num processo, estão modificando as relações de poder vigentes.

Dessa forma hegemonicamente, o *sexo* vem sendo entendido pelo discurso biológico como o conjunto de características genéticas, anatômicas e hormonais que distinguem os/as sujeitos/as como machos ou fêmeas. Entretanto, essa mesma palavra também é frequentemente utilizada para nomear o órgão sexual e a relação genital entre pessoas. Evidenciando, com isso, um jogo marcado pelo desconhecimento das próprias potencialidades e a percepção de si. Por isso, Foucault (1988) ao destacar o caráter normativo do sexo, propõe o sexo como um “ideal regulatório” que não só funciona como norma, mas é parte de uma prática reguladora que produz o que governa: *o corpo*, ou seja, que existe uma autonomia relacionada às sexualidades.

Diante disso, o sexo caracterizado enquanto ato de força que se manifesta como modo de poder produtivo, ultrapassa as subjetividades, as atitudes e as relações de cada pessoa.

Logo, “o sexo tem o poder de produzir os contornos, os limites e as diferenças nos corpos que controla”. (CAETANO, M, SILVA JUNIOR, 2016, p. 129).

Esse jogo de sobreposição cultural pela invisibilidade e os silenciamentos de corpos são produtos de dinâmicas coloniais que geram atualização de técnicas de “necropolítica”, ou seja, é o poder de ditar quem pode viver e quem deve morrer (MBEMBE, 2018) – desigualdades, racismo, misoginia, capacitismo e transfobia, principalmente, homof⁹obia. Dados pertinentes para governabilidade do sujeito, logo, com esse efeito reforça o “Império dos Normais”. (KLEAIM, 2016, p. 10).

Assim, LGBTQIAFOBIA (*Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer, Intersexo, Assexual*) é um conceito que abrange diversas formas de agredir pessoas que não são heterossexuais ou cisgêneras, seja verbalmente, fisicamente ou psicologicamente. Segundo os dados de 2019 do Sistema Nacional de Informações e Agravos de Notificações – (Sinan) do Ministério da Saúde, as juventudes têm maior vulnerabilidade à violência. Os jovens gays de 10 a 19 anos compõem 44,7% das vítimas. Para quem é o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (BRASIL, 1990)?

Da mesma forma, Dulce (2019), em seu artigo intitulado “LGBTFOBIA veio de caravela: colonização sobre os corpos indígenas” relata que antes dos europeus chegarem ao Brasil, os indígenas compartilhavam experiências homoafetivas. A autora afirma que a primeira vítima da intolerância à diversidade de gênero no país foi Tibira, indígena Tupinambá no Maranhão morto em 1614 com apoio dos jesuítas, por ter cometido denominado “pecado de sodomia”.

O primeiro registro histórico de homofobia no país, revela que a colonização se realizou dominando terras, corpos e desejos, moldando sobre a visão colonial europeia a invisibilidade dos corpos das populações LGBTQIA+ violência, os estereótipos decorrentes dos “trejeitos” de *bicha* – “produto de uma sociedade hierárquica, que se divide em passivos/ativos sexuais” (ZAMBONI, 2016, p. 18), em muitas determinações, a bicha é nominada de formas variadas: *é o gay, o viado com uso da letra “i”, o baitola, o boiola, o fresco*. Mas ainda assim, é dele/a, o corpo desviado da normalidade.

Por isso, os colonizadores procuravam destacar características consideradas como defeitos diante da “heterossexualização” e a colonização da sexualidade indígena imposta

⁹ Homofobia: é uma série de atitudes e sentimentos negativos, discriminatórios ou preconceituosos em relação a pessoas que sentem atração pelo mesmo sexo ou gênero, ou percebidas como tal.

através das instituições, paradigmas e dogmas sociais e religiosos. (FERNANDES, 2017, p. 247). E segundo Lima (2019) sobre o dado apontado pelo autor:

A homossexualidade indígena é usada como uma *categoria guarda-chuva* que abriga todas as práticas que não se enquadram no modelo hétero hegemônico. Desta forma, não uma apreciação das diversas categorias que hoje existem como identidades sexuais e de gênero, tais como lésbicas, bissexuais, transexuais, intersexuais e queer. Consequentemente, o “índio homossexual” é uma construção que emerge no universo de contato com o colonizador e em meio ao processo de subordinação, colonização, proletarização, cristianização, cientificização e racialização dos desejos e sexualidades dos indígenas. (LIMA, 2019, p. 379, grifo nosso).

A partir do olhar da literatura, segundo Fernandes (2017, p. 24) “a homossexualidade indígena aparece de múltiplas formas em diversas fontes desde o início da colonização do Brasil”. Parte desta literatura foi já explorada por Luiz Mott em alguns de seus textos sobre história da homossexualidade no Brasil. Esse autor indica a existência dos termos *tibira* e *çacoaimbeguira* para referir-se aos índios gays e às índias lésbicas, respectivamente. Várias seriam as referências a tais práticas no início da colonização do país, conforme nos aponta esse autor:

1549: O Padre Manoel da Nóbrega relata que “os índios do Brasil cometem pecados que clamam aos céus e andam os filhos dos cristãos pelo sertão perdidos entre os gentios, e sendo cristãos vivem em seus bestiais costumes”

1557: O calvinista Jean de Léry refere-se à presença de índios “tibira” entre os Tupinambá, “praticantes do pecado nefando de sodomia”

1613: Índio tibira Tupinambá do Maranhão, é executado como bucha de canhão por ordem dos frades capuchinhos franceses em São Luís, “para desinfestar esta terra do pecado nefando”; é primeiro homossexual condenado à morte no Brasil

1621: no Vocabulário da Língua Brasílica, dos Jesuítas, aparece pela primeira vez referência a “çacoaimbeguira: “entre os Tupinambá, mulher macho que se casa com outras mulheres” (MOTT, 2006, versão eletrônica).

Por consequência, percebo a construção da identidade indígena gay como negativa. A intolerância às diversidades sexuais não é golpe novo – o indígena Tupinambá foi morto por sua orientação sexual – morto por seus desvios – o abominável pecado de sodomia. Esse caso apontado acima por Mott a partir do relato escrito pelo padre capuchinho francês Yves D’Evreux intitulado *Viagem ao Norte do Brasil (1613-1614) (Voyage au nord du Brésil fait en 1613 et 1614)* é especialmente emblemático nesse sentido. No capítulo XXV de seu texto (“Dos caracteres incompatíveis entre os selvagens”) escreve o padre que:

Ha em Juniparan, na Ilha, um hermaphrodita, no exterior mais homem do que mulher, porque tem a face e voz de mulher, cabelos finos, flexíveis e compridos, e comtudo casou-se e teve filhos, mas tem um genio tão fórte que vive porque receiam os selvagens da aldeia trocar palavras com elle. (D’EVREUX, 1874, p. 90).

Portanto, mais do que segregar os/as sujeitos/as, o processo colonial interferiu subjetivamente na morte simbólica de tais pessoas. Assim, Moraes, adverte:

Sendo tais dispositivos disciplinares os responsáveis a ditarem práticas e comportamentos a serem seguidos, e aos quais, interferem de modo direto nas subjetividades e nas construções psíquicas e sociais dos indivíduos, referentes a sua sexualidade (MORAES, 2019, p.101).

Observo o retorno recente do dispositivo cura gay e as terapias de reversão da orientação sexual que “insere-se no debate mais amplo sobre a patologização das sexualidades dissidentes em relação àquelas tidas como “normais”, isto é, heterossexuais”. (GARCIA; MATTOS, 2019, p. 50) – A partir de Foucault compreendo dispositivo enquanto um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. A cura gay, decididamente, é uma prática cruel tendo em vista que a orientação sexual é algo inerente à pessoa e indissociável dela, não podendo ser revertida. Em suma, seria um dos modos de controle do corpo e de fazer morrer.

Enfim, o dito e o não dito são os elementos desse dispositivo. “O dispositivo é a rede que se pode tecer entre estes elementos [...] O dispositivo tem, portanto, uma função estratégica dominante” (Foucault, 1979, p. 244). Assim, GARCIA; MATTOS, (2019) apontam:

No campo das terapias de reversão da orientação sexual, há uma clara tendência, independentemente da corrente a que os autores se filiem, a considerar as homossexualidades como fruto de uma “falha ambiental”. Tal fato é decorrência da própria possibilidade de eficácia do método de tratamento, uma vez que estas terapias teriam pouca resolutividade se a suposta causalidade das homossexualidades fosse genética e/ou hormonal. Ainda como tendência geral, independentemente das correntes teóricas, o contexto familiar é tido como o principal vilão nesse processo de desenvolvimento das homossexualidades, uma vez que caberia à **família** a função do direcionamento heterossexual dos(as) filhos(as). (GARCIA; MATTOS, 2019, p. 54, grifo nosso).

Portanto, posso afirmar que a orientação sexual não é resultante do meio no qual se está inserido, nem de contextos relacionados à família e amigos; dessa forma, o dever da instituição familiar é acolher, respeitar e amar seus entes. Os familiares devem estar preparados para proteger e orientar àqueles que amam contra possíveis violências, dentre elas, a cura gay.

2.3 Sexualidade, discurso e performatividades

Sendo assim, (BUTLER, 2008) problematiza as teorias feministas, denunciando que estas vinculam o gênero à estrutura binária, na qual há a pressuposição da heterossexualidade. Por conseguinte, torna-se referência nos estudos queer, ao asseverar que os sexos não têm nenhuma validade ontológica e o gênero não é uma parte natural de uma pessoa, mas algo ao qual elas devem estar constantemente sendo expostas e solicitadas a representar – o que será chamado de performances de gênero.

Portanto, quando a sociedade não conhece as diversas performatividades de gênero ao longo da história, o indivíduo é despojado da sua especificidade e subjetividade como pessoa e sujeito de direitos; e a sua existência transforma-se em vida que não merece ser vivida, e refletida; a partir de Butler: a vida LGBTQI+ é transformada em uma vida precária, uma vida que não seja passível de luto (BUTLER, 2004; 2015a).

Em Butler, tal teoria não trata só da linguagem, mas também como operam as forças estruturadas e estruturantes que incidem sobre a introjeção de valores que motivam a ação performativa. Butler também faz refletir sobre o *movimento do corpo* que tais forças ensejam e o efeito da repetição no processo de fabricação da materialidade corporal. Sua noção de performatividade encontra, numa analítica da linguagem, a gramática matricial para entender como o corpo em movimento apreende normas e emerge como projeto normativo cultural de sexo/gênero/desejo/prática sexual. (COLLING, ARRUDA; NONATO, 2019).

Entretanto, estas perspectivas sugerem que textualidades e discursos constituem o imaginário e a experiência de meninos e meninas no contexto do espaço escolar. Como explica (MISKOLCI, 2012, p. 12) existe no processo formativo desses sujeitos uma busca “compreensível de aceitação e sobrevivência” e, dessa maneira, somos moldados e educados a cumprir com normas pré-estabelecidas sem questionarmos os sentidos que elas têm e suas interferências em nossas formas de agir.

A violenta atuação dos espaços formativos nos mostra que existem estratégias de docilização que nos acompanham e incidem sobre nossos modos de ser e agir. Portanto, a escola é um espaço recorrente quanto à produção, reprodução e atualização dos parâmetros da heteronormatividade – um conjunto de disposições (discursos, valores, práticas) por meio das quais a heterossexualidade é instituída e vivenciada como única possibilidade natural e legítima de expressão (WARNER, 1993).

Em decorrência disso, ao percorrer as escolas, noto facilmente a intensa personificação dos seus espaços e de suas práticas, e o quanto as fronteiras de gênero são obsessiva e binariamente demarcadas. Atividades, objetos, saberes, atitudes, espaços, jogos e cores que poderiam ser, indistintamente, atribuídos a meninos e a meninas, tornam-se arbitrária e binariamente, masculinos ou femininos. São personificados e transformados em elementos de distinção, classificação e hierarquização. Logo, o termo *criatividade* é facilmente posto a serviço da heteronormatividade e capturado pelo sistema opressor educacional capitalista.

Do mesmo modo, a palavra *inclusão* está submetida ao modelo heteronormativo ao destoar de seu propósito, que é o de garantir a todos os brasileiros o acesso à educação e o direito à aprendizagem, ao levar em conta a diversidade de experiências, habilidades, contextos e capacidades de cada estudante.

Afirmações ou expressões heteronormativas como “meninos brincam com meninos, e meninas com meninas”, “a dança é coisa de menina”, entre tantas outras, requerem problematizações. Por que uma simples boneca ou um objeto rosa nas mãos de um garoto pode gerar desconforto e até fúria? Uma criança não pode preferir brincar com itens definidos como pertencentes a um gênero diferente do seu? Um jovem, por ser gay, não pode gostar e se destacar no futebol?

Por que o atravessamento das fronteiras de gênero é tão desestabilizador? Seria possível existir uma masculinidade (heterossexual ou não) que permitisse livre *trânsito* de jogos, objetos, gestos, saberes, habilidades e preferências hoje entendidas como femininas? Isso não pode se dar em relação às meninas e às “coisas de homem”? Seriam possíveis masculinidades ou feminilidades homo ou bissexuais? Feminilidades e masculinidades devem continuar a ser atribuídas de maneira binária? Investir na oposição binária entre masculinidades/feminilidades ou entre hetero/homossexualidades não seria reiterar ditames heteronormativos (BUTLER, 2003; JULIANO; OSBORNE, 2008)?

No contexto escolar, a orientação sexual e a diversidade sexual encontram-se engavetadas, seja pelo conservadorismo da educação, seja pelas pedagogias do insulto e do armário. Estudantes, docentes, funcionários/as identificados/as como não-heterossexuais são frequentemente degradados à condição de menos humanos, merecedores da ira homofóbica de seus pares e superiores, que agem na certeza da impunidade, em nome do esforço corretivo e normalizador, que segundo Letícia Carolina:

A figura do armário é bastante emblemática para o movimento LGBT, sair do armário foi, e às vezes ainda é uma imposição daqueles que conseguem viver, apesar dos dispositivos normatizadores, suas sexualidades de modo público. O armário em

grande parte nas análises é compreendido como um dispositivo de repressão sexual”. (NASCIMENTO, 2019).

Outrossim, a partir da figura do armário: a escola, nesse caso, é uma instituição e docentes, profissionais e documentos normalizadores – mostra-se cruamente como instituição disciplinar (FOUCAULT, 1997). Assim sendo, ela recebe todos os atributos positivos, ao passo que as outras instituições só poderão ser avaliadas de forma negativa e ocupar um status inferior (SILVA, 2000).

Diante disso, a discriminação, a exclusão e o controle da homossexualidade repousa sobre o silêncio imposto e sobre a captura da palavra diversidade pela sociedade conservadora, implantando o discurso de “tolerância” as/os jovens LGBTQIA+. Para além de uma discussão de não fazer morrer outras pessoas é preciso reconhecer as multiplicidades do corpo; então, o que está sendo proposto não é discutir a “sua” identidade de gênero ou colocar em risco “sua” biologia – mas é fazer com que pessoas não se tornem agressivas, invasivas e indiferentes à diversidade/diferença.

Para isso, é necessário desnudar e romper padrões os quais confundem biologia com identidade afetiva e desejo sexual – pensamento divergente dos Princípios, Fundamentos e Procedimentos da Educação Básica – própria legislação educacional e seu efetivo incremento no percurso social em território brasileiro – “educação para todos”. Logo, “eu quero aprender a respeitar as pessoas” e romper com diversos comportamentos que são encaixotados, estereotipados, padrões pré-estabelecidos pela sociedade – criação humana. Portanto, mutáveis!

Nesse contexto, da escola/mundo/vida, na contemporaneidade, segundo Foucault, o papel do intelectual é promover a exposição dos limites da sociedade e, por meio da problematização, desnaturalizar as relações sociais e culturais opressoras. Assim, não se deve dizer às pessoas o que devem fazer, muito menos, moldar a vontade política delas. O intelectual deve interrogar-se sobre suas áreas de atuação e, com base na problematização, fazer questionar aquilo que está normatizado socialmente, exercendo, assim, a sua cidadania.

Durante muito tempo, as pessoas me pediram para lhes explicar o que iria acontecer e lhes fornecer um programa para o futuro. Sabemos muito bem que, mesmo quando inspirados pelas melhores intenções, esses programas sempre se tornaram uma ferramenta, um instrumento de opressão. A Revolução Francesa se serviu de Rousseau, que tanto amava a liberdade, para elaborar um modelo de opressão social. O estalinismo e o leninismo horrorizariam Marx. Meu papel- mas este é um termo muito pomposo- é mostrar às pessoas que elas são muito mais livres do que pensam, que elas tomam por verdadeiros, por evidentes certos temas fabricados em um momento particular da história, e que essa pretensa evidência pode ser criticada e

destruída. O papel de um intelectual é mudar alguma coisa no pensamento das pessoas (FOUCAULT, 2014, p. 288).

A normatização se conjuga através de processos de hierarquização e implica todos os sujeitos. Normais e anormais estão ambos situados no interior do critério, isto é, a norma que estabelece essa distinção. O que muda são as posições em relação à medida (FONSECA, 1995). A individualidade não normatizada pode tornar-se digna de repulsa e abjeção, habilitando-se a ocupar um grau inferior ou nulo de humanidade.

A performatividade é a voz da resistência frente aos valores pré-estabelecidos e à invisibilidade na ocupação de espaços. Sob esse ponto de vista, os jovens gays entendem o mundo à sua maneira de ser e existir; e tornam-se, com isso, sujeitos de resistência. Na interação social, esses corpos são capazes de atuar na construção de sentidos e jeitos diferentes com outras pessoas. Sendo assim, os comportamentos de *bicha*, que parecem impróprios, podem estabelecer significados levando em conta o contexto e a influência mútua dos diversos modos de vir a ser.

Por esse motivo, é preciso romper com os resquícios da educação tradicional, conservadora – não voltada para a visualização desses modos de vir a ser que fora vivenciada em nossa formação e que ainda é praticada no ambiente escolar por muitos docentes. Inclusive, é urgente pensar uma reformulação do que é ensinado nas instituições de ensino superior- IES – para que, em suas práticas e currículos, haja uma proposta que contemple as diversidades/diferença, especialmente, as diversidades sexuais.

2.4 Um pesquisar performativo e sociopoético

Uma das formas que utilizo para descrever as experiências, durante o meu pesquisar, é a produção de diários e mapas de escuta, os quais permitem compreender o processo vivenciado durante o pesquisar através dos encontros e desencontros durante o caminhar, a autoanálise e análise das implicações. Desse modo, volto-me ao terceiro princípio da sociopoética: o pesquisar com o corpo inteiro. (GAUTHIER, 2003).

O processo performativo age diretamente no coração e no corpo da identidade do performer, destruindo, reconstruindo seu eu, sua subjetividade, sem adoção obrigatória de uma personagem. A performance toca o sujeito que vai para a cena, que se produz, que executa. Se o ator performar, ele realmente age com o seu corpo e sua voz em cena (FÉRAL, 2008:83, apud STECKERT, 2015, p. 134). E como propõe Adad (2014, p. 48) “Porque o

corpo pensa não só a razão, mas por emoção, os sentidos e a intuição pensa”. E de acordo com Gauthier, (1999):

O corpo de cada um de nós é uma forma de vida, que por ter uma história [...] e raízes ancestrais ainda atuantes, vivas, irradiantes, sabe muitas coisas – algumas claras, outras escuras e outras claras-escuras. Assim podemos afirmar que o corpo pensa. (GAUTHIER, 1999, p. 23).

Nesse sentido, há a necessidade de romper com a norma e ressignificar outros modos de aprender, criar, conhecer a vida, principalmente, outras existências e mundos. Um dançar de encontros e desencontros que, no caos, faz nascer vida; sonhos-aranhas; estado de flutuação que pulsa e frui – pequenas partículas que brilham e emanam uma luz intensa – produzem sonhos possíveis. Um andar de mãos dadas. Encontro com sabores, cheiros e toques.

Um gay, por exemplo, que não performa o seu gênero da maneira como exige a norma, é trans ou cisgênero? Posso dizer, em termos absolutos, que alguém consegue perfeitamente “estar do mesmo lado das características comportamentais, culturais ou psicológicas associadas a um sexo”? Quantas pessoas vacilam nessa tentativa de seguir a norma para estar desse “mesmo lado”? (COLLING, 2015, p. 61). Como resistir? “Quem pode falar?” (KILOMBA, 2019).

A proposta teórica é traçar linhas, um “chão” (mapa) das possibilidades de resistência no pensamento de Gilles Deleuze e, ainda, em suas colaborações com Félix Guattari, contrapondo a perspectiva desses autores à analítica do poder em Foucault. Possivelmente, tais autores delineiem pontos-chave pensando o ato de resistência por meio de conceitos como “linha de fuga”, “dispositivo”, “desejo” e “liberdade de ser”. O caminho me parece adequado uma vez que observo, o aparecimento crescente de noções como, por exemplo, “multiplicidade”, “diferença”, “devir”, características da filosofia de Deleuze e Guattari dos novos movimentos sociais e, além disso, as possibilidades da resistência no mundo global.

A educação confronta-se hoje com uma riqueza de culturas diversas, na qual é importante o respeito pelo pluralismo, sendo necessário promover, urgentemente, uma educação para diversos corpos, que se consiga caminhar dialogando e compartilhando nas relações do “bem viver” (KRENAK, 2019) com a natureza e as humanidades – a própria natureza nos apresenta a diversidade. Logo, existe uma possibilidade de escolha para o indivíduo, tendo por base a perspectiva de não se adequar a um padrão criado – se o corpo irá

sofrer ou não com esse modo, evitando ou não que os sonhos se tornem abrigo do medo, como ressalta Krenak (2019):

Nosso tempo é especialista em criar ausências: do sentido de viver em sociedade, do próprio sentido da experiência da vida [...] O tipo de humanidade zumbi que estamos sendo convocados a integrar não tolera tanto prazer, tanta fruição de vida. Então, pregam o fim do mundo como uma possibilidade de fazer a gente desistir dos nossos próprios sonhos (KRENAK, 2019, p. 13).

Por essa razão, a questão das diferenças, do *eu e do outro*, do *nós e dos outros*, é um problema social, apenas, porque assim tem sido construídas mentes individualistas socialmente que não toleram o prazer, zumbis voltados para si mesmos, já não empenhados em realizar os próprios sonhos. Apenas possuem desejos e necessidades que, após satisfeitas, produzem novas necessidades, como o eterno castigo imposto a Sísifo pelos deuses, segundo a mitologia grega.

Assim, a criação do conceito se diferencia da metáfora, porque o conceito já não está ligado a uma ideia. O problema já se instaurou e é forçado a encontrar novas formas de dar conta dele. É aí que nasce o conceito. Ele vai se formando a partir de pedaços vindos de outros conceitos que respondiam a outros problemas, mas não dão conta do que se apresenta no presente. Um conceito é uma heterogênesse. (DELEUZE; GUATTARI, 1997).

Desse modo, as experiências, o mover-se coletivo – uma *transmundança*¹⁰ e criam, recriam – *transver*¹¹ novos mundos. As circularidades da vida, das relações e do pesquisar com os cinco princípios da Sociopoética, que adentra a ética, espiritualidade, natureza são elementos que fortalecem e energizam os corpos em diferentes espaços. *O corpo é uma potência!*

O que Deleuze e Guattari chamaram de “devir” (...) Quando oponho aqui a noção de “devir” a da “performance”, não trato de negar a dimensão “performativa” no processo de formação identitária. Não trato de negar a força da linguagem para produzir a realidade, mas essa força performativa não pertence à ordem de uma enunciação individual e voluntária ou inclusive voluntarista, mas sim a ordem da promessa, a maldição ou o sortilégio, de um pacto sempre político em que nos jogamos com o corpo (PRECIADO, 2005, p. 129).

Essa produção conceitual de Paul Preciado reitera o poder dos desvios em relação ao sistema heteronormativo. Em vista disso, as performatividades renunciam a identidades

¹⁰ Neologismo: Transmundança = Transformação + Mundo + Mudanças.

¹¹ Neologismo criado pelo Manoel de Barros: “o olho vê, a lembrança revê e a imaginação transvê o mundo”

sexuais fechadas, determinadas naturalmente, e de suas suposições de verdades biológicas de forma binária, bem como aos benefícios da heterocentralidade na obtenção de efeitos sociais, econômicos e jurídicos.

E assim, me enfureço com o diálogo político que solidifica o capitalismo e tecnologias sociais que, por sua vez, precisam de corpos disciplinados, prontos à exploração, “o corpo só se torna útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso” (FOUCAULT, 1997, p. 29). Em síntese, a obra de Foucault é uma dessas verdadeiras *máquinas de guerra* as quais levam a entender que os grandes problemas humanos do mundo contemporâneo não estão nas questões universais, mas em agenciamentos sempre provisórios através dos quais o poder é exercido; o desejo se institui e estabelece devires majoritários que querem a todo custo sufocar os devires minoritários do pensamento.

Contudo, há um controle minucioso na produção da heterossexualidade. As intensidades são direcionadas desde o nascimento por meio do diagnóstico biológico de masculino e feminino – inicialmente, a única possibilidade de construirmos nossos sentidos de gêneros e sexualidades.

Nesse sentido, a família se torna uma importante instituição para a construção desse corpo padrão e na formação das subjetividades que, grosso modo, se caracterizam pela reprodução das normas – dimensionando modos de agir, personalizando espaços, vestimentas, formas de tratamentos/convivência/expressão de sentimentos a partir das diferenças sexuais. Um exemplo de como a produção da heterossexualidade é controlada se deve ao fato de existir grande dificuldade/impedimento de pessoas Transexuais usarem banheiros. Essa situação ainda ocorre por quê?

A sexualidade permanece refém das dicotomias e maniqueísmos sob os quais se consolidaram os valores sociais, que favorecem as concepções de norma e de desvio que repercutem na educação sexual de jovens. “E enquanto o dispositivo de sexualidade permite às técnicas de poder investirem sobre a vida” (FOUCAULT, 1988, p. 146) especialmente, manipulam a sexualidade condicionando-a à submissão, à negação e à precariedade social.

Nesse caso, estão em jogo representações de ordem do “impuro” e “anormal”, em oposição às dimensões de “norma” e “heterossexualidade” — fatores que fazem com que diferentes instituições, principalmente a escola, façam distinções, gerando uma perspectiva de não respeito às diversidades de gêneros e sexualidades. Como as juventudes podem fugir dessa reprodução binária? A partir deste questionamento Costa (2020) aponta:

Na sociedade a gente vive como fantoches guiados o tempo todo pelas pessoas que dizem como a gente tem que ser e se comportar. Então, pra gente viver sem estar sendo guiado pelos outros é preciso tomar uma decisão porque tudo que a gente faz tem uma consequência. Chega um momento da vida que você escuta as pessoas dizendo o tempo todo que determinada coisa é certa, mas com o tempo você percebe que não é certo e você passa a fazer o que você quer porque você percebe que pode fazer uma coisa diferente daquilo que aquelas pessoas estavam dizendo para você fazer. Então, pra ser mais libertos, precisamos deixar de nos importar com a opinião dos outros e passarmos a fazermos nossas próprias escolhas. Hoje em dia as pessoas se importam muito com o que os outros falam. É bom ser diferente! Você sendo homossexual, você vai se acostumar a ser diferente, mas não vai se acostumar com as críticas e com o preconceito. Você que escolhe se vai continuar a viver sua vida, mesmo sendo diferente, ou se vai continuar se isolando. Eu por exemplo, no começo escondia de todo mundo que eu era lésbica porque eu tinha esse medo da sociedade está me julgando, me criticando e dizendo que não era normal. Depois eu vi que se a gente ficar o tempo todo se escondendo das coisas a gente não vai conseguir nada. Não vai conseguir viver! Não vai conseguir ser liberto! (COSTA, 2019, p. 119).

Consequentemente, este pesquisador, em seu caminhar, sente as amarras de um processo de formação inicial com base tradicional e cartesiana. Por essa razão, afirma-se a importância de conhecer as diversidades sexuais para a composição dos componentes curriculares, e tal qual (bell hooks, 2013. p.9) ensina a ter coragem de transgredir, enfrentar os próprios “medos” e falar quando se tem dúvidas, rompendo fronteiras.

No próximo capítulo, abordo como constituí pesquisador sociopoeta.

CORPO-GIZ III: CONSTITUINDO-SE PESQUISADOR SOCIOPOETA

As estruturas estão se rachando...

Não consigo dormir, mexo me remexo.
 Noites escuras e claras,
 Pensamento vazio que de cheio sufoca.
 O silêncio!
 Sinto-me preso no meu próprio labirinto.
 Como fazer?
 Não existe o certo ou errado.
 Deslocam-se linhas...
 Criam-se borboletas!
 A experiência torna-se referência.
 Potência,
 Vida,
 Subversão!
 (Wesley Rodrigues, 2022)

Relato aqui a minha vivência de aprender Sociopoética na prática como algo transformador e imprescindível para aqueles que desejam ser sociopoetas, além dos que necessitam de metodologias sensíveis e inventivas na escola a fim de evocar, nos estudantes, a consciência de que podem ser sujeitos co-responsáveis e co-criadores de outras realidades sociais, diferentes daquelas que são opressoras.

3.1 Aprendendo Sociopoética na prática.

Um marco de extrema importância nesse caminhar de pesquisador-professor-artista foi ter participado do curso de extensão “A Sociopoética como Abordagem para Intervenções e Análises nas Políticas Públicas em Contextos Coletivos”, com carga horária de 160 horas, coordenado pela Professora Dr^a Ana Kalliny de Sousa Severo, promovido pela Faculdade de Ciências da Saúde Do Trairi – FACISA, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, sob orientação e mediação da professora e facilitadora Dr^a Shara Jane Holanda Costa Adad, da Universidade Federal do Piauí.

Ressaltamos que o curso proposto pretende articular diversos Programas e instituições, a saber: o curso de Psicologia da Universidade Federal Fluminense – UFF de Volta Redonda, a Pós-Graduação em Saúde Coletiva da FACISA/Universidade Federal do Rio Grande Norte - UFRN, o Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí – UFPI, o Curso de Medicina da Universidade Federal do Delta do Parnaíba no Piauí – UFDPAr. (PROJETO DE EXTENSÃO, 2021).

O curso de extensão – primeiro “pescuro sociopoético on-line”, me possibilitou sentir o método da Sociopoética (GAUTHIER 2003; 2014). O estudo contou com procedimentos: 1º Convite, busca ativa e seleção dos participantes interessados: Foi utilizado o *Google forms* para possibilitar as inscrições e realizar o processo seletivo dos copesquisadores de regiões diversas do território brasileiro – o que me gerou um gatilho ao pensar a internet como uma potência juvenil, me levando a criar um modelo de formulário (arquivo em anexo) para inscrição dos jovens desta pesquisa.

Na oficina de negociação, a facilitadora enfatizou a Sociopoética como método de pesquisa e ensino-aprendizagem – uma produção coletiva do conhecimento de forma prazerosa e criativa – “é um novo método de construção coletiva do conhecimento que tem como pressupostos básicos que todos os saberes são iguais em direito e que é possível fazer da pesquisa um acontecimento poético (do grego poiesis = criação)”. (ADAD, 2014, p.21). Dessa forma:

Num tempo de tantas incertezas, no qual a própria ciência busca se reinventar diante da diversidade e da pluralidade de problemas da vida contemporânea, a Sociopoética nos chega como uma abordagem que busca contemplar muitos dos nossos desejos, causando estranheza, curiosidade e, para alguns ortodoxos, dúvidas, por seu caráter descolonizador da ciência considerada clássica europeia. (SILVA; ADAD, 2020 p.1)

De fato, a Sociopoética é um método descolonizador da racionalidade do pensamento, “como diria Edgar Morin “uma ajuda à estratégia do pensamento”, assim, convém ressaltar as inspirações filosóficas que perpassam os procedimentos que ela propõe, até porque só fazem sentido como operacionalização de um jeito diferente de conceber a pesquisa” (ADAD, 2014, p. 21).

No seu início, a Sociopoética faz um ciclo de compartilhamentos entre a Pedagogia do Oprimido, de Paulo Freire; pela Análise Institucional, de René Lourau; pela Esquizoanálise, de Gilles Deleuze e Félix Guattari; pelo Teatro do Oprimido, de Augusto Boal; e pela Escuta Mitopoética, de René Barbier. É importante frisar que, nessa perspectiva circular, outras influências compuseram e/ou poderão ainda integrar o método, criando e recriando novos modos de pesquisar. Diante do exposto, pude compreender uma de suas principais fontes de inspiração teórica e a importância dessas inspirações para o método:

Uma de suas principais fontes de inspiração teórica é a Pedagogia do Oprimido, de Paulo Freire (1987). No que diz respeito a este referencial, sabe-se que a filosofia dialógica de Paulo Freire enfatiza que “[...] o nosso papel não é falar ao povo sobre a nossa visão do mundo, ou tentar impô-la a ele [...]” (FREIRE, 1987, p. 87), e sim adotar uma postura de respeito mútuo e de troca entre saberes intelectuais e

populares. Freire propõe o círculo de cultura como mecanismo de construção coletiva do conhecimento, através da constituição de um grupo-pesquisador formado por especialistas e gente comum, que juntos investigam um tema-gerador visando formular o conteúdo programático da ação educativa. (ADAD, 2014, p. 22).

A Sociopoética utiliza-se do conceito de dispositivo que, para este método, torna-se “todo tipo de montagem temporal ou espacial que propicia naturalmente ou de maneira deposita o surgimento do novo, do heterogêneo, e/ou do singular”. Logo, no pesquisar sociopoético, as técnicas utilizadas se tornam dispositivo – “no sentido de que se espera que façam emergir não ditos e/ou elementos novos, dimensões pouco aparentes.” (ADAD, 2014, p. 22).

Destaco ainda que o método da Sociopoética assume **cinco princípios básicos**, a saber:

QUADRO: 1 - Cinco princípios da Sociopoética

Pesquisar Entre as Pessoas de um Grupo	Pesquisar com/entre pessoas diferentes: “é multiplicar os lados da visão, da audição, do tato, do paladar e da razão” (ADAD, 2014, p. 44).
Pesquisar com as Culturas de Resistência, das Categorias e dos Conceitos que Produzem.	Gauthier (2012), sobre o direito do mais fraco, trata de epistemologias apropriadas para se falar dos contextos de desigualdade e de opressão que envolveram a história da humanidade.
Pesquisar com o Corpo Todo	O corpo pensa. Com a Sociopoética, existe a possibilidade de trazer o corpo inteiro para o pesquisar, para o conhecer. (ADAD, 2014, p. 48).
Pesquisar Utilizando Técnicas Artísticas	Transver ou Estranhar: seria o mesmo que ensinar o que se ignora e isso é simplesmente questionar sobre tudo que se ignora. (ADAD, 2014, p. 42).
A Importância da Responsabilidade Ética, Noética e Espiritual do Grupo-pesquisador no Momento do Processo de Pesquisa.	Garante a democracia e a autonomia das/os copesquisadoras/es como produtores do pensamento coletivo. (ADAD, 2014, p. 57).

Fonte: Adaptado de Adad (2014) e Gauthier (2012)

Portanto, os cinco princípios Sociopoéticos que são: 1º princípio: a instituição – negociada entre as pessoas de um grupo-pesquisador, no qual o conhecimento é produzido coletiva e cooperativamente. O grupo-pesquisador é constituído pelo pesquisador oficial – facilitador/as e os participantes da pesquisa são co-pesquisadores. O papel dos sujeitos da pesquisa como co-responsáveis pelos conhecimentos produzidos. A partir da inspiração do círculo de cultura freireano “o nosso papel não é falar ao povo sobre a nossa visão do mundo,

ou tentar impô-la a ele” (FREIRE, 1987, p. 87). Assim, o grupo-pesquisador adota uma postura de respeito mútuo e de troca entre saberes intelectuais e populares.

O 2º princípio: favorecer a participação das culturas de resistência na produção e leitura dos dados da pesquisa – uma prática pluricultural na pesquisa, que tem a ver com a produção de potências. No caso do referido Curso de Extensão, do qual eu participei, o grupo-pesquisador foi formado por pessoas da academia – estudantes, professoras/es, profissionais da psicologia, pedagogia, educação física, teatro. Um coletivo heterogêneo, onde se estabeleceu igualdade de direitos, saberes e interação com as diversidades/diferenças. As/os co-pesquisadoras/es tornaram-se bando. Um corpo diverso que experimentou a produção coletiva de um personagem representativo do grupo, o “transmudança” – Transformação, mundo e mudança.

Imagem 5: Transmudança



Fonte: Meu Arquivo Pessoal

O 3º princípio: é o de considerar o corpo inteiro emocional, intuitivo, sensível e sensual, gestual, racional, imaginativo, como portador de marcas históricas e, igualmente, como fonte de conhecimentos. O 4º princípio: Favorecer, pelo uso de técnicas artísticas de produção de dados, a emergência de pulsões e saberes inconscientes, desconhecidos, inesperados, como dados de pesquisa que expressam o fundo íntimo, perto do caótico, das pessoas. 5º princípio: é a interrogação, pelo grupo-pesquisador, do sentido político, ético e espiritual, ou seja, humano, desenvolvido no processo de pesquisa, e das formas de socialização a serem escolhidas.

Aprendi sociopoética, fazendo. Naquele curso, na oficina de negociação, aprendemos a importância de consolidar os pactos coletivamente desde a escolha. Posteriormente, o tema-gerador “sonhos” foi sugerido pelo grupo-pesquisador, ficando evidente para todos a importância da livre escolha para participação na pesquisa. Foi reforçado, igualmente, o compromisso, os horários de encontro, a frequência, a importância da ética e o cuidado com cada uma e cada um no processo de uma pesquisa-curso (pescurso).

O 2º procedimento voltou-se à logística para realização das oficinas. Os encontros foram quinzenais, divididos em: a) Oficinas: Realizadas com duração de três horas, com dispositivos diversos, que permitiam ao coletivo apreender as diferentes técnicas da Sociopoética. b) Rodas de conversas: Leitura dos textos e construção de espaços de reflexão e aprendizagem coletiva com os atores interessados na perspectiva metodológica apresentada. O quadro 2 apresenta os processos da pesquisa sociopoética:

Quadro: 2 - Processos da Pesquisa Sociopoética

Oficina de Negociação	Negociação para constituição do grupo pesquisador, pactuação de datas, horários e local para execução das oficinas, assinatura dos TCLEs e definição do tema-gerador.
Relaxamento	Momento precípuo importante nas oficinas o relaxamento ou exaustão com a intenção de preparar/cuidar do corpo das/os copesquisadoras/es para que possam entregar-se a pesquisa.
Oficinas de produção de dados com as/os copesquisadoras/es	Os dados são produzidos por meio de técnicas escolhidas (conforme o vasto acervo de técnicas) ou inventadas pelas/os facilitadoras/os.
Oficina de análise com as/os copesquisadoras/es de produção de dados.	São realizadas análises das produções feitas pelo grupo-pesquisador.
Oficina de contra-análise	Momento contra-colonial, no qual, as/os facilitadoras/es entregam a produção a partir do seu pensamento a respeito do tema-gerador para o grupo-pesquisador.

Fonte: Autor (2022)

Ainda nesta etapa, chamou-me atenção para a ética, a responsabilidade das/os facilitadores com a orientação, o sigilo de nossas identidades, a preocupação e o cuidado com os dados produzidos pelo grupo-pesquisador instituído. Assim, voltei-me a importância ética na pesquisa, no processo de inserir o projeto na Plataforma Brasil, a organização documental e a apreciação do Comitê de Ética da UFPI. Aprovado com o CAAE nº: 60189422.0.0000.5214 e Número do Parecer: 5.595.588, de acordo com ANEXO A.

Iniciamos o primeiro encontro com relaxamento, em seguida, a proposta de escrever uma enxurrada de palavras, a qual eu fiquei, a princípio, sem entender – o meu corpo passou

pelo estranhamento, mas buscava compreender o fluxo do exercício, porém compreendi que, para a realização da pesquisa Sociopoética, o estranhamento é de suma importância. Estranhar para conhecer ou transformar para conhecer. (Tempo Filosófico). O relaxamento trouxe a possibilidade de esvaziar a mente, desconectar-se da racionalidade na medida em que o corpo se permite à prática. Observe as imagens 6 e 7.

Imagem 6: Exercício de Escrita de palavras;



Fonte: Meu Arquivo pessoal

Imagem 7: Entre palavras e Tina (minha pet)



Fonte: Meu Arquivo pessoal

Após o exercício de palavras, uma etapa significativa foi gestar personagens/heterônimos, posteriormente à produção plástica – materialização do corpo “Coflor” (imagem 8) e a técnica: Viagem Imaginária.

Imagem 8: “Coflor”



Coflor – É a relação entre os corpos diversos e as flores. A diversidade de formas de ser, existir e resistir. E seus arranjos, as inflorescências são inesgotáveis. É só pensar nas diferenças, como: um girassol imponente, uma espiga achatada, um copo de leite ou violetas, pequenas, delicadas e potentes. Um corpo, consigo, com o outro e com o mundo. Utilizando a arte com movimentos, a vida com performatividades e as cores contra a invisibilidade e silenciamentos de corpos tidos como abjetos por não preencherem os padrões pré-estabelecidos. Coflor é um corpo dançante com poéticas compositivas e coreográficas. Ao mesmo tempo em que se realiza a elaboração da autonomia, da autogestão, da contextualização crítica do lugar social pensando gênero e sexualidade.

Fonte: Meu arquivo pessoal

A técnica da viagem imaginária me levou a caminhar, pensar em um problema, cair no buraco, encontrar pontes, superar obstáculos e a criar sonhos. Nessa técnica entrei em um

estado de profundo relaxamento do corpo que me possibilitou imaginar, criar e a seguir minha intuição.

Em cada encontro/oficina as/os copesquisadoras/es produziam escritas no diário de itinerância, registrando o processo afetivo e, também, a produção do conhecimento. Ressalto que as pessoas facilitadoras foram um elo para integração do grupo-pesquisador em todos os encontros. Também observei que cada uma delas tem seu modo/cuidado de mediar a oficina e o grupo-pesquisador. A facilitadora Rosenilda (Rose), da Universidade Federal do Ceará, me encantou com sua simplicidade, o uso das palavras, altura da voz, o saber esperar, escutar e permitir as intensidades que foram produzidas no fluxo. Eu me senti interligado à prática dela.

A partir do curso de extensão foi possível vivenciar e apreender a abordagem da Sociopoética; Construir uma rede colaborativa entre discentes e profissionais de diferentes instituições que atuam nas políticas públicas nas regiões nordeste e sudeste; Produzir e publicar trabalhos acadêmicos e artísticos que expressem o conhecimento produzido durante o curso; Momento de leitura coletiva dos diários para autoavaliação e avaliação entre pares.

Em consonância, a produção feita por muitas mãos é um esperar Freiriano na abordagem Sociopoética de (GAUTHIER, 2003; 2014), nos estudos de Deleuze–Guattari, Foucault, Butler, Preciado – gatilhos que fazem dançar tiram o sono, proporcionam o dormir, produzem sonhos “aranhas”: entrar-sair-perder-encontrar e constantemente errar. Logo, experimentando emoção/sentimentos, fases, em mim, permanentes de criança, jovem, adulto e velho.

Imediatamente, compreendo o corpo diverso, que tece singularidades para a coletividade, que necessita de outros modos de viver, escrever, falar, mas, que ainda, sofre pela subjetividade controlada na relação de poder no processo de escolarização. Portanto, compreendo que minha análise das implicações – é ação do corpo dançante. Por isso, a importância do diário de itinerância para registrar cada passo desse estudo.

O percurso foi para mim um retorno para sala de aula, logo, afirmo que é uma vivência fundamental na constituição de um/a pesquisador/a sociopoeta. A prática me possibilitou estudar/aprender/interagir com o Método Sociopoético, pesquisadoras/es e o grupo-pesquisador; em outros momentos me senti em um estágio de observação, no qual obtive noção de como se realiza a pesquisa coletiva; refletir o contexto; analisar a relação facilitadora/a-co-pesquisadoras/es; a metodologia – modos de condução das interações e orientações; as diferentes formas de fazer a partir da escolha das técnicas artísticas.

Outra experiência percorrida deste pesquisador-professor-artista foi participar da formação online de extensão universitária “Diversidade e Inclusão Social em Direitos

Humanos” da Universidade de São Paulo – USP, com foco no eixo IV. Diversidade Sexual, totalizando 160 horas, realizadas de 05/02/2022 a 10/11/2022.

No módulo IV. Direitos Humanos e enfrentamentos das Violências e Desigualdades contra a Diversidade Sexual foi oportunizada a discussão sobre as violências sofridas pela população LGBTQIA+ nas sociedades contemporâneas e seus impactos nas esferas pública e privada. Tendo como objetivo sensibilizar para a importância da promoção de ambientes inclusivos e variados em relação à diversidade sexual e de gênero, com atenção à cultura, aos princípios e fundamentos dos Direitos Humanos e aos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável.

Com a divisão em tópicos: 1.1 Conhecimentos: sexualidade, identidade de gênero, heterocisnormatividade, movimentos e memórias LGBTQIA+, marcos legais e pactos globais. 1.2 Habilidades: dialogar a respeito da diversidade sexual e de gênero; valorizar as diferenças e reconhecer novas legitimidades a fim de eliminar barreiras. 1.3 Valores e atitudes: diálogo apreciativo; empatia; inclusão, diversidade e alteridade.

O curso contou ainda com discussões sobre: a heterossexualidade obrigatória e a criminalização da sexualidade não heterocisnormativa; identidades de gênero, orientação sexual e performatividades de gênero; a múltipla combinação das determinações das opressões sociais no Brasil: uma perspectiva materialista a respeito da interseccionalidade.

No tópico de múltipla combinação, foram apresentados a combinação histórica entre as relações sociais de produção na formação social e econômica; e os aspectos do padrão civilizatório capitalista que estruturaram as bases das múltiplas opressões sociais existentes no país, tais como: a opressão racial, de gênero, de orientação sexual e da exploração de classe, constituindo a mulher trabalhadora, não-branca e fora do padrão heteronormativo, a base da pirâmide social brasileira.

A discussão continuou com: homotransfobia, violência e direitos humanos; lesbianidades e as lutas feministas por direitos humanos; ideologia de gênero – essa aula situou os estudos de gênero em sua relação com os feminismos visando a uma reflexão crítica sobre como as relações sociais de gênero são racionalizadas e pleiteadas no domínio das políticas e práticas educacionais; com foco voltado à produção da retórica da ideologia de gênero no âmbito do discurso antigênero.

Consequentemente, os próximos tópicos foram: direitos humanos e saúde LGBTQIA+; ações governamentais no âmbito da saúde LGBT - comitê técnico de saúde integral LGBTQIA+; direitos humanos, educação e população LGBTQIA+; participação política e relações de poder na produção de políticas públicas; desigualdade, LGBTQIA+ e trabalho; a

"cura gay", ideologia de gênero e direitos humanos – a partir do estudo desse tema, fiz uma investigação mais aprofundada para trazer, nessa pesquisa, essa discussão que atravessa o meu objeto de estudo: o jovem gay.

As oficinas continuaram com as seguintes temáticas: conservadorismo e desafios para os direitos LGBTQIA+; direitos humanos LGBTs e políticas públicas; políticas de memória: movimentos, intertextos e diferenças – esse encontro teve uma significação ao trazer em pauta a construção da memória política da homossexualidade. Posteriormente, foi discutida a produção de conhecimento no campo LGBTQIA+, através da qual, tive mais certeza da relevância desse estudo para a academia e, principalmente, para a sociedade.

3.2 Experimentação da Técnica Corpo-giz

A minha intenção era produzir uma técnica artística que utilizasse a potência do corpo e o chão da escola (os trajetos). A Técnica Corpo-giz foi criada no decorrer do meu trajeto de estudo. Para o seu processo de criação levei em consideração os seguintes aspectos: performatividades do corpo; jovem gay; escola e a Sociopoética e, conseqüentemente, os objetivos desse estudo.

A seguir, precisei fazer a experiência da Técnica Artística (teste), para isso, contei com o apoio dos membros do NEPEGECEI da Universidade Federal do Piauí: Letícia Carolina Nascimento, José Gomes Filho, Marlia Ferreira Ribeiro, Naira Jane Soares, Tamara Raquel Feitosa, Pollyana Ramos e da minha orientadora, Shara Jane Adad. Note na imagem 9.

Imagem 09: Experiência da Técnica Corpo-giz



Fonte: Meu Arquivo Pessoal

Os corpos foram aglutinados pelo chão da UFPI – quando a dança acontece os corpos performam: cruzamentos, fronteiras, torções e desvios. Uma resultante de procedimentos e dispositivos artísticos que ultrapassa a representação e devolve ao corpo sua potência. A ação de corporificar novos mundos, ou seja, aquelas/es que se propõem ser inventoras/es de sonhos possíveis, novos espaços e rupturas, enveredando pela descolonização e buscando forjar outras subjetividades distantes dos paradigmas do pensamento hegemônico.

Ficamos envolvidos – ato permissivo, coletivo e abertos às criações e inventividades dos corpos que experimentam e exploram suas diferenças diante do padrão. O movimento é imprevisível e provoca o sentir: as sensibilidades do corpo performático e dançante (imagem 10), algo singular e poético de se vivenciar – flutuante da norma pré-estabelecida.

Imagem 10: Performances dos corpos



Fonte: Meu Arquivo Pessoal

O experimento foi, para mim, um divisor de águas, primeiro por identificar a potencialidade da técnica artística para produção dos dados; segundo pela colaboração dos membros do NEPEGECI, os quais me ajudaram a visualizar pontos que precisavam ser revistos como, por exemplo: Pollyana foi enfática ao detalhar seu incômodo com o ruído do giz ao ser riscado no piso da sala e sugeriu, baseando-se em suas práticas na educação infantil, que eu utilizasse o giz molhado; Marlia reforçou que, para ela, a experiência foi significativa e a fez perceber o quanto seu corpo estava travado, ela disse: “percebi que meu corpo não esteve presente na minha trajetória escolar. Eu não aprendi através dele”.

Naira, por meio da sua formação em Geografia, apontou que os rabiscos remetiam aos trajetos, aos territórios de cada um e cada uma na escola. Linhas que se encontram e desencontram. Leticia Carolina instaurou reflexões referentes ao ato de transformação em

“bicho jovem gay” a fim de não gerar estranhamento, tendo em vista que esse estudo é destinado ao público gay. Para esse fim, é necessário atentar ao fato de que a palavra bicho pode ser entendida, também, no seu sentido pejorativo atribuído pela sociedade, além desse outro de empoderamento que está longe da alcunha pejorativa social. Ela ainda acrescentou que os exercícios de exaustão deviam ser intensificados para tornar a meditação mais eficaz.

José ficou afetado com a experimentação e disse: “essa prática foi intensa, me gerou um borbulho de afetos, sentimentos e emoções”. Tamara assinalou que ficou sem entender, pois passou por um estranhamento, mas que, sem perceber, foi seguindo o fluxo e as intensidades. Petit (2014, p.33) destaca que As técnicas que geram algum estranhamento nas pessoas, são mais fecundas em dados polifônicos e a-finitos, isto é, heterogêneos, ambíguos e não acabados, levantando por isso mesmo, mais questionamentos e interrogações. Todas as sugestões eu e minha orientadora analisamos e levamos em consideração. Vejamos a produção coletiva na imagem 11.

Imagem 11: Produção Coletiva



Fonte: Meu Arquivo Pessoal

A experimentação foi de extrema importância para avaliar a técnica e fazer os ajustes necessários – uma produção criativa construída por muitas mãos. A atividade me possibilitou aprender Sociopoética na prática, solucionando dúvidas e inquietações com as/os sociopoetas experientes; bem como me fez refletir sobre o cuidado com cada participante do grupo-pesquisador, as etapas do estudo, principalmente o planejamento das oficinas. Por isso, deixo como sugestão, para quem desejar se tornar um/a pesquisador/a sociopoeta, a relevância de fazer o teste da técnica artística antes de realizar a oficina de produção dos dados –

comparo essa etapa como um estágio formativo. A seguir, vou apresentar o território da pesquisa – a cidade de Piripiri, a Unidade Cassiana Rocha e os passos de como o grupo-pesquisador foi instituído.

CORPO-GIZ IV: TERRITÓRIOS JUVENIS DA PESQUISA E A FORMAÇÃO DO GRUPO-PESQUISADOR

Neste capítulo apresento o território da pesquisa: a cidade de Piripiri/Piauí/Brasil, as riquezas naturais, culturais e as performances produzidas pelo seu povo; a Unidade Escolar Cassiana Rocha, escola pública de Ensino Médio; Além de descrever como foi instituído o grupo-pesquisador.

Piri Piri

Cana de canavial
Dá licença de chegar
Eu vim de Piripiri
Eu vim de Piripiri

Vim pra ver como é que é
O amor que existe aqui
Será que é como é
O amor de Piripiri?

*Lá, não há distinção de cor
Lá, cada amigo é um irmão.
(Canção de Paulo Diniz)*

Imagem 12: Açude Anajás



Fonte: Meu Arquivo Pessoal

4.1 “Piripirizando”: performances produzidas em uma cidade do interior do estado do Piauí.

A partir da estrofe em destaque “Lá, não há distinção de cor/ Lá cada amigo é um irmão”, apresento minha Piripiri, capital do mundo, “terra dos quatros ‘is’” nomeada pela

escritora Eliene Cesar; “Terra das Buganvílias e Madressilvas”, carinhosamente denomina a escritora Cléa Rezende. População estimada de 65.762 pessoas conforme dados do censo de 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE.

Imagem 13: Buganvílias



Imagem 14: Madressilvas



Fonte: Meu Arquivo Pessoal

Uma cidade fecunda banhada pelo Rio dos Matos, Riacho do Cabresto, Cachoeira do Bota Fora, Pilões, Açudes Caldeirão e Anajás. Diante de tantas belezas naturais, trago imagens de dois pontos turísticos: Rio dos Matos (imagem 16), que fez parte da minha trajetória, pois se localizava nos fundos do quintal do meu avô materno; o outro, Pilões (imagem 15), é uma área pouco explorada pela ação humana, e muito me inspirou pela beleza de formações rochosas, cujas formas lembravam curvas dançantes entre poças d’água.

Imagem 15: Pilões



Imagem 16: Rio dos Matos



Fonte: Meu Arquivo Pessoal

Quando eu e minha família vínhamos de férias de São Paulo para Piripiri, eu aproveitava para banhar nas águas do Rio dos Matos. Nesse período me sentia livre, fora da prisão onde vivia sem poder sair de casa em SP. Agradeço ao Tio Zé, irmão de minha mãe, que me levava para o rio. Aprendi com meu primo, Weidsom, a nadar e a pular do balanço da árvore – nossas mães não deixavam a gente ir para rio, mas a vontade de brincar era tão forte que fugíamos. No caminho, colhíamos os frutos de uma mangueira e de um cajueiro, além de pegar melancia na roça do meu avô, mesmo com a desaprovação e fúria dele. Um passeio com fartura.

Piripiri é uma cidade festiva. No seu calendário de eventos conta com o “Pirifolia”, um dos maiores carnavais fora de época; e os Festejos de Nossa Senhora dos Remédios, para o qual, o município recebe grande número de romeiras/os. As festas de Iemanjá do terreiro de Dona Maria do Carmo (in memoriam) sempre no dia 02 de fevereiro, no bairro Prado; Também noite de tambores com danças nas comunidades quilombolas do Marinheiro, Vaquejador e Morcego. Acrescento ainda, os rituais indígenas na Oca do cacique “Seu Guilherme” e, por fim, o Festival do Pequi na comunidade Mulheres Organizadas.

Os Folguedos, um dos mais importantes eventos da cidade e que atrai um maior número de jovens, tanto que hoje passou a ser chamado de Piripiri Junina – festa que conta com apresentações culturais das escolas municipais, estaduais e particulares; incluindo os grupos que disputam o Campeonato de Quadrilhas Juninas, Bumba meu Boi e atrações locais e nacionais. Nesse período, cidade vive outra arquitetura – milhares de bandeirinhas cobrem a Praça de Eventos Nelson Carneiro. A alegria é contagiante. Veja as imagens 17 e 18.

Imagem 17 e 18: Folguedos 2019.



Fonte: Piripiri 40 graus - Silvio Vieira/ **Link:** <http://piripiri40graus.com/porta/index.php/geral/9075-primeira-noite-dos-folguedos-de-piripiri> **Acesso:** 27/12/2022.

O mês de julho é repleto de ações festivas em alusão ao aniversário da cidade. Aproveito para destacar um ato de resistência da comunidade LGBTQIA+ que neste período realiza Parada da Diversidade a “Pirigay”– a festa conta com show de Drag Queens, concurso da Miss Trans Piripiri, apresentações bandas e DJs representados nas imagens 19, 20 e 21.

Imagem 19, 20 e 21: 5ª Edição do Pirigay 2012.



Fonte: CidadeVerde.com/ **Link:** <https://cidadeverde.com/piripiri/43909/centenas-de-pessoas-conferiram-a-5-edicao-do-pirigay> **Acesso:** 27/12/2022.

A Festa da diversidade, por falta de incentivo do poder público, está sendo realizada em um espaço privado (antes era realizada em praça pública), medida que tenta enfraquecer a luta pelos direitos LGBTQIA+. Saliento que o evento sofre constantes ataques de pessoas conservadoras, homofóbicas e preconceituosas, as quais criam boatos/ Fake News tentando descredibilizar a iniciativa do grupo. Admito ter ficado muitas edições sem participar por influência dessa proliferação de mentiras e para evitar julgamento referente à minha sexualidade. Até pouco tempo eu sentia dificuldade de estar em ambientes e festas alternativas por causa de tantas falas preconceituosas que me controlavam a ponto de não me sentir pertencente à população LGBTQIA+.

O Festival de Humor e Arte – a cidade é um berço de artistas com humoristas como João Claudio Moreno, Dirceu Andrade, Amauri Jucá, Naiana Lima (Piauilina); terra do poeta da literatura de cordel “Seu Chico do Romance”, da pintora Dora Parentes, do bailarino Wagner Soares (meu primeiro professor de dança e coreógrafo de quadrilhas – das quais participei), do “Seu Tônico” puxador de boi, da Cantora Soprano “Tia Paiva” (ela foi minha professora e quem me inseriu na dança do Bumba Meu Boi – minha paixão) e do Cantor e

Compositor Benício Bem – artista atemporal, irreverente e performático (imagens 22 e 23). Elas/es foram/são referências de arte para mim principalmente, pois influenciaram significativamente no meu processo construtivo de artista da dança e do Teatro.

Imagem 22 e 23: Benício Bem



Fonte: Geleia Total/Link: <https://www.geleiatotal.com.br/2017/11/13/benicio-bem/#jp-carousel-2975>
Acesso: 27/12/2022.

Ao “piripirizar”, quero evidenciar todas as performances produzidas em uma cidade do interior do estado do Piauí, mas repleta de potencialidades e, por assim dizer, resistências. Acrescento que esse novo verbo, “piripirizar”, deve ultrapassar o lócus acadêmico expandindo-se, similarmente a passos de dança, para que se propaguem e descontruam os muros que afastam os saberes e conhecimentos produzidos e, que muitas vezes, não são compartilhados com toda a sociedade. Por isso, esse novo vocábulo deve ser sinônimo de reconhecimento e orgulho, e também, partilhado por todo território brasileiro.

Do mesmo modo, que Yuwol, um menino que fez o mundo dançar, do curta-metragem coreano, no qual o menino faz o mundo dançar – quando o vírus da dança começa se espalhar em sua escola, ele é acusado de ser culpado por isso! A criança é perseguida por sua professora e demais docentes, mas resiste dançante! Mediante isso, o verbo “piripirizar” também deve viralizar e fazer dançar e resistir “de riba a baixo” (expressão piripiriense).

4.2 Ao rés-do-chão da escola

O território escolar da pesquisa inicialmente foi atravessado por reminiscências e afetos de um jovem gay, estudante das séries finais do Ensino Fundamental da Unidade Escolar Baurélio Mangabeira (em homenagem ao pseudônimo do poeta piripiriense, Benedito Aurélio de Freitas) que, por sua vez, compartilhava um *muro* (no sentido literal e conotativo da palavra) com a Unidade Escolar Embaixador Espedito Resende. Esta última, local onde, inicialmente, seria o palco da pesquisa.

Esse muro era a ponte para o diálogo e experiências entre os jovens nos momentos do intervalo das duas escolas. Mesmo sendo um muro não cumpria a sua função de restringir e delimitar os dois espaços escolares e a comunicação, pois os discentes ultrapassavam o limite de diversas maneiras: conversas por entre as fissuras, corpos que saltavam, troca de lanches e bilhetes (estes marcando encontros amorosos na árvore Pau-do-amor).

Desse modo, a prática dos jovens, por meio do muro, assumia um significado de transgressão e resistência diante da tentativa inicial de limitar as relações. Essas práticas – modos inventivos de se desprenderem dos padrões estabelecidos tornando o muro um espaço de sociabilidades e convivências juvenis – fizeram do muro uma contradição, posto que ele se torna o motivo de encontros.

A árvore Pau-do-amor ficava (foi cortada) em frente às duas escolas e era o lugar onde aconteciam reuniões entre amigas/os e encontros amorosos. Então, posso afirmar que a árvore seria uma extensão do muro e também uma continuidade das escolas, tendo em vista que ela era carregada de códigos e mensagens: pichações, nomes, datas, tudo entalhado, registrando períodos de vivências.

Destaco que o nome da árvore foi o mesmo de outra árvore, que ficava localizada no Mercado Municipal da cidade, em virtude desse lugar ser um ponto de encontro para adultos, mas que também se tornou local de prostituição. De acordo com Manuel de Barros “Repetir, repetir até ficar diferente”, pois os jovens queriam trazer para a “normalidade” deles os corpos tidos pela sociedade como abjetos e impuros, como uma forma de contrapor os padrões.

Ao contatar com a gestão escolar sobre a pesquisa, obtive um acolhimento receptivo. A diretora me orientou a conversar com a coordenação pedagógica para ter ciência do estudo e contribuir com logística de inscrição dos jovens, as datas para realização das oficinas e os espaços que seriam utilizados para os encontros.

Após conversar com a coordenadora pedagógica da escola, senti de forma imediata uma postura de não aceitação, principalmente ao apresentar a temática do estudo. Ela começou seu discurso da seguinte forma: “Mas, você faz mestrado? Onde é?” Eu respondi: Estou cursando o mestrado no Programa de Pós-graduação em Educação da UFPI. Ela indaga: “Na UFPI? Nossa estou surpresa. A seleção está mais fácil?”. Por mais que as perguntas dela fossem ofensivas, respondi de forma bem educada: Senhora, o programa é um dos mais concorridos da instituição. As perguntas formuladas pela coordenadora me fazem sentir que a universidade não é lugar para todas/os! Historicamente, ela foi criada para pessoas ricas – pare e reflita que corpos habitam nesse processo histórico o lugar de pesquisador-professor?

Esse encontro foi doloroso, passei dias relembrando a forma sob a qual ela me olhava – um olhar “debochado”, de intimidação e de nojo. Mas, não me deixei abater! Já sabia que pesquisar esse tema em um ambiente escolar não seria uma tarefa fácil, ainda mais por ser gay e estar pesquisando outros gays – o que para mim é uma potência! Todavia, para pessoas preconceituosas é uma afronta. Conversei com minha orientadora sobre o acontecido, ela me deixou livre para escolher se eu queria continuar a pesquisa nessa escola ou não. A minha decisão foi de andarilhar por outros caminhos.

O mover-se das juventudes é resistência! Para amenizar o preconceito e as violências à LGBTQIAP+ é preciso denunciar e fazer as/os violadores responderem por suas ações. Sob o fundamento do mover juvenil, é preciso enxergar que a docência não deve apenas atuar com base nas práticas da educação bancária, pois “[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”. (FREIRE, 1997, p. 25).

Como pesquisar entre/com as juventudes? É se constituir pesquisador/a Sociopoeta, uma arte, que, como professor-pesquisador-artista é estar entre afetos, romper com a hegemonia, as violências, preconceitos e o capitalismo, produzindo coletivamente novos conceitos. O sensível nos leva a trilhas que se desvelam e, revelam-se ruídos.

Desse modo, uma das maneiras de transver mundos entre/com as/os jovens é a interação com as diferenças – corpo diverso que produz conhecimento – modos de demonstrar amor, de vir a ser amor e suspender as barreiras entre corpo e sonho. Por isso, concordo com (SILVA; ADAD, 2018):

Toda pesquisa sociopoética é um percurso de formação de si e de mundo, causando transformação. Isso significa que, do ponto de vista qualitativo da pesquisa, se produz experiências, tanto estéticas como afetivas, filosóficas e científicas. Na ciência moderna isso se perdeu, e nos modos de racionalidades dominantes a experiência ficou sem logoi. (SILVA; ADAD, 2018, p. 6).

Nesse percurso de formação de si e seguindo minha intuição continuei meu andar. Chegando à Unidade Escolar Cassiana Rocha (imagem 24), compreendi que ela havia me escolhido para performar por entre suas ruínas, junto aos jovens. Sociopoetizando com eles e plantando flores nas rachaduras da escola; obtendo, como resultado, experiências transformadoras.

Imagem 24: Unidade Escolar Cassiana Rocha



Fonte: Meu Arquivo Pessoal

RUÍNA

“Um monge descabelado me disse no caminho: “Eu queria construir uma ruína”. Embora eu saiba que ruína é uma desconstrução. Minha ideia era de fazer alguma coisa ao jeito de tapera. Alguma coisa que servisse para abrigar o abandono, como as taperas abrigam. Porque o abandono pode não ser apenas um homem debaixo da ponte, mas pode ser também de um gato no beco ou de uma criança presa num cubículo. O abandono pode ser também de uma expressão que tenha entrado para o arcaico ou mesmo de uma palavra. Uma palavra que esteja sem ninguém dentro. (O olho do monge estava perto de ser um canto.) Continuou: digamos que a palavra AMOR. A palavra amor está quase vazia. Não tem gente dentro dela. Queria construir uma ruína para a palavra amor. Talvez ela renascesse das ruínas, como o lírio pode nascer de um monturo”. E o monge se calou descabelado.” (Manoel de Barros).

Ao entrar na escola onde fiz meu estágio, o sentimento de gratidão transbordava. Embora houvesse as ruínas, elas não me fizeram retroceder em meu propósito de pesquisador, pois as piores ruínas podem existir em nós mesmos. Munido dessa ideia, continuei com o meu

intento, mesmo me deparando com o descaso do poder público, o qual se constituiu, para mim, um mote de resistência.

Olho para o tempo (presente). Tanto que aprendi e estou aprendendo a ser um docente! Volto à minha prática – hoje, está voltada inicialmente a conhecer as/os estudantes, porque necessito pertencer àquela escola – conhecer seus arredores, os espaços de sociabilidades desses jovens. A escola e a prática docente tornam-se agressivas quando negam a cultura local; conforme diz Paulo Freire, o/a docente não precisa necessariamente morar próximo à escola, mas ela/e precisa de um empenho maior para conhecer a comunidade em torno dela e, conseqüentemente, produzir uma efetiva mudança que responda às demandas locais.

Para Paulo Freire, “estar comprometido com os resultados de sua prática é visar à melhoria da qualidade de vida das/os educandos”, o docente deve ser ético, crítico, ser capaz de aceitar o novo, de repudiar qualquer forma de discriminação, de estar livre de qualquer preconceito, de rejeitar qualquer proposta que não seja válida para seus alunos e estar atento ao que errou ontem para não errar hoje. Enfim, deve assumir-se como ser pensante, histórico, social, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de reconhecer o outro, de ter raiva e, principalmente, ser capaz de amar.

Corroboro com Freire, quando diz que esses são os saberes necessários a uma boa prática educativa, a uma prática com responsabilidade e com comprometimento, tanto dos resultados como da qualificação profissional de cada educador/a. Além disso, firma que “o que importa, na formação docente não é a repetição mecânica do gesto, este ou aquele, mas a compreensão do valor dos sentimentos, das emoções, do desejo, da insegurança a ser superada pela segurança, do medo que, ao ser educado, vai gerando a coragem”. P26 (pedagogia da Autonomia).

Adiante farei a descrição de como foi feita a negociação com os jovens e o tema-gerador.

4.3 Passos da Oficina de Negociação

O primeiro passo dançante para a negociação foi uma conversa com a diretora e a coordenadora pedagógica da Unidade Escolar. Elas, de forma bem solícita, me disponibilizaram o calendário escolar, horários de aulas e o Projeto Político Pedagógico. As gestoras me explicaram que as aulas estavam acontecendo em formato híbrido – em apenas duas salas o teto não desabou. A diretora explicou: “infelizmente, a estrutura física está comprometida, por isso, decidimos atender os estudantes pelo menos duas vezes por semana na escola”.

Então, após conhecer a realidade em que a escola se encontrava, expliquei a elas sobre o meu interesse por pesquisar os jovens gays do 2º ano do Ensino Médio, série escolhida de forma planejada para poder acompanhá-los no decorrer da pesquisa e de outros estudos futuros. Aproveitei para apresentar a elas o questionário de inscrição para participação e, após apreciação, ficou acertado que eu seria adicionado ao grupo de *Whatsapp* para divulgação do link das inscrições, através do qual, os jovens seriam convocados a participarem voluntariamente da pesquisa. Optei por ser dessa forma, para evitar a exposição deles no ambiente escolar.

Para formação do grupo-pesquisador foram delimitados os seguintes critérios: que os participantes tivessem 18 anos de idade; ter orientação sexual gay; ser estudante do Ensino Médio e da escola pública Unidade Escolar Cassiana Rocha de Piripiri-Piauí-Brasil. Foram selecionadas duas turmas: 2º ano A e B; o formulário do *Google Forms* obteve 12 estudantes inscritos. Mas, eu preferi eleger 8 jovens, levando em conta a resposta à pergunta final do formulário que era: Qual sua relação com a arte? Eles responderam:

Jovem-1: a arte para mim é meu início, meio e fim; Jovem-2: A Arte me faz sentir o mundo e acreditar que tudo pode ser diferente; Jovem-3: Eu gosto da arte porque ela me toca. É como se eu voltasse a minha infância brincando de bolhas de sabão; Jovem-4: Para mim tudo é arte. Eu me encontro na arte, uma pena é ela ser tão desvalorizada na escola; Jovem-5: A Arte me possibilita alegria. Quando estou dançando quadrilha eu me sinto realizado e feliz; Jovem-6: Eu não gosto de arte. Falando sério me sinto travado; Jovem-7: A relação da arte para mim é como um túnel que consigo ver luz no seu final; Jovem-8: A Arte me emociona. Ela mexe comigo de um jeito muito forte.

Em posse das inscrições, entrei em contato com os alunos, por meio do *Whatsapp* pessoal deles, e os convidei para um encontro presencial no dia 14 de outubro de 2022, realizado em dois momentos: de 8h às 10h e 13h às 16h – todos eles confirmaram presença e participação. Ressalto a explicação antecipada de que o questionário era especificamente para jovens com orientação sexual gay.

No dia 13, no turno da tarde, fui até a escola para limpar e organizar a sala que seria utilizada. Ao sair, passei numa frutaria a fim de comprar frutas para degustação, no momento de pausa, entre a negociação e a oficina de produção de dados. No turno da noite busquei relaxar o corpo para minha função de pesquisador oficial no dia seguinte.

Acordei às 6h, alonguei o meu corpo, banhei, fiz meu café da manhã e, após tomá-lo, avisei aos jovens que estava me deslocando para a escola e que ficaria aguardando por eles. Logo em seguida, recebi mensagem no *Whatsapp* de quatro estudantes – justificando o não comparecimento. Um estava sem transporte; a mãe de outro estava hospitalizada; um deles

teve que acompanhar a mãe idosa ao banco; o último estava doente. Acolhi as devolutivas, porque entendo perfeitamente que acontecem imprevistos. Tomei a decisão de continuar o encontro com os quatro alunos que compareceram, já que a pesquisa demanda tempo para os seus procedimentos como análise de dados e contra-análise.

No momento de espera dos jovens fiquei pensativo se eles iriam participar por mais que tudo estivesse acordado; questionei-me se a técnica surtiria efeito nos estudantes para produção plástica e oral. Por ter realizado o experimento com o auxílio da Professora Shara e estar com o planejamento roteirizado “na ponta da língua” não fiquei inseguro, mas senti uma ansiedade semelhante àquela que antecede uma apresentação em um palco – borboletas no estômago que intensificam o mover de asas para voar. Esse sentir é tão singular e energizante! A frase de Augusto Boal resume esse pensamento: “temos obrigação de inventar outro mundo. Mas cabe construí-lo com nossas mãos, entrando em cena, no palco e na vida”.

O que eu desejo é tornar o nosso corpo-arte-vida em espetáculo onde as atrizes e os atores são espectadoras/es, não existindo um degrau que as/os separem; o palco torna-se vida, a vida-palco. Prática sensível que dialoga e tensiona as arestas que dividem o palco e a vida. Os jovens gays dessa pesquisa são corpos voluntários e agentes de transformação de realidades

Os jovens foram chegando um por vez – o primeiro chegou alegre e disse: “Bom dia! Cheguei! Cadê o povo? Sou o primeiro?” Respondi: “Seja bem-vindo! Você é o primeiro a chegar”. O segundo entrou na sala e indagou: Já começou? Rapidamente eu o saudei e prossegui a fala: “Ainda não começou. Faltam ainda 15 minutos para às 8h, conforme marcamos de iniciar”. Em seguida, os dois que restavam, chegaram. Reforcei a saudação agradecendo a presença e participação de todos.

A oficina de negociação é um procedimento importante para toda pesquisa realizada com o Método Sociopoético, pois nela se institui o grupo-pesquisador, além de ser sugerido/decidido o tema-gerador, como já mencionado anteriormente. Em vista disso, planejei as atividades do encontro com os objetivos de: (1º) saudação: dinâmica do toque – nessa etapa eu fiz uma quebra de formalidade ao desconstruir o ato de se apresentar e preferi utilizar a ferramenta da intencionalidade – apresentar-se para mim é conhecer o outro, ou seja, identificar semelhanças, diferenças, o que converge e diverge entre a comunicação e as relações.

Iniciei propondo o encontro com a dinâmica do “toque” – ao tocar uma parte do corpo, um movimento deve ser realizado, dando vida à parte tocada. Essa atividade eu costumo utilizar nas minhas aulas de Educação Física com o intuito estabelecer o diálogo e a interação entre as/os estudantes. A prática nos levou ao riso. A cada toque realizado foi produzindo

diversos movimentos – processo de criação coletiva. Após o momento dinâmico, propus que nos sentássemos em círculo e, sem uma ordem definida, cada um falasse de si.

O (2º) discorrer sobre a proposta da pesquisa e a abordagem sociopoética: aproveitei a conversação para falar da pesquisa e de como está sendo conhecer o Método da Sociopoética – abordagem que me faz sair do ninho e voar beija-floreando entre florestas, campos e rochas; germinando, por meio da arte, sentimentos, afetos, emoções produzidas em bando e com o corpo inteiro.

Após relatar a minha vivência sociopoética, o (3º) confirmar a participação no estudo e negociar o tema-gerador: fiz a leitura do Termo do TCLE, documento importante para análise ética de uma pesquisa e que garante ao participante o respeito aos seus direitos. Em seguida, perguntei se existiam dúvidas e se eles estavam de acordo com o TCLE. Todos, sem objeção, concordaram e assinaram o documento. Aproveitei o momento para sugerir o tema-gerador: jovem gay. Este foi aprovado pelos co-pesquisadores.

Logo, adiante, (4º) momento do lanche (imagem 25): foi feita uma pausa para degustação de frutas.

Imagem 25: Mesa com Frutas



Fonte: Meu Arquivo Pessoal

Observei o processo de grupalização – o envolvimento dos co-pesquisadores, que por meio do diálogo promoviam a troca de frutas e produção de afetos, ao mesmo tempo em que elencavam suas preferências frutíferas; e assim, ficou nítida a afinidade nascida entre eles através daquela interação e, conseqüentemente, o grupo-pesquisador foi instituído.

CORPO-GIZ V: PROCESSUALIDADE DA TÉCNICA: A PRODUÇÃO DE IMAGENS E RELATOS

Esclareço que cada oficina foi previamente planejada e roteirizada com técnicas e dispositivos próprios relacionados aos objetivos da pesquisa. O roteiro das oficinas pode ser lido no “APÊNDICE B”. A seguir, passo a descrever os processos da oficina desde a produção até as análises dos dados – a poética do grupo-pesquisador.

Menino do Mato

Eu queria usar palavras de ave para escrever.
(Manoel de Barros)

5.1 Produção do jovem gay na escola: imagens e relatos

Irei relatar os acontecimentos conforme a ordem de aplicação da técnica “Corpo-giz” planejadas no roteiro da oficina, que pode ser conferido com mais detalhes no “APÊNDICE C”.

Ao retornar para sala eles foram surpreendidos com uma variedade de giz escolar (imagem 26) sobre uma mesa. Rapidamente, expliquei para eles que deviam pegar um giz de cor branca, o qual passaria a se tornar parte do seu corpo. Depois, pus uma música de fundo e os convoquei a andarem no chão da escola traçando linhas retas – ora passos lentos; ora com o aumento da velocidade; mais rápido; correndo, saltando e gritando no chão da escola. Conforme imagens 27 e 28.

Imagem 26: Giz Escolar



Fonte: Meu Arquivo Pessoal

Imagem 27: Andar no Chão da Escola

Fonte: Meu Arquivo Pessoal

Imagem 28: Saltar no chão da escola

Fonte: Meu Arquivo Pessoal

O exercício de exaustão foi pensado para uma experiência íntima com o corpo – sentir seus sons, movimentos e intensidades. Alguns deles relataram: “senti meu corpo travado! Quando você disse acelere o passo eu senti e ouvi as batidas do meu coração. Eu pensei em me machucar”. Perguntei: Alguém pensou em machucar o outro de forma acidental? Eles responderam com o silêncio. A seguir, os convidei para voltarem a caminhar, propondo outros comandos como, por exemplo: andar de olhos fechados; rabiscar linhas imaginárias – criar a partir do ponto (.) e da vírgula (,) experimentar a coordenação motora fina através da escrita em planos alto, médio e baixo. Conforme, as imagens 29 e 30.

Imagens 29: Criação: Ponto e Vírgula

Fonte: Meu Arquivo Pessoal

Imagens 30: Experimentação de Planos diferentes

Fonte: Meu Arquivo Pessoal

Posteriormente, os convidei para relaxar: “procure um território no chão da escola, deite-se, feche seus olhos”. Pois “[...] o relaxamento favorece que não se trabalhe somente com o lado racional e que se abra para fontes mais amplas de crítica e criatividade (no caso, a intuição – pouco usada em pesquisas eurodescendentes – vem complementar a análise racional)” (GAUTHIER, 2012, p. 81, grifo do autor).

Para que os co-pesquisadores se voltassem para si mesmos e entrassem num estado mais propício à meditação e à intuição, utilizei uma música instrumental de fundo com sons da natureza; um encontro com aquilo que o sistema capitalista tem nos tirado. Com a finalidade de “que as pessoas parem de racionalizar tudo, se entreguem totalmente à pesquisa e deixem

surgir os conteúdos sem censura, sem ter tempo para refletir, avaliar, ‘melhorar’ o que vai surgindo” (GAUTHIER, 2012, p. 81-82). Nesse procedimento, percebi que os corpos estavam flutuantes (imagem 31), totalmente entregues à prática.

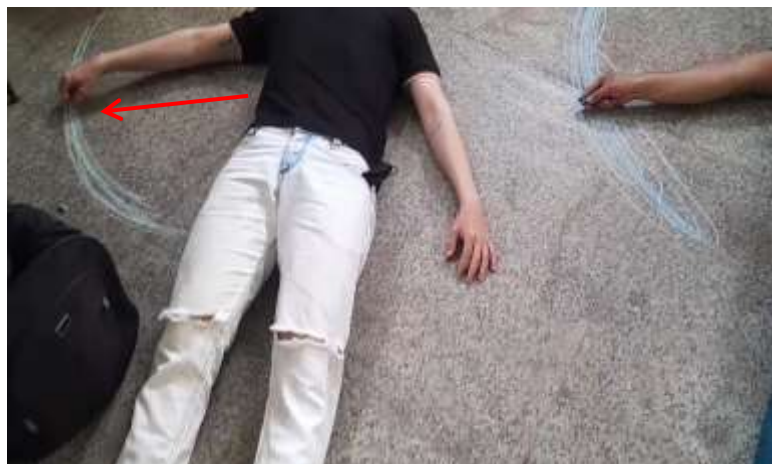
Imagens 31: Corpos Flutuantes



Fonte: Meu Arquivo Pessoal

Logo em seguida, os convoquei para riscarem o chão da escola fazendo movimentos espontâneos como espreguiçar-se, adução e abdução, rotações, rolamentos e deslizamentos. Segundo um dos co-pesquisadores ao avaliar a experiência “meu corpo parece que foi abduzido”. Tomando por base essa fala irei nomear a ação performativa dos corpos gays na produção de corpo-gizes de “corpos abduzidos pelo chão da escola” (imagem 32).

Imagens 32: Ação performativa dos corpos gays na produção de corpo-gizes



Fonte: Meu Arquivo Pessoal

Nessa ação performativa, os corpos gays experimentaram uma infinidade de possibilidades de movimentos ao riscar o chão da escola, eles gritavam, suspiravam e gemiam. Sem perceber o que desenhavam e, ao mesmo tempo, apagavam os riscos/rabiscos com o rolar dos corpos no piso.

Pouco depois, os orientei para que descansassem, respirassem profundamente e, aos poucos, despertassem para que pudessem olhar para seu desenho e com o giz colorido nomeassem o seu problema; o que é visível e invisível no trajeto do jovem gay; como resiste; “dê um nome ao seu desenho”. Rapidamente, eles atenderam a orientação.

Aproveito para explicar que cada corpo-giz foi nomeado com um pseudônimo escolhido pelo participante, conforme imagem 33. Esses pseudônimos também foram utilizados para nomeá-los enquanto co-pesquisadores, de modo a preservar suas identidades e privacidades. Houve um dos jovens que sentiu dificuldade em nomear sua produção.

Imagens 33: Nomeação da produção plástica de corpos-gizes



Fonte: Meu Arquivo Pessoal

Depois, iniciou-se o momento de conversação – relato oral, no qual, os jovens gays apresentaram sua produção plástica e também responderam às seguintes perguntas norteadoras: Qual é o problema do jovem gay? O que é visível e invisível no trajeto dos jovens gays? Como ele resiste/supera? Para o registro da atividade preferi fazer gravação de vídeo. As fotografias dos corpos-gizes foram registradas por mim e individualmente por cada participante.

Destaco acerca da multiplicidade de pensamentos na pesquisa Sociopoética que não só nas produções artísticas, mas também nos relatos orais que compõem os dados da pesquisa, a

técnica “corpo-giz” foi elaborada de modo a incentivar a heterogeneidade de ideias que permite a criação de confetos, problemas e personagens conceituais. A propósito, são estes três elementos destacados que são considerados os produtos da sociopoética. Logo após, apresentarei a poiesis do grupo-pesquisador.

CORPO-GIZ-SEM-NOME

Imagens 34: Corpo-Giz-Sem-Nome



Fonte: Meu Arquivo Pessoal

Corpo-Giz-Sem-Nome: tenho dezoito anos, nasci no Piauí, mas fui morar em São Paulo aos oito anos, minha família é origem pobre, o nome do meu pai Paulo ele é analfabeto e cachaceiro, e eu nem sei por onde ele anda. A minha mãe é Ana Paula que é quem cuida de mim. **Corpo-Giz-Sem-Nome** foi desenhado pelo jovem gay de forma aleatória e não foi fácil nomear o problema. O nome do problema do **Corpo-Giz-Sem-Nome** é **Problema-Medo-do-recomeço**. O **Corpo-Giz-Sem-Nome** é o jovem gay que resiste calado ao **Problema-Medo-do-recomeço**, pois o medo trava o corpo do jovem que fica impossibilitado de reagir. Às vezes o **Corpo-Giz-Sem-Nome** do jovem gay prefere ficar mais distante, evita ser percebido em público ao usar máscara ou capa que lhe deixa invisível. O **Corpo-Giz-Sem-Nome** é observador, percebe como as pessoas tratam os outros. Observar é uma forma de saber com quem pode andar, confiar e, também, não querer contato. O **Corpo-Giz-Sem-Nome** também utiliza muito o celular, com ele se sente livre, pode trocar ideias com muita gente: primeiro sobre o que *curtem*, depois vê aos vídeos no *TikTok*, tem muita informação *massa*. A relação entre esse medo com o **Corpo-Giz-Sem-Nome** simboliza a falta de reconhecimento, de aceitação pela sociedade, de fazer sexo. O visível no **Corpo-Giz-Sem-Nome** do jovem é o gosto de dançar, principalmente quadrilha. Na quadrilha, o **Corpo-Giz-Sem-Nome** se sente livre, se sente uma estrela. Na quadrilha, ninguém se importa se é bicha, sapatão, trans... Todo mundo dança junto e misturado. O invisível no **Corpo-Giz-Sem-Nome** é a falta de apoio da família, da mãe que não diz nada, mas esse silêncio o deixa tão triste, pois queria que ela o apoiasse, conversasse com ele sobre seu jeito. Mas há momentos em que o corpo do jovem gay tenta falar e a mãe sai.

CORPO-GIZ-DESABAFO-MARCAS

Imagens 35: Corpo-Giz-Desabafo



Fonte: Meu Arquivo Pessoal

Corpo-Giz-Desabafo: Tenho 18 anos, moro na localidade Suçuarana, uma comunidade quilombola que fica aqui na zona rural de Piripiri. Também tenho 18 anos. Meu Pai é moto taxista, morei seis anos em São Paulo, e há seis anos voltei e morro aqui em Piripiri. O nome do problema do **Corpo-Giz-Desabafo** do jovem gay é o **problema-dores**. O **Corpo-Giz-Desabafo** resiste com calma, tentando se reconstruir. É difícil, mas ele se reconstrói, deixando o medo para trás ou enfrentando esse medo, e seguindo, mesmo com o **problema-dores**. Alguns desses problemas não saem do **Corpo-Giz-Desabafo** do jovem gay, fica uma marca. A relação entre o **problema-dores** e o **Corpo-Giz-Desabafo** do jovem gay se resume a um somatório de coisas seja na vida, na trajetória. O chão da escola chama muito atenção e deixa o **Corpo-Giz-Desabafo** pensativo no momento que voltei para a escola. **Corpo-Giz-Desabafo** do jovem gay sentiu muito medo na escola, até hoje sente medo porque esse medo, por muito tempo, foi paralisante na vida do jovem, o impediu de seguir e construir. Não sei o que realmente **Corpo-Giz-Desabafo** do jovem quer. Ele é muito cobrado, tem que ser alguém, tem que passar no vestibular. A cabeça parece que não dar para essas coisas e isso o deixa triste. **Corpo-Giz-Desabafo** tem muito medo dos professores, dos alunos que sempre o apontavam como aquele jovem que não quer nada, que não sabe de nada. Mas hoje esse medo não paralisa mais **Corpo-Giz-Desabafo**, ao contrário, ele me impulsiona a seguir e a recomeçar, a ter foco, a ser uma nova pessoa, mesmo com as dores, mesmo quebrado algumas vezes, esses cacós fazem o **Corpo-Giz-Desabafo** do jovem gay o que é, hoje, uma pessoa forte. Estar paralisado para o **Corpo-Giz-Desabafo** do jovem gay é aterrorizante e paralisante. Os pontos invisíveis deste corpo seriam o medo às violências vividas na família, na escola, e na sociedade, principalmente. A trajetória do **Corpo-Giz-Desabafo** do jovem gay no chão da escola é muitas vezes triste, recolhida, infeliz por ser julgado pelo seu jeito de ser, pela sua aparência, por ser negro é criticado. Muitos sofrem com episódios constantes de *bullying*. E isso causou muitos traumas para o **Corpo-Giz-Desabafo**, o pior deles é ser negro e a dificuldade de se reconhecer, tem horas que não quer aceitar negro. **Corpo-Giz-Desabafo** se pergunta se fosse branco sofreria menos na escola, tivesse mais amigos. As meninas ficam

tirando onda com o **Corpo-Giz-Desabafo**, oh desperdício! Perguntam: Ei é verdade que todo negro tem o pauzão? Se **Corpo-Giz-Desabafo** já ficou com alguma menina, se gosta de dar ou de comer? **Corpo-Giz-Desabafo** está cansado de tantas perguntas. **Corpo-Giz-Desabafo** do jovem gay resiste como uma semente que resiste às intempéries da vida e consegue gerar uma árvore que mesmo passando por todas as estações, onde caem às folhas, muitas vezes ela é podada, mesmo assim ela resiste a todas as adversidades impostas, a falta de água, ao frio ao sol intenso, a falta de amor, de cuidado. Ela ainda sim resiste e continua frondosa, com lindas e exuberantes folhas e flores e hoje ela dá frutos e com certeza sementes. E ser **Corpo-Giz-Desabafo-semente** no chão da escola é complexo e desafiador! Não é fácil ser diferente numa escola tão moldada e pacata. **Corpo-Giz-Desabafo** do jovem gay ressalta que o que vivenciamos na escola sobre esse processo de aceitação e *bullying* nos deixam marcas pra vida toda. Embora não percebamos, mas essas pequenas feridas não cicatrizadas se tornam traumas, essas dores silenciadas, se transformaram em corpos mutilados, pela dor, pelas ausências, pelas carências e pelos choros que foram engolidos. Falar sobre essa invisibilidade é crucial para mudar a realidade do **Corpo-Giz-Desabafo** na escola. Muitas vezes os corpos-gizes são calados pelo professor, pelo diretor, pelos nossos colegas, porque ser gay, pelo nosso jeito diferente de ser. Diferente do que é o normal ou padrão. Por isso, precisa e deve ser reconhecido, aceito e respeitado e discutido nas escolas, nas famílias e sociedade. Chega dessa “mordança” e dessa “mutilação”! A escola assim como a família deve ser lugar de apoio, diálogo, de aconchego e principalmente de acolhimento e abraçar a todos seja ele como for, afinal normal é ser diferente, anormal é o preconceito e discriminação que nos tira o direito de ser quem somos de verdade!

CORPO-GIZ-MUNDO

Imagens 36: Corpo-Giz-Mundo



Fonte: Meu Arquivo Pessoal

Corpo-Giz-Mundo: moro na localidade Canto da Várzea, uma comunidade indígena que fica aqui na zona rural de Piripiri. Meu pai é o seu José que é analfabeta, minha mãe é Ana Neuza, somos de origem pobre. Há tenho dezoito anos. **Corpo-Giz-Mundo** é o jovem gay cujo problema é o medo de ser aceito na escola principalmente pela família e também pela sociedade. **Corpo-Giz-Mundo** é o jovem gay que tem horas se sente sujo. Esse medo da aceitação faz com que os jovens se reprimam muito e muitas vezes a escola e até o próprio professor faz esse papel sem perceber. Além disso, o *bullying* ainda é muito presente na escola e causa inúmeros transtornos, revoltas e principalmente o medo de se expressar e de ser quem realmente é. **Corpo-Giz-Mundo** é o jovem gay que tem muito medo do futuro, do que vai ser se o pai o expulsar de casa. **Corpo-Giz-Mundo** é o jovem gay que resiste ao problema do medo, buscando fazer bicos para ter um trocado. Este jovem ganha pouco no trabalho num lava-jato, tem mês que tira 300 reais e depende muito dos carros que lava. Junto a esse dinheiro, ajuda também em casa. **Corpo-Giz-Mundo** é o jovem gay fica na sua e não tem coragem de dizer que é gay. Este jovem quer falar com o tempo, deixar passar mais um pouco, pois não se sente preparado ainda. O **Corpo-Giz-Mundo** do jovem gay vai amadurecendo e aprendendo a lidar com isso, criando asas e se libertando dessa prisão. O jovem gay cria asas no chão da escola com as aprendizagens. O conhecimento lhe traz liberdade e faz enfrentar os medos. **Corpo-Giz-Mundo** é o jovem gay que aprende que não é diferente de ninguém na escola. Este corpo está pouco se lixando para o que falam dele, ele fica mais na sua. O que é visível no **Corpo-Giz-Mundo** do jovem gay é o falso apoio que se diz existir, mas não funciona como deveria. Na verdade a escola só pensa em tirar nota azul, não discute nada do interesse do jovem gay, nem escutam a gente. Por exemplo, o jovem gay gosta muito de jogos de internet, sabe mexer em tudo de computador, mas na escola nem tem computador, nem internet. Para o **Corpo-Giz-Mundo** fica chato a escola e tem horas que a gente queria aprender sem ser do mesmo jeito. O que é invisível no **Corpo-Giz-Mundo** do jovem gay é o medo do pai não o aceitar, dele o expulsar de casa e ter que ir pra rua. O que é invisível para este corpo é o medo das pessoas-julgador não o aceitarem e me julgarem. O que

é invisível no **Corpo-Giz-Mundo** do jovem gay também é o medo de chegar nos caras que tenho o interesse e eles se zangarem ou não quiserem sua amizade, ele tem dúvida de saber se eles curtem o seu interesse. O **Corpo-Giz-Mundo** do jovem gay ficou com um cara mais velho, mas no sigilo. Ele o pegou atrás da escola de carro e foram ao motel. O jovem gay teve nesse dia que gazejar aula. Quando o **Corpo-Giz-Mundo** do jovem gay chega em casa se sente sujo, fica um tempão debaixo do chuveiro. Depois o cara ficou só ligando para o **Corpo-Giz-mundo**, querendo sair de novo, mas ele não foi mais.

CORPO-GIZ-FUGA-MUNDO

Imagens 37: Corpo-Giz-Fuga



Fonte: Meu Arquivo Pessoal

Corpo-Giz-Fuga: fiz 18 anos no início do ano, moro na comunidade Salgueiro, o nome do meu Pai é Francisco e da minha mãe é Francisca e ambos são escolarizados. Mas, moro com minha mãe e minha tia. **Corpo-Giz-Fuga** é o jovem gay cujo problema é Confusão. Dentro da trajetória do **Corpo-Giz-Fuga** houve muita confusão na escola e em casa. **Corpo-Giz-Fuga** se sente confuso. A trajetória do **Corpo-Giz-Fuga** é insegura, o jovem gay tem muitas dúvidas. **Corpo-Giz-Fuga** sabe que deseja homens, mas não quer ser assim desse jeito, quer ser normal. **Corpo-Giz-Fuga** do jovem gay vê que para a mãe e a tia que cuidam dele, elas aceitam, mas não era o que de fato esperavam para deste jovem. Isso me gera uma confusão tremenda no **Corpo-Giz-Fuga** que se sente inseguro ao se expressar, fica se policiando, mas este corpo jovem tem desejos de usar calcinha, usar batom. O **Corpo-Giz-Fuga** do jovem gay vive essa confusão e sente a sua invisibilidade, principalmente na escola e na família. Este corpo diz: sou uma pessoa confusa: tem horas que quer ser bem pintosa, lacradora nesta trajetória, mas em outros momentos tem medo, vergonha de ser assim, de envergonhar minha família. **Corpo-Giz-Fuga** do jovem gay não sabe se estar preparado para enfrentar os olhares do povo. **Corpo-Giz-Fuga** resiste ao problema-confusão com o tempo e a maturidade que foram necessários para que aos poucos isso fosse se tornando visível, mais fácil de aceitar e lidar dentro da família, principalmente no ambiente escolar. Na escola, o **Corpo-Giz-Fuga** do jovem gay se sente mais livre, usa as coisas das colegas, passa batom, pinta a unha. Os meninos mexem com o **Corpo-Giz-Fuga**, uns ele nem se importa, outros ele enfrenta e pergunta: qual é o problema? Tem uns que lhe paqueram escondido. Outros, **Corpo-Giz-Fuga** já pegou no banheiro, deu uns beijos bem rápido, mas deu certo. Depois, o **Corpo-Giz-Fuga** do jovem gay fica triste, porque o *boy* estava beijando outra menina e andando de mãos dadas. As invisibilidades do **Corpo-Giz-Fuga** do jovem gay no chão da escola é a falta de diálogo, de orientação em casa e na escola, isso é o que nos torna invisível e também a falta de apoio é muito difícil. A gente acaba aceitando qualquer coisa para fugir dessa realidade. Os pontos visíveis do **Corpo-Giz-Fuga** do jovem gay é a confusão que é feita, muitos se perdem nesse caminho, pela falta de suporte e apoio e sem ter um norte. O **Corpo-Giz-Fuga** do jovem gay resiste a partir do momento que se aceita, mas não é fácil. Mas como a tia do

Corpo-Giz-Fuga diz: tem que estudar. O problema que cada dia mais está difícil de ficar na escola, seguir os estudos. **Corpo-Giz-Fuga** quer logo trabalhar para ter suas coisas e ajudar em casa.

Finalizamos esse momento com a mostra da cultura dos jovens – abriram uma roda de dança e me ensinaram passos de matrizes africana e indígena. Fiquei em estado de flutuação ao sentir a alegria deles e, de uma forma sensível, agradeceram a participação na pesquisa falando sobre a importância do estudo para as juventudes, principalmente, a escola. O grupo se pronunciou: “saiba que esse trabalho tem muita luz, através dele a gente se sente iluminado e vivo. Espero que muitos jovens, professores e pais tenham acesso a esse estudo.”. Acrescentou ao pedido: “Por favor! Faça essa pesquisa chegar às escolas. Todas elas precisam desse trabalho”.

O grupo reforçou: “quando você entrou na escola as meninas disseram: quem é aquele? Será novo professor? Ele parece ser viado”. Eu, rapidamente as corriji: “não é viado! É gay. Se ele for qual é o problema? Então, mesmo a gente que é jovem estar mais abertos às diversas orientações sexuais, de uma hora para outra, estamos julgando, observando e falando de alguém. Por isso, essa discussão deve estar na escola”.

Nessa etapa com as falas dos jovens o meu corpo transbordava emoções – diálogo potencializador produzido no chão da sala de aula, merecedor de ultrapassar as paredes da escola e construir elos entre: “crianças-jovens-adultos-sociedade” e escola-universidade-docência-prática-formação.

Os co-pesquisadores se pronunciou: “quero expressar minha felicidade ao ver você fazendo mestrado e ser de Piripiri. Primeiro, porque, eu não tinha noção que a gente que é gay conseguia chegar tão longe nos estudos. Aqui na cidade vejo os gays trabalhando nas cozinhas, salão de cabeleireiro, restaurantes e na prostituição. Ao participar dessa pesquisa percebi que podemos estudar e ter uma formação superior. Vou te fazer uma pergunta: como foi sua trajetória até chegar ao mestrado?”.

Respirei profundamente para responder o grupo. A minha trajetória escolar não foi fácil, acredito que para nenhuma pessoa é fácil, porque o sistema dificulta a nossa fala e escuta. Mas tenho consciência de que, por ser gay, essa experiência foi intensificada em razão de violências, abuso e pedagogias da exclusão. O importante é não aceitar essa realidade opressora. É preciso que os corpos gays ocupem espaços e desnaturalizem as opressões que vivenciam diariamente, juntos contando outra história.

O grupo-pesquisador discorreu: “Essas coisas que estamos conversando aqui tinha que estarem nos livros das escolas. Assim, ajudaria entender nossa orientação sexual e também não ter preconceito”. Aproveitei para agradecer a contribuição e participação de todos.

A seguir, apresento a construção das análises produzidas nesta pesquisa.

5.2 Costuras enviesadas – análise plástica e classificatória

Neste momento, apresento a análise dos dados realizada por mim, o facilitador, que se dividiu em duas etapas: análise plástica e classificatória como é possível observar com detalhes nos itens 5.3 e 5.4. Para o material artístico produzido, acompanhei de modo intuitivo e imaginativo as imagens como se as estivesse criado. Resultante dessa percepção, construí dois poemas “**O risco do chão da escola**” e “**No chão riscado da escola**” que serão apresentados no próximo capítulo. Para os relatos orais, faço a análise classificatória (APÊNDICE G) separando e selecionando as ideias e confetos em categorias, aquelas que dão contornos aos problemas e potencialidades dos jovens gays na escola.

Segundo (PEREIRA, 2021, p. 134) “a análise plástica é uma rica possibilidade nas pesquisas sociopoéticas devido à sua atuação direta sobre as produções artísticas e sua proposição mais imaginativa”. Logo, não se resume à descrição de imagens porque, nessa etapa, afloramos a produção dos sentidos por meio da arte naquela/e que analisa. Para fazer esta análise não há um padrão, o importante “é colocar todas as imagens, esculturas, enfim, as produções artísticas materiais lado a lado, sob o mesmo panorama, compondo uma cena”.

Nesse sentido, fiz a impressão das imagens e coloquei sobre a mesa; logo depois, a análise plástica foi tecida intuitivamente por mim, minha amiga Lady Anne e meu noivo Paulo Danilo que, a partir da imaginação foram brotados poemas que trazem outras perspectivas e desdobramentos sobre o tema, construídos inicialmente com uma chuva de palavras e, posteriormente com frases. A última etapa se deu com a revisão para adequação à norma culta, mas também, de maneira semelhante a um tear, os textos foram sendo formados, nessa tessitura, modelou-se a análise.

Os elementos linguísticos seriam as agulhas que serviriam de dispositivos de coesão, obtendo como resultado o todo de significados relacionados ao tema pesquisado tal qual um tecido repleto de fios, estampas e texturas. Os poemas produzidos se misturaram a ponto de perderem a sua individualidade, porque falam sobre temas coletivos – o grande tear social. Esse momento foi especial por aproximar pessoas do meu convívio para esse estudo, as quais eu estimo respeito, tenho carinho e amor. Ficamos tão envolvidos nessa produção, o imaginário e a intuição dos nossos corpos foram potencializados. Logo depois, abordo sobre a análise classificatória tecida a partir dos relatos orais.

5.3 Análise Classificatória: cartografando o pensamento do grupo

Começo esse tópico afirmando que análise é uma das etapas mais delicadas e complexas para mim; a dificuldade se deve ao fato de não ter experiência com estudos de abordagens qualitativas com produção de análises. Esse acontecimento me instaurou a necessidade de aprender algo novo – ação que tenho apreço por despertar zonas adormecidas no meu corpo. Ser desafiado é como sair da minha própria caixa, uma aventura extraordinária para mim como pesquisado.

Para o início da análise, o erro foi um elemento motivador, tendo em vista que o encarei como desafio. Ao olhar as frases transcritas no Word, pensei “como devo iniciar? O que devo fazer?”. As dissertações sociopoéticas de (Nascimento, 2014) e (Pereira, 2021) foram meu apoio para este estudo, mas em outros momentos, ao invés de me trazerem respostas, elas me produziram mais dúvidas, as quais eram intensificadas com a fala da professora Shara “Não tem certo e errado”; esse discurso fazia meu corpo se contorcer ao perceber a influência sempre presente da minha formação inicial, que me ensinou a ter método para tudo.

Neste movimento de se perceber no processo (corpo contorcido, ou seja, uma percepção de si), senti estranhamentos, estado de esgotamento – tomei decisão de “sumir do mapa”, desconectar-me das redes sociais e do uso do celular; aliado a obrigação de trabalhar concomitantemente à escrita deste estudo; a vontade era de parar o tempo e andar olhando tudo em minha volta, estático.

Contudo, aproveito para falar que construir essa pesquisa foi prazeroso, pois não me senti obrigado a escrevê-la, mesmo ciente dos prazos estabelecidos pela orientadora e pelo Programa de Pós-graduação em Educação da UFPI. Em cada palavra escrita aqui, há uma repercussão visceral em mim, pois os signos e significados estão permeados por afetos e emoções, vivenciadas no decorrer da minha vida. Voltar ao passado e trazer uma conexão com o presente é encarar a vida por meio do mover.

Ao mesmo tempo é olhar para análise e fazer brotar percepções, “eu me via voando pelos ares sem acreditar que tais formas de pensar e sentir eram possíveis de existir, mas estavam existindo aqui, nesta pesquisa”. (PEREIRA, 2021, p. 144). Não é objetivo do método sociopoético autoanálise, mas na minha vivência foi inevitável. Para Nascimento:

Nesta etapa da pesquisa o pesquisador oficial torna-se o melhor amigo do grupo-pesquisador, um amigo que escuta sem julgar, sem querer saber o certo e o errado, que segue o caminho traçado pelo grupo-pesquisador por onde este o levar. Com o

coração descalço, o amigo segue afetivamente os passos do grupo-pesquisador. Em sua silenciosa escuta, o amigo aos poucos vai percebendo as linhas de pensamento do grupo-pesquisador, colorindo suas falas que foram transcritas com cuidado e carinho. As muitas cores mostram que o pensamento do grupo-pesquisador está vivo, é dinâmico. (NASCIMENTO, 2014, p. 105).

Dito isso, trago a análise classificatória dos dados. Para essa etapa, precisei fazer a transcrição dos relatos orais produzidos a partir da técnica “Corpo-giz” e organizá-los por categorias. A categorização tem como objetivo identificar e selecionar as ideias, problemas e confetos de modo que visualizasse o pensamento do grupo como panorama que me permitiu realizar posteriormente o estudo transversal, o qual revelou a linha do pensamento coletivo do grupo-pesquisador – ressaltando sua heterogeneidade.

Dois pontos significativos nesse processo é a liberdade que há para organizar os dados e, ao mesmo tempo, a autonomia para descrever o seu passo a passo. Realmente, Professora Shara é assertiva ao ponderar que não existe certo ou errado, porque na analítica da sociopoética, o corpo é presente por inteiro exigindo ainda mais dos nossos sentidos – esse pensamento reflete o meu sentir nessa etapa (deixo como dica para quem almejar ser sociopoeta).

A análise classificatória me fez enxergar e encontrar sentido para tudo o que anseio enquanto pesquisador – não é falar do que eu interpreto, mas é construir coletivamente um pensamento. Ao analisar me sinto costurar ideias; exteriorizar minhas capacidades – meu olhar cuidadoso, ou seja, a intimidade com as palavras e as frases. A sociopoética alcançou meu interior aflorando minha intuição, o emocional e o sensível.

Mas para ter essa percepção precisei ler e reler os relatos orais transcritos inúmeras vezes, fazendo vários rascunhos de classificação até sentir onde cada um deveria estar. Nessa etapa, os pensamentos são enumerados e separados segundo as categorias as quais correspondem os critérios de semelhança de ideias e sentidos, pensamentos repetidos ou próximos, entre outros elementos em comum nos relatos que puderam ser identificados pelo mesmo arranjo.

A categorização foi planejada conforme os objetivos desta pesquisa, que também orientaram a oficina de produção de dados. Assim, no “APÊNDICE G” exponho uma minuta desse processo através do quadro panorâmico “Ilustrativo da análise classificatória” tomando por base os relatos. Deve ser observado que as categorias estão com cores de fonte diferenciada, a fim de facilitar a organização dos dados e análise das categorias encontradas, bem como as ideias pertencentes a elas.

Acrescento ainda que o grupo-pesquisador é um pensador-coletivo – considerado único filósofo. Os relatos dançaram entre si, se misturaram e perderam a sua individualidade, discorrendo as falas sob uma só voz: a do **corpo-giz no chão da escola**, com todas suas resistências aos valores pré-estabelecidos, performatividades diante a invisibilidade, Devir-Semente e confetos. No quadro a seguir constam as categorias que foram identificadas no pensamento coletivo durante a oficina de produção:

Quadro 03 – Categorias identificadas no pensamento do grupo-pesquisador.

TÉCNICA	CATEGORIAS
	1- Problemas do corpo giz do jovem gay
“CORPO-GIZ”	2- Percepção de si nas performatividades que produzem resistências ao corpo dos jovens gays
	3- A relação entre o problema e o corpo-giz do jovem gay

Fonte: Dados da pesquisa.

É válido explicar que após a categorização dos relatos, momento no qual as ideias foram enumeradas, acontece o cruzamento de pensamentos no interior de cada categoria, com intuito de identificar complementaridades, divergências, oposições e ambiguidades no pensamento do grupo-pesquisador. Dessa forma:

As ideias complementares são convergentes, muitas vezes ampliando as primeiras ideias aos serem misturadas entre si; as divergentes são ideias que falam do mesmo assunto com sentidos diferentes; as opostas são ideias binárias e as ambíguas são ideias paradoxais presentes no interior de um mesmo enunciado. (NASCIMENTO, 2014, p. 110).

Para esse exercício precisei agir com rigor para não confundir com interpretação – obtive essa ideia por meio do erro de querer fazer de forma apressada, por isso, “eu não devo atribuir significados ao que as copesquisadoras disseram, mas organizar o que foi dito de modo compreensível a quem estiver lendo”. (PEREIRA, 2021, p. 145). No momento do cruzamento das categorias:

Em regra geral, os confetos aparecem somente no momento em que os facilitadores estudam o pensamento do grupo-pesquisador como se fosse obra de um só cérebro, pois é preciso realizar oposições e ligações entre os dados para elaborar um confeto original (GAUTHIER, 2012, p. 77).

Dessa maneira, me voltei a observar, nessa etapa, as resistências, performatividades e problemas que identifiquei nas falas transcritas. Após a análise classificatória e o cruzamento de ideias dentro das categorias, sucede o estudo transversal, onde os pensamentos são

cruzados entre as categorias e transversalizados – posto em diálogo e comparação para que se observem as linhas de pensamento coletivo do grupo-pesquisador, apresentadas no próximo capítulo.

CORPO-GIZ VI: JOVENS GAYS NO CHÃO DA ESCOLA: INVISIBILIDADES E RESISTÊNCIAS

TRAUMAS

Meu pai um dia me falou
 Pra que eu nunca mentisse
 Mas ele também se esqueceu
 De me dizer a verdade
 Da realidade do mundo
 Que eu ia saber
 Dos traumas que a gente só sente
 Depois de crescer
 Falou dos anjos que eu conheci
 No delírio da febre que ardia
 Do meu pequeno corpo que sofria
 Sem nada entender
 (Canção de Roberto Carlos)

Início dizendo à leitora e ao leitor que os poemas costurados a seguir germinaram a partir da capacidade imaginativa de perceber as imagens como se as tivesse produzido num atravessamento de sensações, perspectivas e desdobramentos sobre o tema-gerador: jovem gay. Lembro que num lastro de ações de olhar, sentir e reparar as imagens, as palavras brotavam ora brandas, ora abundantes. Esses movimentos, semelhantes a um tear, gestados pelas minhas mãos e por aqueles que, afetuosamente comigo, teceram versos. Os dispositivos de coesão, não buscavam verdades únicas, mas misturavam-se formando um tecido coletivo sobre nossas experiências cruzadas por aqueles rabiscos que no final traçavam também nosso corpo.

Os riscos do chão da escola

O chão da escola é riscado.
 Não só por riscos dos movimentos das carteiras,
 Mas riscado por marcas do tempo,
 vivências, experiências e aprendizados.

Também é riscado pelas violências:
 Medos desenhados por ausências,
 Solidão que amarga o ser invisível.
 Confuso, desenha linhas de esperança
 E busca a coletividade para criar potências.

Nessas linhas espiraladas,
 Serpentinadas são desenhadas
 E o risco do abandono se insere na família,
 Mais uma vez, o medo se desenha.
 O que a família teme?
 Violências? Silenciamentos? Invisibilidades?

De quem? Por que a família deve temer?

A resposta está no desenho de um círculo,
De um conjunto,
Que junto
A outros corpos, pode-se fugir.
Mas não uma fuga por medo;
Fuga para um novo mundo
Onde o círculo do amor faça rugir
A coragem de um leão.

Para que nesse caminhar confuso
Não haja riscos de medo e dor, e
Estará seguro, acolhido, aninhado.
Nesse círculo riscado de amor.
Linhas transformadoras
Traçadas com persistências
Para que sempre haja a resistência.

No chão riscado da escola

Ao observar o chão da escola tracejado,
De cores e rabiscos,
Desnudei-me de minha bagagem,
Silenciei minhas memórias para sentir e ouvir o significado destes traços.
E assim pude sentir...

Os tracejados de cores e sabores.
As linhas da inquietude das descobertas.
Um emaranhado de vivências, experiências,
Medos, angústia, desejos e sonhos.
Uma confusão entre corpo e espírito,
Entre o banal e o extraordinário, que se pode experimentar em uma única existência.
A fuga, o pavor e as dores que atravessam esses corpos mutilados,
Silenciados e renegados pelo preconceito e desamor.

Linhas, rabiscos, trajetões, trajetórias de esperança, aceitação e resiliência,
Que resistem e ressignificam as mordidas do tempo, do corpo e da alma.
Os círculos desenhados assumem o significado família,
Uma redoma na qual quero estar protegido,
Um escudo para as minhas batalhas de vida.

Portanto, a aceitação familiar é fator crucial,
e ficou evidenciado como imprescindível
Para que haja uma superação das violências
e atravessamentos sofridos e vivenciados.

Os corpos de jovens gays tracejados no chão da escola juntaram-se, misturaram-se nesses versos; recomendo que sejam incorporados por quem os lê e, numa sinergia sensível, adentre ao pensamento coletivo do grupo. A seguir, irei apresentar as percepções e os problemas dos jovens gays e a invisibilidade consigo mesmo.

Começo problematizando o que é invisibilidade? Peguei meu celular e fiz uma chamada de vídeo para meus amigos gays “Marcos, Henrique e Rodrigo”, logo em seguida, perguntei: “o que é invisibilidade para vocês?” Eles me responderam: “É quando a sociedade e seus mecanismos de poder tentam nos ocultar, silenciar e até mesmo apagar, seja pela indiferença, seja pelo preconceito, mas que, infelizmente, é bem presente no nosso cotidiano”. Rodrigo acrescentou: “Já passei por essas violências. É uma dor cruel, devastadora a qual fui submetido. Senti-me um nada”.

Sobre a invisibilidade consigo, o grupo trouxe os seguintes confetos: **Corpo-Giz-Desabafo-Marcas** é corpo do jovem gay no chão da escola que é triste, recolhido, infeliz, julgado pelo seu jeito de ser, pela sua aparência e, por ser negro, é criticado. Sofre *bullying* e isso causa traumas nele (o pior deles é ser negro e a dificuldade de reconhecer-se) – Há momentos que não quer ser negro. Ele sempre questiona que se, caso fosse branco, sofreria menos na escola e teria mais amigos. Esse confeto é uma expansão de sentimentos e pensamentos íntimos, ou seja, um ato de desopressão. Falar de si é dar consistência ao problema. Logo, evidencio a “invisibilidade de si”, por meio da “não aceitação de si”.

Pereira adverte:

Estar ou passar por um processo de reconhecimento racial não é da noite para o dia. Se não existe representatividade, seja na família, na escola, nos grupos de amigos ou em qualquer outro círculo social, o corpo se distancia da sua própria realidade. Ter a pele negra e usar uma máscara branca não torna alguém branco, mas se você não se reconhece como negro, como entender que passou por determinadas situações por ser negro? Como enfrentar os preconceitos e as discriminações por ser negro? (PEREIRA, 2021, p. 157).

O **Corpo-Giz-Desabafo-Marcas** do jovem gay destaca que enfrenta na escola desafios – aceitação e *bullying*. Isso gera marcas para vida toda. O *bullying* ainda é muito presente no ambiente escolar e, conseqüentemente, a causa de inúmeros transtornos, revoltas e, principalmente o medo de expressar-se e de ser quem realmente é. O **Corpo-Giz-Desabafo-Marcas** elenca o problema do *bullying* – 1. Gera dificuldade de *ser* pela aparência negra. 2. Não reconhecimento do ser e de se aceitar negro. 3. Medo de expressar-se e de ser quem é.

Isso fez a professora Shara se lembrar da *automutilação* dos jovens hoje, porque existe o chamado auto-odiar – violência contra si mesmo; uma realidade dolorosa que dificulta a capacidade de viver por não aceitação do ser – sentimento de odiar a si mesmo, através do qual se perde a noção do que é o próprio corpo nas relações.

Nossos corpos constituem-se na referência que ancora, por força, a identidade. E, aparentemente, o corpo é inequívoco, evidente por si; em consequência, esperamos que o corpo dite a identidade, sem ambiguidades nem inconstância. Aparentemente se deduz uma identidade de gênero, sexual ou étnica de “marcas” biológicas; o processo é, no entanto, muito mais complexo e essa dedução pode ser (e muitas vezes é) equivocada. Os corpos são significados pela cultura e, continuamente, por ela alterados. Talvez devêssemos nos perguntar, antes de tudo, como determinada característica passou a ser reconhecida (passou a ser significada) como uma “marca” definidora da identidade; perguntar, também, quais os significados que, nesse momento e nessa cultura, estão sendo atribuídos a tal marca ou a tal aparência. (LOURO, 2000, p. 9).

Por isso, é necessário conhecer e entender as realidades, buscar alternativas de enfrentamento junto a esses jovens com o intuito de construir uma escola que dialogue com as diversidades/diferença, para que sejam garantidos o acesso, a permanência e o respeito – um local onde todos os corpos importam.

O confeto **Corpo-Giz-Fuga-Confusão** é o jovem gay cujo problema é Confusão dentro da trajetória na escola e em casa. Ele se sente confuso porque tem muitas dúvidas. Sabe que deseja homens, mas não quer ser assim desse jeito. *Quer ser normal*. Ou seja, a aceitação de si, enquanto gay, é diferente do outro corpo em que a dificuldade maior é o de se aceitar como negro. Neste o jovem gay é ciente da sua preferência sexual por homens, mas tem dúvida se realmente quer ser gay – o que, para ele, não é normal. Entendo a dificuldade de reconhecer-se gay dos co-pesquisadores, devido ao meu processo também ter sido complexo e delicado.

Nesta pesquisa adoto outra forma de entender **performatividades de resistências**, a partir da ação discursiva que se encontra na teoria da performatividade de Butler e na performance “The Artistic Is Present” de Marina Abramovic que me possibilitaram criar a técnica “Corpo-Giz”, por meio da qual os jovens gays se manifestam artisticamente – pelo mover dos próprios corpos no chão da escola e pelos seus relatos orais.

Portanto, uma arte de características híbridas e efêmeras, que tem, como forma de expressão, o corpo dos artistas, os co-pesquisadores e a relação entre artistas e espectador; ou seja, é outra linguagem que pode acontecer em diferentes modos na pesquisa. O grupo-pesquisador, único filósofo, é um performer – o artista. Realço as seguintes performatividades do coletivo:

O confeto **Corpo-Giz-Sem-Nome** do jovem gay é observador e prefere ficar mais distante; evita ser percebido em público ao usar máscara ou capa que lhe deixa invisível e percebe como as pessoas tratam os outros. Observar é uma forma de saber com quem pode andar, confiar e, também, não querer contato.

A performance está permeada pelo contexto, que incorpora na prática do jovem – uma forma de resistência capaz de produzir um “superpoder”: o de se tornar despercebido ao medo, a não aceitação e aos julgamentos das **peessoas-julgador**.

A invisibilidade é um poder clássico da ficção e dos quadrinhos como, por exemplo, **Arlequina, Mulher-gato, Darkseid, Lex Luthor e o Coringa** – esses personagens são considerados “vilões” por não atenderem os padrões impostos. Ter um “disfarce” é a capacidade de estar transparente a olho nu, ou seja, *livre*, mas também de estar protegido de violências. Quem gostaria de ter esse “superpoder”? Quais as “muitas” vantagens de ser invisível?

Os co-pesquisadores apresentam outro conceito para a invisibilidade – Ser despercebido não quer dizer não ser importante, ou não existir. Ser imperceptível é uma resistência potencializadora para esses jovens em questão, pois à distância eles podem observar o seu entorno. É uma performance de proteção e **liberdade**.

O grupo apresenta divergências ao pensarem a liberdade de modos diferentes. Um exemplo é o celular para trocar ideias e obter informações *massa*. O outro pensamento que o faz sentir-se livre é a dança, com ela todos se misturam, independentemente de quem são:

Corpo-Giz-Sem-Nome utiliza muito o celular, uma vez que, com ele, se sente livre e pode trocar ideias com muita gente: primeiro sobre o que *curtem*, depois ver a vídeos no TikTok, porque tem muita informação *massa*. O **Corpo-Giz-Mundo** do jovem gay vai amadurecendo e aprendendo a lidar com isso, criando asas e se libertando dessa prisão. O jovem gay cria asas no chão da escola com as aprendizagens. O conhecimento lhe traz liberdade e o faz enfrentar os medos. **Corpo-Giz-Mundo** é o jovem gay que aprende que não é diferente de ninguém na escola. Esse corpo está pouco *se lixando* para o que falam dele. Ele fica mais na sua.

O visível no confeto **Corpo-Giz-Sem-Nome** do jovem é o *gosto de dançar*, principalmente quadrilha. Na quadrilha, o Corpo-Giz-Sem-Nome se sente livre, se sente uma estrela. Na quadrilha, ninguém se importa se é *bicha, sapatão, trans...* Todo mundo dança junto e misturado.

Os jovens gays em suas “performances dissidentes da normatização sexual de gênero podem favorecer outros modos de se pensar as aprendizagens nas diferenças, tencionando-as”. (ADAD; NASCIMENTO; MARTINS, p. 4). A partir dos termos em destaque nos parágrafos anteriores “se lixando” e “gosto de dançar”, o grupo faz uma reflexão sobre o *corpo desobediente*, o qual faz torcer os valores pré-estabelecidos e sinaliza outras maneiras de

interpretar o mundo, além de ensinar “modos de ser jovem”, corroborando com Juarez Dayrell:

Assim, os jovens pesquisados constroem determinados modos de ser jovem que apresenta, especificidades, o que não significa, porém, que haja um único modo de ser jovem nas camadas populares. É nesse sentido que enfatizamos a noção de juventudes, no plural, para enfatizar a diversidade de modos de ser jovem existentes. Assim compreendida, torna-se necessário articular a noção de juventude à de sujeito social. (DAYRELL, 2003, p. 42).

Desse modo, é preciso ter um olhar sensível para as especificidades dos modos de ser jovem. Com esse intuito pergunto às professoras e professores leitoras/es deste estudo: você conhece a história das suas alunas e dos seus alunos? Como a sua prática direciona os jovens gays para que tenham visibilidade na escola e na sociedade?

A respeito da relação familiar o grupo-pesquisador expõe:

O invisível no **Corpo-Giz-Sem-Nome** é a falta de apoio da família, da mãe que fica em silêncio – esse ato dela o deixa triste, porque ele queria seu apoio, conversar abertamente sobre seu jeito. Mas a mãe é irredutível e não se propõe a dialogar. Os pensamentos do grupo-pesquisador são heterogêneos, pois se identificam divergências nos modos de pensar como, por exemplo, sobre a invisibilidade da família – o **Corpo-Giz-Mundo** é o jovem gay que tem medo do futuro por não saber como será a reação do pai ao descobrir sobre sua orientação sexual, se o expulsará de casa tendo, por isso, que ir morar na rua. Sobre a família e Sexualidade Foucault diz:

Os pais, os cônjuges, tornam-se, na família, os principais agentes de um dispositivo de sexualidade que no exterior se apóia nos médicos e pedagogos, mais tarde nos psiquiatras, e que, no interior, vem duplicar e logo “psicologizar” ou “psiquiatrizar” as relações de aliança. (FOUCAULT, 1999, p. 104).

O problema levantado nesta discussão é a invisibilidade criada pela falta de apoio da família, seja pelo silêncio da mãe, seja pelo medo de ser expulso de casa pelo pai. Esse fato tem efeito no corpo – o sentir a tristeza. O sofrimento diante do não acolhimento e suporte para afirmação de sua diferença. A família como instituição que, em sua função instituída, reproduz as normativas de gênero. Isso mostra que a violência aos gays no meio familiar acontece independentemente do gênero “mãe ou pai” – os agentes do dispositivo de sexualidade, dentre outras formas de dominar esses corpos como “psicologizar” ou “psiquiatrizar”.

Ainda sobre o tema família, o **Corpo-Giz-Confusão** do jovem gay vive a confusão ao ver que sua família cuida dele, mas é ciente que não era o que a mãe e tia queriam dele, por isso ele cria um corpo policiado, inseguro ao se expressar. Nessa confusão, os jovens se perdem nesse caminho pela falta de suporte e apoio e sem ter um norte. Seria tão bom se as juventudes gays tivessem a chance de encontrar, nas famílias, um abraço que acolhe, uma palavra que acalma e um pensar/agir coletivo de enfrentar qualquer barreira em prol da felicidade das gays pessoas!

A essas formas de invisibilizar os corpos gays, o **Corpo-Giz-Fuga** resiste ao **problema-confusão** com o tempo e a maturidade que foram necessários para que, aos poucos, isso fosse se tornando visível, mais fácil de aceitar e lidar dentro da família. O jovem gay resiste a partir do momento que se aceita, porém não é fácil. Mas como a tia do **Corpo-Giz-Fuga** diz: “Tem que estudar!” O **Corpo-Giz-Mundo** é o jovem gay que resiste ao problema do medo de ser expulso de casa, buscando fazer bicos para ter um trocado. Esse jovem ganha pouco, todavia consegue ter uma renda e ainda ajudar em casa.

O tema escola é discutido pelo grupo-pesquisador veja o confeto:

Corpo-Giz-Desabafo do jovem gay é o corpo que não sabe o que quer. Ele é muito cobrado – tem que ser alguém, tem que passar no vestibular. A cabeça parece que não dá para essas coisas e isso o deixa triste. Na escola, sente muito medo dos professores, dos alunos que sempre o apontavam como aquele jovem que não quer nada, que não sabe de nada. Até hoje sente medo porque esse medo foi paralisante na vida do jovem, o impedindo de seguir e construir. Estar paralisado é aterrorizante e paralisante para este jovem gay. (GRUPO-PESQUISADOR).

Aproveito para criar um momento oportuno na tentativa de reinventar a escola, ou seja, refletir o modelo educacional vigente que sacrifica as aprendizagens das/os estudantes LGBTQIA+, por meio de práticas normalizadoras dos corpos; a escola não pode ser um repositório onde se inserem as juventudes em um determinado turno (manhã/tarde/noite) ou em tempo integral para discipliná-las/os na ausência dos seus responsáveis. O Espaço educacional é lugar de pluralidade e interação com as diversidades/diferença e as singularidades de cada um/a.

Entretanto, na trajetória escolar das pessoas LGBTQIA+, muitos acontecimentos os atravessaram – as violências, a falta de apoio familiar, os vários **tipos de medo** e a **dor**. “Passei a compreender que minhas dores não são só minhas, que minhas lutas não são só minhas; perceber-me como singular, mas também como coletivo”. (NASCIMENTO 2021, p. 80). Como serem respeitados no processo de reconhecimento?

Para responder utilizo o **Corpo-Giz-Mordação-Mutilação** é o jovem que, embora não se perceba, as pequenas feridas não cicatrizadas se tornam traumas, dores silenciadas, transformam-se em corpos mutilados, pela dor, pelas ausências, pelas carências e pelos choros que foram engolidos. Muitas vezes os jovens gays do **Corpo-Giz-Mordação-Mutilação** são calados pelo professor, pelo diretor, pelos colegas por ser gay, pelo jeito diferente de ser. Diferente do que é o normal ou padrão. Os pontos invisíveis deste corpo seriam o medo das violências vividas na família, na escola, e na sociedade, principalmente. Por isso, precisa e deve ser reconhecido, aceito, respeitado e discutido nas escolas, nas famílias e sociedade.

Como ser um/a jovem, falar e ser escutado na escola?

O confeto **Corpo-Giz-Mundo** do jovem gay responde que é o **problema-falso-apoio** da escola que se diz existir, mas não funciona como deveria. Na verdade a escola só pensa em tirar nota azul, não discute nada do interesse do jovem gay, nem escutam a gente. Por exemplo, o jovem gay gosta muito de jogos de internet, sabe mexer em tudo de computador, mas na escola nem tem computador, nem internet. Para o **Corpo-Giz-Mundo**, fica chato a escola e tem horas que a gente queria aprender sem ser do mesmo jeito. Percebe-se, então que ao falar da escola o **Corpo-Giz-Mundo** também a questiona, denuncia a falta de estrutura e dá pistas sobre os interesses dos discentes atualmente.

A escola deve ter componentes curriculares que contemplem a educação sexual e as diversidades sexuais?

Os copesquisadores replicam através do confeto: O **Corpo-Giz-Mundo** do jovem gay ficou com um cara mais velho, mas no sigilo. Ele o pegou atrás da escola de carro e foram ao motel. O jovem gay teve nesse dia que *gaze* aula. Quando o **Corpo-Giz-Mundo** do jovem gay chegou em casa se sentiu *sujo*; ficou um *tempão debaixo do chuveiro*. Depois o *cara* ficou só ligando para o **Corpo-Giz-mundo**, querendo sair de novo, mas ele não foi mais. Todavia, este corpo jovem tem desejos de usar calcinha e batom.

O grupo apresenta uma realidade do ser gay, um tabu para as juventudes “quando devo ter relação sexual? Como e com quem fazer sexo?” O grupo instaura em mim uma série de dúvidas. Quem é esse cara mais velho? É um caso de pedofilia? Aconteceu algo para o jovem gay se sentir sujo? Imagine a dor de se sentir sujo e impuro após uma relação sexual. Observo como os estudantes gays enfrentam violências e desafios. Lembro que na minha adolescência me sentia impuro ao me masturbar, conhecer meu próprio corpo.

Ainda referindo-se à escola, o **Corpo-Giz-Fuga** do jovem gay se sente mais livre, usa as coisas das colegas, passa batom, pinta a unha. Os meninos mexem com o **Corpo-Giz-Fuga** – uns ele nem se importa, outros ele enfrenta e pergunta: qual é o problema? Há os que lhe

paqueram escondido. Esse grupo-pensador é um ser de resistências à norma que impõe o uso de batom e pintar as unhas para mulheres.

E apresenta divergências, ora *gazea* para namorar, ora fica com os *cara* na escola e o que é invisível no **Corpo-Giz-Mundo** do jovem gay também é o medo de chegar nos caras que temo interesse e eles se zangarem ou não quiserem sua amizade, ele tem dúvida de saber se eles curtem o seu interesse. Isso é paralisante!

O **Corpo-Giz-Cacos** é o jovem que o medo não o paralisa, o impulsiona a seguir e a recomeçar, a ter foco, a ser uma nova pessoa. Com dores, quebrado e, às vezes, em cacos – é o que o faz uma pessoa forte. A ideia dos copesquisadores aborda um novo conceito sobre o medo – ao senti-lo o jovem sente-se impulsionado, isto é, o oposto de ter o corpo paralisado.

O pensamento coletivo é ambíguo – o **Corpo-Giz-Fuga** do jovem gay vive essa confusão e sente a sua invisibilidade, principalmente na escola e na família. Esse corpo diz: sou uma pessoa confusa: tem horas que quer ser bem pintosa, lacradora nesta trajetória, mas em outros momentos tem medo, vergonha de ser assim, de envergonhar minha família. O **Corpo-Giz-Fuga** do jovem gay não sabe se está preparado para enfrentar os olhares do povo. O **Corpo-Giz-Fuga** já pegou outro no banheiro, deu uns beijos bem rápido, mas deu certo. Depois, o **Corpo-Giz-Fuga** do jovem gay fica triste, porque o *boy* estava beijando outra menina e andando de mãos dadas.

Portanto, penso a relação da escola com as diversidades e a diferença como um espaço onde se expõem e acolhem complexidades e paradoxos. Sendo que essas complexidades e paradoxos não devem se anular ou se excluir, mas coabitar em interação mútua.

Essa multiplicidade de identidades e culturas encontra-se em convivência, e não em isolamento, passando, na maioria das vezes, por processos de hibridação cultural. [...] Assim, não se pode negar que determinados acontecimentos provocam uma interação cultural com a diferença e a diversidade, podendo resultar em fatos negativos, como guerras, xenofobia, intolerância étnica, misoginia, entre outras formas de exclusão e preconceitos. (VERONESE; ANGELIN, 2020, p. 294).

Para as violências na escola o grupo-pesquisador faz o manifesto: o falar do **Corpo-Giz-Desabafo** sobre a invisibilidade é crucial para mudar a realidade do jovem gay na escola. Chega de “mordça” e de “mutilação”! A escola assim como a família deve ser lugar de apoio, diálogo, de aconchego e, principalmente, de acolhimento; de abraçar a todos seja ele como for; afinal normal é ser diferente, anormal é o preconceito e discriminação que retiram o direito de ser quem eu sou de verdade! “O corpo que não aguenta mais é um corpo que tem a potência de resistir” (PEREIRA, 2021, p. 163).

Ao me perder e me encontrar por entre confetos, devido às complexidades do pensamento do grupo-pesquisador; permeado de conceitos e afetos, me deparei com as palavras medo e dor, uma constante durante todo o caminhar deste estudo. Palavras sempre presentes, na infância da criança viada, na adolescência com os vários tipos de medo (de expressar-se, na família, escola, sociedade e de reconhecer-se). Portanto, a dor é companheira do medo, principalmente, para os jovens gays. Esse achado está para além dos objetivos desta pesquisa, pois ela revela o *Medo* e a *Dor*.

A personificação do medo e da dor se deve ao fato dos jovens assumirem performances coadjuvantes em determinadas situações de suas vidas – que por sua vez despotencializam o corpo jovem frente à norma. Contudo, ao mesmo tempo, estes jovens criam performatividades de resistências aos valores pré-estabelecidos e à invisibilidade imposta a eles. Dessa forma, ao performar, o jovem potencializa o corpo fazendo dele muralha/armadura/casulo/capa/máscara a fim de barrar preconceitos e as inúmeras violências; fazendo desses jovens protagonistas de suas próprias trajetórias.

Nesse momento percebo o movimento grupal referente ao racismo, à homofobia e ao preconceito de classe social como estão entrelaçados na produção de vulnerabilidades. A educação e as famílias são instituições que expressam o instituído em relação às normativas sexuais. As mães, pais, gestoras/es escolares, professoras/es e profissionais da educação são agentes que reproduzem tais normativas. Quem protege essas juventudes? Quais são as redes de apoio no enfrentamento das violências?

Adiante, farei “Os Rabiscos Finais” deste estudo.

RABISCOS FINAIS

“Os jovens criam asas no chão da escola”
(Grupo-pesquisador)

Ao pensar minha dissertação, vislumbro não apenas transformar pensamentos por meio dela, mas, além disso, acessar sentimentos e emoções, metamorfoseando leitoras/es em favor de corpos borboletas. A proposta deste estudo é ultrapassar valores pré-estabelecidos e romper com a invisibilidade de jovens gays em contextos escolares, dando a eles passagem como sujeitos pensadores de novos conceitos e formas de problematizar com a contribuição do método sociopoético.

Escrever esta pesquisa é, antes de tudo, uma atitude performativa, uma forma de resistência, porque me expesso de maneira subjetiva, expondo minhas singularidades tal qual um artista ao produzir sua obra de arte, imprimindo nela seu estilo. Esses são meus últimos dias de escrita, precisei entrar no meu casulo e me afastar de todo tipo de interferência; queria está na praia olhando as ondas, independentemente disso, o meu sentimento é felicidade – um mar que transborda em mim.

Informo que o processo deste estudo me fez enxergar a minha incompletude de vir a ser – sou uma pessoa que deseja aprender! Rememorando cada passo até chegar aqui, tenho a convicção de que não sou mais o mesmo. As lentes as quais utilizei estavam embaçadas, pois existiam minúsculas gotículas de água que se acumulavam nas lentes dos meus óculos – tinham a superfície turvada pela minha transpiração devido às temperaturas diferentes e opressoras dos ambientes onde toda a minha existência foi construída.

A Sociopoética me possibilitou usar lentes não embaçadas e avistar, sentir as intensidades, o fluxo e o fruir de pequenas partículas que emitem luz – fontes que podem ser produzidas por diferentes modos ao pesquisar. Ter o corpo inteiro no estudo é uma fluorescência que adquire luminosidade ao ser aclarada. As técnicas artísticas são fosforescências, pois quem as vivencia é capaz de absorver a luz e manter sua luminescência.

Estou fechando um ciclo em minha vida – não só o texto dissertativo, mas também, o mestrado que é mais uma fase da vida. Estou certo de que meu *corpo gay* é uma potência, por meio do qual posso andarilhar novos desafios em busca de experiências e conhecimentos. O corpo gay pode ocupar o lugar que quiser. A universidade também é meu espaço. Essa pesquisa é *dar close* porque ela dá visibilidade a todos os gays – “bichas, viados, baitolas, invertidos, maricas e afeminados”. Eu e eles somos todos esses “sinônimos”, mas como ato de

resistência, além de paradoxos, exageros e muita purpurina. Dessa forma, algo oposto ao medo, à vergonha de ser e a não aceitação de si. *Tá, meu bem? Como é bom ser “viado”!* (Paulo Gustavo e Marcus Majero). *Ai, que delícia é ser “viado”!* (Lindsay Paulino).

Em suma, a ligação entre as humanidades e a palavra:

Onde não existe a escrita, o homem está ligado à palavra que profere. Está comprometido por ela. Ele é a palavra, e a palavra encerra um testemunho daquilo que ele é. A própria coesão da sociedade repousa no valor e no respeito pela palavra. Em compensação, ao mesmo tempo que se difunde, vemos que a escrita pouco a pouco vai substituindo a palavra falada, tornando-se a única prova e o único recurso; vemos a assinatura tornar-se o único compromisso reconhecido, enquanto o laço sagrado e profundo que unia o homem à palavra desaparece progressivamente para dar lugar a títulos universitários convencionais. (Bâ, 2010, p. 168).

A palavra tem que ser dita com o corpo. A fala é uma força – poder de criação que gera movimento, ritmo, vida e ação. A escuta faz elos às diversidades/diferença; distintos modos de vida. “Quando Maa Ngala fala, pode-se ver, ouvir, cheirar, saborear e tocar a sua fala. Trata-se de uma percepção total, de um conhecimento no qual o ser se envolve na totalidade”. (Bâ, 2010 p. 172). Para eu realizar este estudo também me embasei ao que Bâ diz:

A condição mais importante de todas, porém, é saber renunciar ao hábito de julgar tudo segundo critérios pessoais. Para descobrir um novo mundo, é preciso saber esquecer seu próprio mundo, do contrário o pesquisador estará simplesmente transportando seu mundo consigo ao invés de manter-se “à escuta”. (Bâ, 2010 p. 212).

Diante disso, saber que este trabalho é a validação de resistências me emociona profundamente; eu escrevo com as lágrimas percorrendo minha face – queria muito receber um abraço nesse momento. O choro, para mim, está sendo uma celebração à passagem de todos os sentimentos que envolveram esta trajetória do início ao fim. Aliás, ser gay perante as instituições, principalmente a escola, é um desafio – dentro e fora dela ainda sou um obstáculo. O corpo gay luta para sobreviver às inúmeras violências que sofre diariamente.

Por isso, um corpo gay na universidade – na pós-graduação, pesquisando jovens gays na escola pública de ensino médio ainda é algo que incomoda – lembro-me de uma aula da disciplina de Educação Brasileira do primeiro semestre do mestrado, na qual a discussão estava centrada nos movimentos LGBTQIA+.

Ao compartilhar minha experiência, afirmei para a turma “eu fui uma criança viada” e apontei as violências sofridas por mim na escola, Em seguida, fui interrompido por um companheiro que retrucou: “pois eu jamais aceitaria que meu filho tivesse aula com um

professor que se intitula ‘criança viada’, ainda mais que seja distribuído cartilha¹² sobre esse tipo de gente na escola”.

Rapidamente, o respondi: “pois, o pior para seu filho não seria ter um professor “viado”, mas conviver com um pai homofóbico, conservador e preconceituoso”. Ele indagou “Quem disse que eu sou homofóbico? Tenho até amigos gays. Nada contra. Só acho que na escola não é para discutir essas coisas de sexualidade. Cada um pode ser o que quiser desde que se dê respeito”. O diálogo foi intenso e é difícil descrevê-lo nessas poucas linhas. Mas esclareço que as violências não têm hora, nem local ou pessoa específica para realizar seu ataque e nos submeter a labirintos.

Com o propósito de demolir esse labirinto, o qual faz morrer e silenciar corpos, eu aproveito para falar sobre os atravessamentos enfrentados durante a construção deste estudo. Para isso, as/os convido a me ouvirem falar deitado sobre meu divã, este que utilizo para relaxar; proporcionar mais conforto; maior liberdade de pensamentos, já que eu, nesse momento, não tenho contato ocular com vocês. Entro em hipnose para provocar uma catarse – libertação dos afetos represados.

Na pandemia passei por muitos sofrimentos, – o isolamento social, ausência familiar e *fiquei sem dançar*; minha irmã enfrentou uma depressão pós-parto, a dependência química, o período de abstinência, uma tentativa de suicídio com arma branca, sintomas, delírios, alucinações, medicação, desmame e terapia.

Foi preciso criar um devir-pássaro, tornei-me um *joão-de-barro*; peguei cocô de gado, pelos de animais, capim e outros vegetais – essa mistura evita rachaduras. Construí uma casa resistente para acolher minha família. Esqueci-me para cuidar da minha irmã e de minha sobrinha recém-nascida; paralelamente, havia a necessidade de continuar trabalhando e estudando. Não foi fácil! O meu planejamento e a preparação da minha família para que eu pudesse realizar o sonho do mestrado foi rapidamente tomando outro norte.

Nesse voar de passarinho solitário, precisei cavar um túnel para chegar à luz (conhecimento/discernimento/autoconhecimento). Mesmo com falta de tempo para o ócio criativo, as responsabilidades acadêmicas e a intensa cobrança, durante o ensino remoto, a nós, professores/as da Educação Básica, não me impediram de continuar com o estudo e cumprir, com louvor, as atribuições do programa de Pós-graduação. Quantas vezes ouvi “se

¹² A cartilha citada é o *fake news* em torno do chamado “kit gay” que marcou a eleição presidencial de 2018, em síntese, se refere ao material de combate à homofobia – “Escola sem homofobia” quando ainda estava em análise no Ministério da Educação (MEC). (BRASIL, 2010).

for preciso desista do seu trabalho. Os problemas da sua família não são seus, Wesley! Siga!” Como seguir? Posso dizer que ao vivenciar tantas dores, conheci o extraordinário da vida.

Enfatizo que cursar as disciplinas do mestrado, em formato remoto, foi para mim uma adversidade, pois a falta de interação direta entre as/os docentes e discentes me colocaram em situação desconfortável, afinal ambos tivemos que nos adaptar às aulas na plataforma *Google Meet*. Foi angustiante ser obrigado a cursar as disciplinas em casa, por não ser um ambiente adequado aos estudos devido às distrações eventuais – interrupções corriqueiras do dia a dia (sons/barulhos, choro do bebê e problemas na internet).

Mas como o grupo-pesquisador me ensina por meio do seu *Devir-Semente*:

O personagem conceitual **Corpo-Giz-Semente** é filósofo coletivo que produz o **Devir-Semente**. O **Corpo-Giz-Semente** é o jovem que resiste às intempéries da vida e consegue gerar uma árvore que mesmo passando por todas as estações, nas quais lhe caem às folhas, em outras ela é podada, ainda assim ela resiste a todas as adversidades impostas: à falta de água, ao frio, ao sol intenso, à falta de amor, de cuidado. Ela resiste e continua frondosa, com lindas e exuberantes folhas e flores e, hoje, ela dá frutos e, com certeza, sementes.

A oficina de negociação e da produção dos dados me possibilitou um encontro com meus pares, o grupo-pesquisador. Os co-pesquisadores, me provocaram, por inúmeras vezes, com seus movimentos, expressões, gritos que repercutiam turbilhões de emoções. A potência dos seus relatos orais, sentimentos palavras, que se delinearam dando consistência em confetos com múltiplos problemas que me faziam chorar e, ao mesmo tempo, ter a certeza da relevância deste estudo.

Os confetos, em sua maioria, complementares – as ideias se costuravam, outras divergiam, apresentavam oposições e até ambiguidades mostrando a heterogeneidade de formas de pensar o jovem gay possibilitando romper com o pré-estabelecido – pesquisei em multiplicidade. Os jovens se afirmaram – um pensador coletivo. O pensamento do grupo-pesquisador é um rizoma multifacetado. Ao performar suas vozes, senti seus tipos de medo e dores. Chorei sem parar. Mas com eles também aprendi a ser um performista de resistências contras as invisibilidades.

O pensamento coletivo do grupo tem a seguinte dimensão - **Corpos de jovens gays**: invisibilidades e resistências na escola apresentam “problemas do corpo giz do jovem gay” na relação consigo mesmo, com a família e com outros; performatividades que problematizam os valores pré-estabelecidos; percepções de si. Os jovens a partir dos confetos complementares **Corpo-Giz-Desabafo-Marcas** e **Corpo-Giz-Fuga-Confusão** trouxeram questões para se pensar a invisibilidade consigo mesmo, através da aceitação de si e o *bullying* na escola. Isso

gera marcas para vida toda. Gera dificuldade de *ser* gay pela aparência negra. Não reconhecimento do ser e de se aceitar negro. Medo de expressar-se e de ser quem é – violência contra si mesmo. Uma realidade dolorosa que dificulta a capacidade de viver por não aceitação do ser. É lamentável que violências como o racismo, a xenofobia, a homofobia, a misoginia e a transfobia, dentre outras, ainda existam!

A invisibilidade na relação com a família por meio dos confetos divergentes **Corpo-Giz-Sem-Nome**, **Corpo-Giz-Mundo** e **Corpo-Giz-Confusão** apresenta a mãe é irreduzível e não se propõe a dialogar – o silêncio deixa o deixa triste. O jovem que tem medo do futuro por não saber como será a reação do pai ao descobrir sobre sua orientação sexual, se o expulsará de casa tendo, por isso, que ir morar na rua. A falta de apoio da família.

O grupo-pesquisador ainda discutiu a invisibilidade na relação com outro e apontou os seguintes confetos complementares o **Corpo-Giz-Mordança-Mutilação** e **Corpo-Giz-Cacos** na trajetória escolar desses jovens LGBTQIA+, muitos acontecimentos os atravessaram – as violências, a falta de apoio familiar, os vários **tipos de medo** e a **dor**. O **problema-falso-apoio** da escola. Denuncia a falta de estrutura e dá pistas sobre os interesses dos discentes atualmente.

A dimensão do pensamento coletivo dos jovens constitui-se como uma possibilidade de enfrentamento das problemáticas apresentadas, através das performatividades de resistências os confetos ambíguos, como por exemplo: o **Corpo-Giz-Fuga** do jovem gay se sente mais livre, usa as coisas das colegas, passa batom, pinta a unha na escola. Todavia apresenta divergências, ora *gazea aula* para namorar, ora fica com os *caras* na escola; e o que é invisível no **Corpo-Giz-Mundo** do jovem gay também é o medo de chegar aos *boys*. Pensam a liberdade de modos diferentes. Um exemplo é o celular para trocar ideias e obter informações massa. O outro pensamento que o faz sentir-se livre é a dança.

As autoras e os autores como Foucault, Butler, Louro, Miskolci, entre outras/os, com os quais dialogo neste estudo, ajudaram-me a potencializar essa perspectiva teórica e a construir um pensamento sensível permeado de resistências. Principalmente, pensar os trajetos dos jovens gay na escola e a importância do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPI, especialmente a linha de Educação, diversidades/diferença e inclusão para a sociedade.

Informo que não foi possível fazer a contra-análise com o grupo-pesquisador, pois o período pandêmico prejudicou o andamento dos processos da pesquisa, além do curso de mestrado ter o prazo de 24 meses para finalização. Mas isso não invalida ou diminui a riqueza dessa produção. Por isso, irei socializar o estudo com a escola, Secretaria de Estado da Educação – SEDUC e a Secretaria Municipal de Educação de Piripiri.

Deixo meu apelo e sugestão para as Universidades, de que haja uma reflexão a respeito de como podemos cuidar da saúde das/os estudantes, principalmente em um programa de pós-graduação. Um dos critérios é o plano de trabalho com disposição de 20h, e a essa carga horária deve ser adicionada a atividade física (de acordo com as condições/interesses de cada aluna/o) – essa iniciativa de prevenção de saúde pode ser realizada em parceria com o Departamento de Educação Física, clubes esportivos e academias das IES.

Além disso, os programas de pós-graduação necessitam de uma rede de apoio psicológica. O processo de estudo é complexo, por meio dele estamos mais suscetíveis à falta de concentração, procrastinação, ansiedade entre outros fatores. Ao fazer essas sugestões desejo somar, com a finalidade de que seja garantido um ensino público de qualidade.

Não posso sair desse divã sem enaltecer à minha orientadora, Professora Shara Jane Holanda Costa Adad, sem ela não teria conhecido a Sociopoética e vivenciado tantas experiências inesquecíveis como o “Pescuro Sociopoético Online” e o curso de extensão “Juventudes, Escola e Projetos de vida na BNCC” os quais me possibilitaram enxergar/sentir o pesquisador-professor-artista que eu sou e conhecer os estudos das juventudes.

Inicialmente, eu tinha vergonha e medo dela. Na verdade, me sentia tão inferior dentro do mestrado! Infelizmente, esse sentimento é uma marca que trago no meu corpo por causa da minha trajetória escolar. Acredito que a professora Shara Jane percebeu e, através da sua prática irreverente e sensível, me fez sair dessa prisão. Ser docente não é resolver problemas pessoais de estudantes; contudo a pandemia me ensinou que na relação docente-estudante é preciso olhar às pequenas coisas ao meu redor – o cubículo, o minúsculo, o apagado.

Nesse último parágrafo, estou escrevendo flutuando – eu não acreditava que chegaria até aqui, mas em momento algum, pensei em desistir porque não ando só. Aqui estou por nós gays e para afirmar para a educação a potencialidade dos nossos corpos. Todas as adversidades enfrentadas fizeram parte deste itinerário a fim de que fosse demonstrada a força criativa dos jovens gays. Não estou dando um ponto final. Isto é o início para outras histórias e novos estudos. “E flutua, flutua/ Ninguém vai poder querer nos dizer como amar”. (Canção de Johnny Hooker).

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena Wendel. **Jovens e cidadania**: a tematização da juventude na ação social e no debate político contemporâneo. São Paulo, 1997. 20 p.

ADAD, Shara Jane Holanda Costa et al. (Orgs).In. **Tudo que não inventamos é falso**: dispositivos Artísticos para pesquisar, ensinar e aprender com a sociopoética. Fortaleza: EdUECE, 2014.

_____. **Corpos de Rua**: cartografias dos saberes juvenis e o sociopoetizar dos desejos dos educadores. Fortaleza: UFC, 2011.

ADAD, S. J. H. C.; SILVA, P. G. R. **Como se aprende com o corpo em movimento**: narrativas de futuros pedagogos em formação na temática das juventudes. Linguagens, Educação e Sociedade, Teresina, ano 18, edição especial, p. 19-50. jul./ago. 2013.

ADAD, SJHC; NASCIMENTO, LCP do; MARTINS, LR **Aprendizados em educação e as diferenças** – resistência ao heteroterrorismo cultural: que só os beijos tapam a boca. Investigação, Sociedade e Desenvolvimento, [S. l.], v. 9, n. 8, pág. e614985928, 2020. DOI: 10.33448/rsd-v9i8. 5928.

Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/5928>. Acesso em: 6 fev. 2023

ARROYO, Miguel G. **Outros sujeitos, Outras pedagogias**/ Miguel G Arroyo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

BACHEGA JUNIOR, Vanderlei. **Performance arte**. Todo Estudo. 2021.

BÂ, Amadou Hampâté. A tradição viva. In: História Geral da África. Volume 1. São Paulo, Unesco e Cortez: 2010.

BANDEIRA. Manuel. **Itinerário de Pasárgarda**. 4. Ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2012.

BARROS, Manoel de. **O guardador de águas**. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

_____. O livro das ignoranças. 16. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

_____. Retrato do artista quando coisa. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 1996.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o **Estatuto da Criança e do Adolescente** e dá outras providências. Diário Oficial [da] União, Brasília, DF, 13 jul. 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm>. Acesso em: 16 nov. 2021. » http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm.

BUTLER, Judith. **Repensar la vulnerabilidad y la resistencia**. XV Simpósio de la Asociación Internacional de Filósofas, Madri, 2014.

_____. **Actos performativos y constitución del gênero**: un ensayo sobre fenomenología y teoría feminista. In: CASE, Sue-Ellen (Ed.). *Performing Feminisms: Feminist Critical Theory and Theatre*. London: Johns Hopkins, 1990, p. 270-282.

_____. **Problemas de Gênero**: feminismo e subversão da identidade. 2 ed. Rio de Janeiro, 2008.

_____. **Quadros de Guerra: quando a vida é passível de luto?** 1ª ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira. (2015).

BORTONI, Larissa. **Brasil é o país onde mais se assassina homossexuais no mundo**. Rádio Senado, 2018. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2018/05/16/brasil-e-o-pais-que-mais-mata-homossexuais-no-mundo>. Acesso em: 27 de Fev. 2022.

CAETANO, M., SILVA JUNIOR., and GOULART, T.E.S. “**Eu me sentia assim, meio que excluído**”: performances hegemônicas e as dissidências na escola. In: MESSEDER, S., CASTRO, M.G., and MOUTINHO, L., orgs. *Enlaçando sexualidades: uma tessitura interdisciplinar no reino das sexualidades e das relações de gênero* [online].

Salvador: EDUFBA, 2016, pp. 127-156. ISBN: 978-85-232-1866-9. <https://doi.org/10.7476/9788523218669.0008>.

COIMBRA, Cecilia. In: ADAD, Shara Jane Holanda Costa, **Corpos de Rua**: cartografias dos saberes juvenis e o sociopoetizar dos desejos dos educadores. Fortaleza: UFC, 2011.

COLLING, Leandro; ARRUDA, Murilo Souza; NONATO, Murillo Nascimento. **Perfechatividades de gênero**: a contribuição das fechativas e afeminadas à teoria da performatividade de gênero. Cad. Pagu, Campinas, n. 57, p. 1-34, 2019.

COLLING, Leandro. **Que os outros sejam o normal**: tensões entre movimento LGBT e ativismo queer. Salvador, EDUFBA, 2015.

COSTA, Samara Layse da Rocha.

Retalhos do ser jovem em meio à heteronormatividade : experiências juvenis em uma escola pública de Teresina / Samara Layse da Rocha Costa. – 2019. 149 f.

DAMARES: “**Menino veste Azul e menina veste Rosa**”. Uma Nova Era? Youtube (22 nov. 2021). Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=6myjrue81U&fbclid=IwAR22l0QRbA5j_Y_28t5EJWJSfFRXHT0Lnxdm4QGLvJrD0Wx7-3Jetna99E. Acesso em: 22 nov. 2021.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira Educação**, Rio de Janeiro, n. 24, p. 40-52, dic. 2003.

D’EVREUX, Yves. **Viagem ao Norte do Brasil feita nos annos de 1613 a 1614 pelo padre Ivo D’evreux, religioso capuchinho**, publicada conforme o exemplar unico conservado na Biblioteca Imperial de Pariz. Maranhão: Typ. Do Frias, 1874.

DELEUZE G, GUATTARI F. **Qu’est-ce que la philosophie ?** Paris: Minuit; 1991.

DELEUZE, G., GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v. 4. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.

DIÓGENES, Glória. **A estética da Indiferença**. Bendito, 2022. Disponível em: <https://bemditojor.com/a-estetica-da-indiferenca/>. Acesso em: 27 de Fev. 2022.

DULCE, Emilly. **LGBTfobia veio de caravela**: colonização sobre os corpos indígenas. Brasil de Fato, São Paulo, 17 de maio de 2019.

Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/especiais/lgbtfobia-veio-de-caravela-colonizacao-sobre-os-corpos-indigenas> . Acesso em 27 fev. 2021.

EVARISTO, Conceição. In: Podcast do Museu Arte Rio/ **Águas de Kalunga**.

Disponível em: <https://museudeartedorio.org.br/podcast/aguas-de-kalunga-por-conceicao-evaristo-1/> . Acesso em 27 de fev.2021.

FÉRAL, Josette. **Por uma poética da performatividade**: o teatro performativo. Sala Preta, vol. 8, 2008, pp.197-210.

FERNANDES, Estevão R. **“Existe índio gay?”**: a colonização das sexualidades indígenas no Brasil. Curitiba: Editora Prismas, 2017. 245p.

FERRARI, Juliana Spinelli. **"O que é homofobia?"**; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/psicologia/homofobia.htm>. Acesso em 02 de março de 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

_____. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1997.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

FONSECA, Márcio da. **Michel Foucault e a constituição do sujeito**. São Paulo: Educ, 1995.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. **Sexualidade — História 2. Sexualidade — Teoria I. Título II. Título: A Vontade de saber III. Série**.1999.

_____. **Microfísica do poder**. Tradução de Roberto Cabral de Melo Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. **O Sujeito e o Poder**. In: DREYFUS, H. L.; RABINOW, P. Michel Foucault. Uma trajetória filosófica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

_____. **O Corpo Utópico, as Heterotopias**. 1ª ed. São Paulo, N-1 edições, 2013.

FOUCAULT, M. Michel, **uma entrevista**: sexo, poder e a política de identidade, 1982.

Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/verve/article/download/4995/3537>.

Acesso em: 27 de fev. 2022.

FOUCAULT, Michel. **Verdade, poder e si mesmo**. IN: Ditos e escritos, volume V: ética, sexualidade, política. 3ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014, pp.287-293.

GAUTHIER J. **Notícias do rodapé do nascimento da sociopoética**. Mimeografado, 2003.

_____. **A questão da metáfora, da referência e do sentido em pesquisas qualitativas: o aporte da sociopoética**. Rev. Bras. Educ., Rio de Janeiro, n. 25, Apr. 2004a. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782004000100012&lng=en&nrm=iso>. access on 19 Set. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782004000100012>.

_____. **O oco do vento: metodologia da pesquisa sociopoética e estudos transculturais**. Curitiba: CRV; 2012.

GARCIA, Marcos Roberto Vieira e MATTOS, Amana Rocha “**Terapias de Conversão**”: Histórico da (Des)Patologização das Homossexualidades e Embates Jurídicos Contemporâneos. Psicologia: Ciência e Profissão [online]. 2019, v. 39, n. spe3 [Acessado 7 Março 2022] , e228550. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1982-3703003228550>>. Epub 8 Maio 2020. ISSN 1982-3703. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003228550>.

hooks, bell. **Ensinando a Transgredir: educação como prática da liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

JULIANO, Dolores; OSBORNE, Raquel. Prólogo. **Las estrategias de la negación: desentenderse de las entendidas**. In: PLATERO, Raquel (Coord.). **Lesbianas**. Barcelona: Melusina, 2008. p. 7-16.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogá, 2019.

KLEAIM, Luiz Claudio, **Prefácio** In: Alexsandro Rodrigues, Gustavo Artur Monzeli e Sérgio Rodrigo da S. Ferreira (org.), “A política no corpo | Gêneros e sexualidades em disputa (e-book),” EDUFES, 2016, p. 10.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MARINA Abramovic: **The artist is present** – the hardest thing is to do something which is close to nothing. Direção: Jeff Dupre e Matthew Akers. Produção: Jeff Dupre e Maro Chermayeff. USA: Show of Force, 2012. 1 DVD (106 min).

LIMA, Carmem Lúcia. Resenha: FERNANDES, Estevão R. “Existe índio gay?”: a colonização das sexualidades indígenas no Brasil. Curitiba: Editora Prismas, 2017. 245p. *Anuário Antropológico*, vol. 44, núm. 2, pp. 379-382, 2019. Universidade de Brasília.

LOPES, Alice; MACEDO, Elizabeth (Orgs.). **Currículo: debates contemporâneos**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

LOURO, Guacira L. **Gênero, sexualidade e educação**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2004a.

_____. O corpo educado Pedagogias da sexualidade Guacira Lopes Louro, Jeffrey Weeks, Deborah Britzman, bell hooks, Richard Parker, Judith Butler Traduções: Tomaz Tadeu da Silva 2ª Edição Autêntica Belo Horizonte 2000.

_____. **Um corpo estranho**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004b.

_____. **Heteronormatividade e homofobia**. In: JUNQUEIRA, Rogério D. (Org.). *Diversidade sexual na educação*. Brasília: MEC, UNESCO, 2009. p. 85-93.

_____. LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013b.

LUGONES, Maria. **Rumo a um feminismo descolonial**. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org). *Pensamento feminista hoje: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica Editora: UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto, 2012. – (Série Cadernos da Diversidade, 6).

MOTT, Luiz. “**Igreja e homossexualidade no Brasil**: Bibliografia temática, 1547-2006.” Disponível em http://www.diversidadecatolica.com.br/opiniaio_mott.asp, acessado em 27 de fevereiro de 2022. Comunicação apresentada no II Congresso sobre Epistemologia, Sexualidade e Violência, São Leopoldo, RS, 2006.

MORAES, Camila de Freitas. **Esse corpo que habito não é meu?** . In: Diálogos da Cidade: experimentações coletivas [recurso eletrônico]. RIBEIRO, Cristine Jaques (Org.). Porto Alegre,RS: Editora Fi, 2019. p. 101.

NASCIMENTO, Letícia Carolina Pereira do. Transfeminismo. São Paulo: Jandaíra, 2021.
_____. **A sexualidade no armário para os jovens da ilha**. Anais do Congresso Brasileiro de Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero – CRSG Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr), Parnaíba-PI, 6 a 8 de setembro de 2019 | n. 01 | dezembro 2019.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. **O diabo em forma de gente**: (r) existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação. – Curitiba, 2017.

OLIVEIRA, Elias Teixeira de; VEDANA, Kelly Graziani Giacchero. **Suicídio e depressão na população LGBT**: postagens publicadas em blogs pessoais. SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog. (Ed. port.), Ribeirão Preto , v. 16, n. 4, p. 39-48, dez. 2020 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-69762020000400005&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 07 mar. 2022. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1806-6976.smad.2020.168145>.

PEREIRA, Verônica Maria e Silva. “Que pode o corpo negro e periférico?” : (r)existências de jovens mulheres na Universidade Federal do Piauí (UFPI) / Verônica Maria e Silva Pereira. - 2021.186 f.: il.

PRADO, Adélia, 1935 - Poesia reunida [recurso eletrônico]/Adélia Prado. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Record, 2015. Recurso digital.

PRECIADO, Paul B. **Cuerpo y discurso em en la obra de Judith Butler**: políticas de lo abyecto. In: Córdoba, David; Sáez, Javier; Vidarte, Paco P. (org.). Teoría queer: políticas bolleras, maricas, trans, mestizas Madrid, Editorial Egales, 2ª edición, 2005, pp.111-132.

PRECIADO, Beatriz. **Qui défend l'enfant queer?** Libération, jan. 2013. Disponível em: http://www.liberation.fr/societe/2013/01/14/qui-defend-l-enfant-queer_873947. Acesso em: 27 de Fev. 2022.

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição:** notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: n-1 edições, 2018. p. 195.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, Quilombos, Modos e Significações.** Brasília: INCTI/UnB, 2015.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A cruel pedagogia do vírus.** Coimbra: Almedina, 2020.

SANTOS, I. et al. **Contribuições da sociopoética à produção científica sobre cuidar em enfermagem:** revisão integrativa de literatura. Revista Eletrônica de Enfermagem. [Internet]. v. 15, n. 1, p. 243-52, set/out. 2016. <http://dx.doi.org/10.5216/ree.v15i1.20888>

_____. et al (Org.). **Prática de pesquisa nas ciências humanas e sociais:** abordagem sociopoética. São Paulo: Atheneu, 2005.

SILVA, M. S. B.; ADAD, S. J. H. C.; SILVA, K. S. **Juventudes,** comunidades periféricas, direitos humanos e educação. Research, Society and Development, v. 9, n. 10, p. e6599109155, 2020. DOI: <https://doi.org/10.33448/rsd-v9i10.9155>

SILVA, M. S. B.; ADAD, S. J. H. C.; Decolonialidade, Democracia e Arte da Pesquisa Sociopoética na Educação em Direitos Humanos. Revista Cocar. V.14 N.30 Set./Dez./2020 p. 1-18.

SILVA, Tomaz da (Org.). **Identidade e diferença.** Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. **Documento de identidade.** 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG (2010 [1985]).

STECKERT, Daiane Dordete. **Possível cartografia para um corpo vocal queer em performance**. Tese (Doutorado em Teatro) – Centro de Artes, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

VERONESE, O.; ANGELIN, R. **Ser diferente é normal e constitucional: considerações sobre o direito à diferença no brasil**. *Direito Público*, [S. l.], v. 17, n. 93, 2020. Disponível em: <https://www.portaldeperiodicos.idp.edu.br/direitopublico/article/view/3238>. Acesso em: 7 fev. 2023.

WARNER, Michael (Ed.). **Fear of a queer planet**. Minneapolis: University of Minnesota, 1993.

ZAMBONI, Jésio. **Educação bicha: uma a(na[l])rqueologia da diversidade sexual**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2016.

APÊNDICE A – Lista de materiais das oficinas**MATERIAIS PARA OFICINA****MATERIAIS:**

- 08 vias do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE);
- 08 vias do Termo de Confidencialidade;
- 01 caixa de giz cor branca;
- 01 caixa de giz colorido;
- 01 caixa de som;
- 01 notebook;
- 01 cabo de áudio;
- Frutas

APÊNDICE B – Roteiro da oficina de negociação



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
PRÓ-REITORA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO PROFESSOR MARIANO DA SILVA NETO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO/UFPI-MESTRADO E
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO (PPGEd)

INSTRUMENTO DE PRODUÇÃO DE DADOS OFICINA DE NEGOCIAÇÃO

PESQUISA: SOCIOPOÉTICA DE JOVENS GAYS NAS PERFORMATIVIDADES DO CORPO GIZ DA ESCOLA PÚBLICA DO PIAUÍ/BRASIL

FACILITADOR (A): Wesley da Silva Rodrigues.

DATA 14/10/2022 **HORÁRIO:** 8H ÀS 10H.

LOCAL: Unidade Escolar Cassiana Rocha em Piripiri-Piauí.

ROTEIRO:

. O primeiro momento será oficina de negociação, na qual, será instituído o dispositivo do grupo-pesquisador, potente instrumento para criar coletivamente tornando os participantes em sujeitos responsáveis pela pesquisa, pelos dados que produzem, pela análise e a interpretação dos dados – Os jovens como, o grupo-pesquisador são um pesquisador coletivo. Dessa forma, iniciaremos com a dinâmica do “Toque”, a seguir apresentação da pesquisa, o Método da Sociopoética e o Diário de Itinerância. Posteriormente, será feito os acordos e orientação para participação e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE.

PROCEDIMENTOS:

OFICINA DE NEGOCIAÇÃO

OBJETIVOS DA OFICINA:

- Instituir o grupo-pesquisador;
- Integrar o grupo-pesquisador;
- Apresentar a pesquisa, o Método da Sociopoética e o Diário de Itinerância;
- Apresentar o tema-gerador;
- Orientar as datas das próximas oficinas;
- Confirmar a participação dos sujeitos na pesquisa, após, aceitação e assinatura do TCLE tornam-se copesquisadores.

1. Acolhimento + Apresentação das participantes. (30 min.)**ACOLHIMENTO**

- Receber os jovens que forem chegando ao encontro presencial e agradecer as presenças;
- Orientar sobre cada etapa do encontro;
- Falar sobre os materiais que serão compartilhados;
- Falar brevemente sobre os afetos com a pesquisa, que é uma pesquisa coletiva “COM/ENTRE” – “não sou eu nem o outro”, logo um devir, uma pesquisa, uma subversão – feita por muitas mãos;
- Dinâmica do “Toque”

2. Apresentação da Pesquisa e do Método da Sociopoética. (20 min.)

- Falar sobre a pesquisa em linhas gerais (implicações; justificativa; objetivos);
- Apresentar a Sociopoética (método; princípios; oficinas). “*Vamos sentir-aprender o método da Sociopoética.*”

3. Apresentação do diário e avaliação escrita no diário. (20 min.)

- Apresentar o diário Itinerante e a sua importância para a pesquisa.
- Informar que fora dos encontros das oficinas o diário também pode ser utilizado, de modo itinerante, apresentar o vídeo (Andando com Tim-Tim).

4. Confirmação do Tema-gerador e da participação na pesquisa. (20 min.)

- Apresentar o tema-gerador: (Jovens Gays);
- Esclarecer do compromisso/responsabilidade com a pesquisa, cumprimento de horário e ressaltar a importância do registro no diário;
- Ler o TCLE e confirmar a participação dos sujeitos na pesquisa.

5. Encerramento. (10 min.)

- (Lembrar-se de pedir para que eles colaborem nas gravações e registros fotográficos, das produções e quaisquer dúvidas poderão perguntar no Whatsapp do pesquisador).

APÊNDICE C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA HUMANA
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.**



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

ESCLARECIMENTOS SOBRE A PESQUISA:

Título do Projeto: SOCIOPOÉTICA DE JOVENS GAYS NAS PERFORMATIVIDADES DO CORPO GIZ DA ESCOLA PÚBLICA DO PIAUÍ/BRASIL.

Pesquisadora Responsável: Wesley Da Silva Rodrigues

Pesquisadora assistente: Shara Jane Holanda Costa Adad

Instituição/Departamento: Universidade Federal do Piauí – UFPI/Centro de Ciências da Educação – CCE/Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UFPI).

Telefone para contato: (86) 9.9956-5537 / (86) 9.9482-6561

E-mail: wesley_rodrigues02@hotmail.com / shara_pi@hotmail.com

Prezado(a) Senhor (a)

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), em uma pesquisa denominada, **Sociopoética de jovens gays nas performatividades do corpo giz da escola pública do Piauí/Brasil**. Por favor, não se antecipe em tomar a decisão. Leia com atenção o que se segue e pergunte ao responsável pelo estudo sobre qualquer dúvida que tiver. Esta pesquisa está sob a responsabilidade dos pesquisadores Wesley da Silva Rodrigues e Shara Jane Holanda Costa Adad e tem como objetivo geral • Analisar a percepção de si de jovens gays nas performatividades presentes nos trajetos escolares de resistências que problematizam os valores pré-estabelecidos e rompem com a invisibilidade na escola e como objetivos específicos: (1) Identificar a percepção de si de jovens gays nas performatividades presentes nos trajetos que produzem resistências aos valores pré-estabelecidos nos contextos escolares; (2) Conhecer a percepção de si de jovens gays nas performatividades presentes nos trajetos que problematizam a

invisibilidade nos contextos escolares.

Esta pesquisa tem por finalidade a possibilidade dos envolvidos na pesquisa Sociopoética produzirem coletivamente por meio de oficinas e o uso de metodologias sensíveis e inovadoras, transformando o processo de ensino e aprendizagem na educação básica, favorecendo o debate interdisciplinar e transversal sobre as juventudes, diversidades como: educação sexual, orientação sexual, gêneros nos contextos escolares, especialmente aquelas que envolvem as interações sociais. Assim, o estudo poderá contribuir para reflexões diante as humanidades, a formação e a prática docente, utilizando-a na produção de novos conhecimentos, espaços de sociabilidades, outras existências e relações com o mundo.

Neste sentido, solicitamos sua colaboração mediante a assinatura desse termo. Este documento, chamado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), visa assegurar seus direitos como participante. Após seu consentimento, assine todas as páginas e ao final desse documento que está em duas vias. O mesmo, também será assinado pelo pesquisador em todas as páginas, ficando uma via com você participante da pesquisa e outra com o pesquisador. Por favor, leia cuidadosamente, aproveite para esclarecer todas as suas dúvidas. Se houver perguntas antes ou mesmo depois de indicar sua concordância, você poderá esclarecê-las com Wesley Da Silva Rodrigues o pesquisador responsável pela pesquisa através do seguintes telefones (86- 99956-5537 - mensagem de texto via aplicativo ou chamada de voz). Se mesmo assim, as dúvidas ainda persistirem você pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da - UFPI, que acompanha e analisa as pesquisas científicas que envolvem seres humanos, no Campus Universitário Ministro Petrônio Portella, Bairro Ininga, Teresina –PI, telefone (86) 3237-2332, e-mail: cep.ufpi@ufpi.br; no horário de atendimento ao público, segunda a sexta, manhã: 08h00 às 12h00 e a tarde: 14h00 às 18h00. Se preferir, pode levar este Termo para casa e consultar seus familiares ou outras pessoas antes de decidir participar. Esclarecemos mais uma vez que sua participação é voluntária, caso decida não participar ou retirar seu consentimento a qualquer momento da pesquisa, não haverá nenhum tipo de penalização ou prejuízo e o (os) pesquisador estará a sua disposição para qualquer esclarecimento.

A pesquisa justifica-se por considerar a temática de suma importância para a garantia dos Direitos Humanos, a Diversidade Sexual e no enfrentamento de todas as formas de preconceito, discriminação, pedagogias da exclusão e violência às pessoas LGBTQIA+. Além de contribuir para formação docente, construção de comunidades LGBTQIA+, acolhimento, a importância da alteridade na docência, outras performances de masculinidades e cis-heterossexuais a partir do método da sociopoética que está pautado nos princípios de pesquisar, ensinar e aprender coletivamente, com o corpo todo, com a valorização das culturas de grupos silenciados e de resistências, com o uso de

dispositivos artísticos, com responsabilidade ética, política, noética e espiritual. Este método de pesquisa estabelece ainda uma diferença, primordial no processo de autoconhecimento, na prática ao recondicionar a percepção e construir modos de pensar de uma forma mais prazerosa, ou seja, com o uso da arte, contrapondo modos de existir naturalizados e reproduzidos em nosso fazer pedagógico, especialmente os (pre)conceitos sobre o outro, o diferente, a complexa rede de poder e atualização de técnicas de fazer morrer (invisibilizar corpos)/ através da estrutura que condiciona/determina que corpos pesem ou sejam mais importantes que outros/as. Para a realização da pesquisa serão utilizados os seguintes procedimentos para a coleta de dados: formulário eletrônico para a construção do perfil dos(as) jovens participantes da pesquisa, o Diário de itinerância, oficinas sociopoéticas de produção de dados (relatos orais e imagens/vídeos) a respeito do tema gerador sexualidade na escola e Contra-análise. Apresentação de performance artística.

Esclareço que esta pesquisa acarreta e oferece mínimo risco de danos. Nesse caso, os procedimentos realizados para a produção de dados poderão trazer risco de desconforto mínimo. Caso o partícipe, por ventura, sinta-se desconfortável no decorrer das oficinas de produção de dados, por revelar as experiências pessoais ou comprometedoras de sua prática docente ou processo formativo, estará livre para questionar, pausar ou até mesmo desistir quanto ao desejo de prosseguir como sujeito da investigação. Como forma de contornar o possível risco de desconforto, os pesquisadores comprometem-se a manter o mais completo sigilo quanto à identidade dos sujeitos da pesquisa. Comprometem-se, ainda, a realizar a coleta de dados em ambiente reservado e sem a presença de pessoas não relacionadas à pesquisa.

Os resultados obtidos nesta pesquisa serão utilizados para fins acadêmico-científicos (divulgação em forma de livro, capítulos de livro, revistas e em eventos científicos) e os pesquisadores se comprometem a manter o sigilo e identidade anônima, como estabelecem as Resoluções do Conselho Nacional de Saúde nº. 466/2012 e 510/2016 e a Norma Operacional 01 de 2013 do Conselho Nacional de Saúde, que tratam de normas regulamentadoras de pesquisas que envolvem seres humanos. E você terá livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo, bem como lhe é garantido acesso a seus resultados.

Esclareço ainda que você não terá nenhuma despesa com a pesquisa, e caso haja por qualquer motivo, asseguramos que você será devidamente ressarcido. Não haverá nenhum tipo de pagamento por sua participação, ela é voluntária. Caso ocorra algum dano comprovadamente decorrente de sua participação neste estudo você poderá ser indenizado conforme determina a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, bem como lhe será garantido a assistência integral.

Após os devidos esclarecimentos e estando ciente de acordo com os que me foi
exposto, Eu -

declaro que aceito participar desta pesquisa, dando pleno consentimento para uso das
informações por mim prestadas. Para tanto, assino este consentimento em duas vias, rubrico
todas as páginas e fico com a posse de uma delas.

Preencher quando necessário

- () Autorizo a captação de imagem e voz por meio de gravação, filmagem e/ou fotos;
- () Não autorizo a captação de imagem e voz por meio de gravação e/ou filmagem.
- () Autorizo apenas a captação de voz por meio da gravação;

Local e data: _____

Assinatura do Participante

Assinatura do Pesquisador Responsável

Assinatura do Pesquisador Responsável

APÊNDICE D – Autorização Institucional



AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL

A 3ª Gerência Regional de Educação, localizada na Rua Santos Dumont, 1211, Piripiri - PI, autoriza o Pesquisador **Wesley Da Silva Rodrigues**, a desenvolver projeto de pesquisa intitulado **“PERCEPÇÃO DE SI DE JOVENS GAYS AFEMINADOS: CRIAÇÃO E RESISTÊNCIAS PROBLEMATIZADORES DA INVISIBILIDADE NOS CONTEXTOS ESCOLARES”**, que está sob orientação da **Prof.ª. Shara Jane Holanda Costa Adad** no Programa de Pós-Graduação em Educação, vinculada a Universidade Federal do Piauí, cujo objetivo de investigar sobre a percepção de si de jovens gays afeminados e quais os processos de criação e resistências que problematizam os valores pré-estabelecidos e rompem com a invisibilidade destes jovens nos contextos escolares.

A aceitação está condicionada ao cumprimento do pesquisador aos requisitos da resolução Nº 466/12 e suas complementares, comprometendo-se a utilizar os dados e materiais produzidos, exclusivamente para os fins da pesquisa. Autorizo o pesquisador acesso para o desenvolvimento da pesquisa na escola pública estadual **Unidade Escolar Cassiana Rocha**, localizada na Avenida Tomaz Rebelo, 1030, Centro, Piripiri-PI, escola da rede estadual de ensino de Piripiri-PI para realizar a pesquisa com estudantes do 1º e 2º ano do ensino médio.

Ressalta-se ainda, que todos os procedimentos éticos e legais deverão ser rigorosamente respeitados.

Piripiri-Piauí, 26, maio de 2022

Atenciosamente,

Reginair Pinho de Aguiar
Gerente
3ª Gerência Regional de Educação
Matrícula Nº 109317-4

3ª Gerência Regional de Educação – 3ª GRE – PIRIPIRI

CNPJ 06.554.729/0001-96

Praça Domingos Coelho de Melo Rezende, 801 – Centro

CEP: 64.260-000 / Fones: (86) 3276-1630 / 2282 // e-mail: 3gre.seduc@gmail.com

JURISDIÇÃO

(Brasileira, Capitão de Campos, Domingos Mourão, Lagoa de São Francisco, Milton Brandão, Pedro II, Piracuruca, Piripiri, São João da Fronteira e São José do Divino)

APÊNDICE E – Termo de Aquiescência



TERMO DE AQUIESCÊNCIA

A Direção da Unidade Escolar Cassiana Rocha, localizada na Avenida Tomaz Rebelo, 1030 - Centro, 64260-000 Piri-piri - Piauí, Escola da Rede Estadual do Piauí/BR, consente com a realização do Projeto **"PERCEPÇÃO DE SI DE JOVENS GAYS AFEMINADOS: CRIAÇÃO E RESISTÊNCIAS PROBLEMATIZADORES DA INVISIBILIDADE NOS CONTEXTOS ESCOLARES"**, com o objetivo de compreender sobre a percepção de si de jovens gays afeminados e quais os processos de criação e resistências que problematizam os valores pré-estabelecidos e rompem com a invisibilidade destes jovens nos contextos escolares, de autoria **Wesley da Silva Rodrigues**, CPF: 042.176.223-33, RG: 3.457.359 SSP-PI, aluno do Mestrado em Educação, sob o número de matrícula 20211004749, no Programa de Pós-Graduação em Educação, vinculada a Universidade Federal do Piauí, sob orientação da Prof.^a Shara Jane Holanda Costa Adad. A pesquisa será realizada por meio de oficinas com jovens do 1º e 2º ano do Ensino Médio.

Ressalta-se ainda, que todos os procedimentos éticos e legais deverão ser rigorosamente respeitados.

Piri-piri-Piauí, 22, abril de 2022.

Atenciosamente,

Maria dos Remédios Gomes de Sousa

Direção
 Maria dos Remédios Gomes de Sousa
 Diretora-Titular
 Aut. Portaria GSE Nº 2842/2017
 CPF: 341.773.453-36
 Mat. 112517-2

APÊNDICE F – Roteiro da oficina de produção dos Dados



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
PRÓ-REITORA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO PROFESSOR MARIANO DA SILVA NETO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO/UFPI-MESTRADO E
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO (PPGE_d)

INSTRUMENTO DE PRODUÇÃO DE DADOS OFICINA DE PRODUÇÃO DE DADOS

PESQUISA: SOCIOPOÉTICA DE JOVENS GAYS NAS PERFORMATIVIDADES DO CORPO GIZ DA ESCOLA PÚBLICA DO PIAUÍ/BRASIL.

FACILITADOR (A): Wesley da Silva Rodrigues.

DATA 14/10/2022 **HORÁRIO:** 13H ÀS 16H.

LOCAL: Unidade Escolar Cassiana Rocha em Piripiri-Piauí.

TEMA-GERADOR: Jovem Gay

TÉCNICA ARTÍSTICA: “Corpo-giz”

OBJETIVOS DA PESQUISA:

Geral

- Analisar a percepção de si de jovens gays nas performatividades presentes nos trajetos escolares de resistências que problematizam os valores pré-estabelecidos e rompem com a invisibilidade na escola.

Específicos

- Identificar a percepção de si de jovens gays nas performatividades presentes nos trajetos que produzem resistências aos valores pré-estabelecidos nos contextos escolares;
- Conhecer a percepção de si de jovens gays nas performatividades presentes nos trajetos que problematizam a invisibilidade nos contextos escolares.

OBJETIVOS DA OFICINA:

- Realizar a técnica de produção de dados.

OBJETIVO DA TÉCNICA:

- Identificar a percepção de si de jovens gays nas performatividades presentes nos trajetos que produzem resistências aos valores pré-estabelecidos nos contextos escolares;
- Conhecer a percepção de si de jovens gays nas performatividades presentes nos trajetos que problematizam a invisibilidade nos contextos escolares.

Procedimentos:

1. Acolhimento – 2º momento. (20 min.)**OBJETIVOS DA OFICINA:**

- Acolher os jovens após o momento do lanche;
- Orientar sobre o uso do giz molhado;
- Iniciar a técnica “Corpo-giz” para produção dos dados.

OFICINAS DE PRODUÇÃO DE DADOS COM OS COPESQUISADORAS/ES

Momento conduzido pelo Facilitador para produção de dados a partir do tema-gerador: jovem gay, por meio de meditação, movimentos e perguntas norteadoras, aonde cada copesquisador irão performar com auxílio do giz produzindo desenhos no piso da sala conforme for sentido e percebendo no corpo. Em seguida, será a produção individual plástica (corpo-giz), na qual os estudantes irão nomear o problema, apontar as áreas visíveis, invisíveis e como ele supera o obstáculo. O nome dado aos desenhos será utilizado como pseudônimos garantindo o anonimato dos participantes. Após daremos início a produção do relato oral.

1. Exercício de Exaustão. (20 min.)

1º Movimentos performáticos dos jovens gays pelo espaço no chão da escola. (exercício de exaustão). Os convocar para andar, correr, saltar e experimentar movimentos em planos alto, médio e baixo, assim como, rabiscar no ar.

2. Técnica Artística: “Corpo-giz”. (30 min.)

Texto da Técnica Artística

2º Agora deitados no chão da escola. Vamos marcar nossos trajetos para isso precisa imaginar que esse espaço micro da sala de aula é o chão da escola... Comece andar pela escola, faça diferentes movimentos performáticos no chão da escola... Esses movimentos são vistos. Esses movimentos são invisíveis. Pare! Pense. Um problema aparece para você que é jovem gay. Como você se sente? Respire. Pense nesse problema. O que é esse problema? De repente algo se aproxima te ajuda a superar esse problema. É uma coisa, objeto, sentimento... É uma pessoa? Com essa ajuda você resiste. Como você resiste? Como supera? Volte a performar no chão da escola. Aos poucos vá voltando. Sente-se. Levante e faça os seguintes movimentos: olhe para o chão e veja onde está o problema nesses movimentos performáticos do jovem gay no chão da escola. Marque este problema. Dê um nome para o problema. Onde ele é invisível? Onde é visível? (Destacar com giz colorido forte as linhas “performarce dos trajetos no chão da escola” e marcar o ponto onde está o problema, a parte invisível e visível na escola. De um nome para o problema).

Olhe mais uma vez para os trajetos no chão da escola e marque sua superação. Quem é seu aliado/a. De um nome para seu aliado/a. Para sua superação.

(Destacar com giz colorido forte as linhas “performarce dos trajetos no chão da escola” e marcar o ponto onde está o aliado, De um nome para o aliado ou superação do problema).

Próximo passo: PRODUÇÃO DE DADOS – Momento do relato oral (Gravar) 60min.

– pontos em que os jovens são in-visíveis na escola, os problemas dessa invisibilidade.

Destacar com os pontos nos trajetos que marquem quando eles resistem ou superam os valores pré-estabelecidos.

2. Produção Individual. (20 min.).

INDIVIDUAL: PRODUÇÃO PLÁSTICA DO BICHO

- Após o exercício de exaustão, ação performática e a provocação das perguntas cada copesquisador irá **produzir seu corpo-giz no chão da escola**. Ressalta-se que a produção coletiva será iniciada imediatamente após a movimentação.
Serão distribuídos os seguintes materiais giz branco (deve ser utilizado para fazer o desenho) e giz colorido (para fazer os destaques no rabisco).

3. Produção do relato oral. (60 min.)

Cada participante deve responder as perguntas norteadoras:

- Qual o nome do seu problema
- Onde é visível?
- Onde é invisível?
- Como resiste?

4. Finalização do encontro. (10 min.).

- O encontro será finalizado com agradecimento das presenças e participação na oficina.

APÊNDICE G – Ilustrativo da análise classificatória

1 Corpo-Giz-Sem-Nome foi desenhado pelo jovem gay de forma aleatória e não foi fácil nomear o problema.

CATEGORIA 2: PROBLEMAS DO JOVEM GAY

- 1- O nome do problema do **Corpo-Giz-Sem-Nome** é **Problema-Medo-do-recomeço**.
- 2- O invisível no **Corpo-Giz-Sem-Nome** é a falta de apoio da família, da mãe que não diz nada, mas esse silêncio o deixa tão triste que queria que ela o apoiasse, conversasse com ele sobre seu jeito. Mas tem horas que o corpo do jovem gay tenta falar e a mãe sai.
- 3- O nome do problema do **Corpo-Giz-Desabafo** do jovem gay é o **problema-dores**.
- 4- **Corpo-Giz-Desabafo** é o jovem gay que sente muito medo na escola dos professores, dos alunos que sempre o apontavam como aquele jovem que não quer nada, que não sabe de nada, até hoje sente medo porque esse medo foi paralisante na vida do jovem, o impediu de seguir e construir.
- 5- Não sei o que realmente **Corpo-Giz-Desabafo** do jovem quer. Ele é muito cobrado, tem que ser alguém, tem que passar no vestibular. A cabeça parece que não dar para essas coisas e isso o deixa triste.
- 6- Estar paralisado para o **Corpo-Giz-Desabafo** do jovem gay é aterrorizante e paralisante.
- 7- Os pontos invisíveis deste corpo seriam o medo às violências vividas na família, na escola, e na sociedade, principalmente.
- 8- A trajetória do **Corpo-Giz-Desabafo** do jovem gay no chão da escola é muitas vezes triste, recolhido, infeliz por ser julgado pelo seu jeito de ser, pela sua aparência, por ser negro é criticado.
- 9- Muitos sofrem com episódios constantes de *bullying*.
- 10- E isso causou muitos traumas para o **Corpo-Giz-Desabafo**, o pior deles é ser negro e a dificuldade de se reconhecer, tem horas que não quer aceitar negro. **Corpo-Giz-Desabafo** se pergunta se fosse branco sofreria menos na escola, tivesse mais amigos.
- 11- **Corpo-Giz-Marcas** do jovem gay ressalta que o que se vivencia na escola sobre esse processo de aceitação e *bullying* nos deixam marcas pra vida toda.
- 12- **Corpo-Giz-Mordaca-Mutilação** é o jovem que, embora não se perceba, as pequenas feridas não cicatrizadas se tornam traumas, dores silenciadas, se transformaram em corpos mutilados, pela dor, pelas ausências, pelas carências e pelos choros que foram engolidos.
- 13- Muitas vezes os jovens gays do **Corpo-Giz-Mordaca-Mutilação** são calados pelo professor, pelo diretor, pelos colegas por ser gay, pelo jeito diferente de ser. Diferente do que é o normal ou padrão. Por isso, precisa e deve ser reconhecido, aceito e respeitado e discutido nas escolas, nas famílias e sociedade.
- 14- **Corpo-Giz-Mundo** é o jovem gay cujo problema é o medo de ser aceito na escola principalmente pela família e também pela sociedade.
- 15- **Corpo-Giz-Mundo** é o jovem gay que tem horas se sente sujo.
- 16- Além disso, o *bullying* ainda é muito presente na escola e causa inúmeros transtornos, revoltas e principalmente o medo de se expressar e de ser quem realmente é.
- 17- **Corpo-Giz-Mundo** é o jovem gay que tem muito medo do futuro.
- 18- **Corpo-Giz-Mundo** é o jovem gay que tem muito medo do que vai ser se o pai não o aceitar, o expulsar de casa e ter que ir pra rua. Este medo é invisível no **Corpo-Giz-Mundo** do jovem gay.
- 19- **Corpo-Giz-Mundo** é o jovem gay que fica na sua e não tem coragem de dizer que é

- gay. Este jovem quer falar com o tempo, deixar passar mais um pouco, pois não se sente preparado ainda.
- 20- O que é visível no **Corpo-Giz-Mundo** do jovem gay é o **problema-falso-apoio** da escola que se diz existir, mas não funciona como deveria. Na verdade a escola só pensa em tirar nota azul, não discute nada do interesse do jovem gay, nem escutam a gente. Por exemplo, o jovem gay gosta muito de jogos de internet, sabe mexer em tudo de computador, mas na escola nem tem computador, nem internet. Para o **Corpo-Giz-Mundo** fica chato a escola e tem horas que a gente queria aprender sem ser do mesmo jeito.
- 21- O que é invisível para este corpo é o medo das **pessoas-julgador** não o aceitarem e me julgarem.
- 22- O que é invisível no **Corpo-Giz-Mundo** do jovem gay também é o medo de chegar nos caras que temo interesse e eles se zangarem ou não quiserem sua amizade, ele tem dúvida de saber se eles curtem o seu interesse.
- 23- **Corpo-Giz-Fuga** é o jovem gay cujo problema é Confusão. Dentro da trajetória do **Corpo-Giz-Fuga** houve muita confusão na escola e em casa.
- 24- **Corpo-Giz-Fuga** se sente confuso. A trajetória do **Corpo-Giz-Fuga** é insegura, o jovem gay tem muitas dúvidas. **Corpo-Giz-Fuga** sabe que deseja homens, mas não quer ser assim desse jeito, quer ser normal.
- 25- **Corpo-Giz-Fuga** do jovem gay vê que para a mãe e a tia que cuidam dele, elas aceitam, mas não era o que de fato esperavam para deste jovem. Isso me gera uma confusão tremenda no **Corpo-Giz-Fuga** que se sente inseguro ao se expressar, fica se policiando.
- 26- O **Corpo-Giz-Fuga** do jovem gay vive essa confusão e sente a sua invisibilidade, principalmente na escola e na família.
- 27- Este corpo diz: sou uma pessoa confusa: tem horas que quer ser bem pintosa, lacradora nesta trajetória, mas em outros momentos tem medo, vergonha de ser assim, de envergonhar minha família.
- 28- **Corpo-Giz-Fuga** do jovem gay não sabe se estar preparado para enfrentar os olhares do povo.
- 29- Outros, **Corpo-Giz-Fuga** já pegou no banheiro, deu uns beijos bem rápido, mas deu certo. Depois, o **Corpo-Giz-Fuga** do jovem gay fica triste, porque o *boy* estava beijando outra menina e andando de mãos dadas.
- 30- Os pontos visíveis do **Corpo-Giz-Fuga** do jovem gay é a confusão que é feita, muitos se perdem nesse caminho, pela falta de suporte e apoio e sem ter um norte.
- 31- O problema que cada dia mais está difícil de ficar na escola, seguir os estudos.
- 32- **Corpo-Giz-Fuga** quer logo trabalhar para ter suas coisas e ajudar em casa.

CATEGORIA 3: PERCEÇÃO DE SI NAS PERFORMATIVIDADES QUE PRODUZEM RESISTÊNCIAS AO CORPO DOS JOVENS GAYS

- 33- **Corpo-Giz-Sem-Nome** é o jovem gay que resiste calado ao **Problema-Medo-do-recomeço**, pois o medo trava o corpo do jovem que fica impossibilitado de reagir.
- 34- **Corpo-Giz-Sem-Nome** do jovem gay é observador e prefere ficar mais distante do problema-medo-do-recomeço, evita ser percebido em público ao usar máscara ou capa que lhe deixa invisível e percebe como as pessoas tratam os outros. Observar é uma forma de saber com quem pode andar, confiar e também não querer contato.
- 35- O **Corpo-Giz-Sem-Nome** também utiliza muito o celular, com ele se sente livre, pode trocar ideias com muita gente: primeiro sobre o que curtem, depois vê aos vídeos no *TikTok*, tem muita informação massa.

- 36- O visível no **Corpo-Giz-Sem-Nome** do jovem é o gosto de dançar, principalmente quadrilha. Na quadrilha, o **Corpo-Giz-Sem-Nome** se sente livre, se sente uma estrela. Na quadrilha, ninguém se importa se é bicha, sapatão, trans... Todo mundo dança junto e misturado.
- 37- **Corpo-Giz-Desabafo** é o jovem gay que resiste com calma, tentando se reconstruir. É difícil, mas ele se reconstrói, deixando o medo para trás ou enfrentando esse medo, e seguindo, mesmo com o problema-dores.
- 38- O chão da escola chama muito atenção e deixa o **Corpo-Giz-Desabafo** pensativo no momento que voltei para a escola.
- 39- **Corpo-Giz-Cacos** é o jovem que o medo não o paralisa, o impulsiona a seguir e a recomeçar, a ter foco, a ser uma nova pessoa mesmo com dores, quebrado e às vezes em cacos e é o que o faz uma pessoa forte.
- 40- **Corpo-Giz-Semente** é o jovem que resiste às intempéries da vida e consegue gerar uma árvore que mesmo passando por todas as estações, onde caem às folhas, muitas vezes ela é podada, mesmo assim ela resiste a todas as adversidades impostas, a falta de água, ao frio ao sol intenso, a falta de amor, de cuidado. Ela ainda sim resiste e continua frondosa, com lindas e exuberantes folhas e flores e hoje ela dá frutos e com certeza sementes.
- 41- O Falar do **Corpo-Giz-Desabafo** sobre a invisibilidade é crucial para mudar a realidade do jovem gay na escola. Chega de “mordança” e de “mutilação”!
- 42- A escola assim como a família deve ser lugar de apoio, diálogo, de aconchego e principalmente de acolhimento e abraçar a todos seja ele como for, afinal normal é ser diferente, anormal é o preconceito e discriminação que nos tira o direito de ser quem somos de verdade!
- 43- **Corpo-Giz-Mundo** é o jovem gay que resiste ao problema do medo, buscando fazer bicos para ter um trocado. Este jovem ganha pouco no trabalho num lava-jato tem mês que tira 300 reais e depende muito dos carros que lava. Junto a esse dinheiro, ajuda também em casa.
- 44- O **Corpo-Giz-Mundo** do jovem gay vai amadurecendo e aprendendo a lidar com isso, criando asas e se libertando dessa prisão. O jovem gay cria asas no chão da escola com as aprendizagens. O conhecimento lhe traz liberdade e faz enfrentar os medos. **Corpo-Giz-Mundo** é o jovem gay que aprende que não é diferente de ninguém na escola. Este corpo está pouco se lixando para o que falam dele, ele fica mais na sua.
- 45- O **Corpo-Giz-Mundo** do jovem gay ficou com um cara mais velho, mas no sigilo. Ele o pegou atrás da escola de carro e foram ao motel. O jovem gay teve nesse dia que gazeir aula. Quando o **Corpo-Giz-Mundo** do jovem gay chega em casa se sente sujo, fica um tempão debaixo do chuveiro. Depois o cara ficou só ligando para o **Corpo-Giz-mundo**, querendo sair de novo, mas ele não foi mais.
- 46- Mas este corpo jovem tem desejos de usar calcinha, usar batom.
- 47- **Corpo-Giz-Fuga** resiste ao **problema-confusão** com o tempo e a maturidade que foram necessários para que aos poucos isso fosse se tornando visível, mais fácil de aceitar e lidar dentro da família, principalmente no ambiente escolar.
- 48- Na escola, o **Corpo-Giz-Fuga** do jovem gay se sente mais livre, usa as coisas das colegas, passa batom, pinta a unha. Os meninos mexem com o **Corpo-Giz-Fuga**, uns ele nem se importa, outros ele enfrenta e pergunta: qual é o problema? Tem uns que lhe paqueram escondido.
- 49- O **Corpo-Giz-Fuga** do jovem gay resiste a partir do momento que se aceita, mas não é fácil. Mas como a tia do **Corpo-Giz-Fuga** diz: tem que estudar.

CATEGORIA 4: A RELAÇÃO ENTRE O PROBLEMA E O CORPO-GIZ DO JOVEM GAY

- 50- A relação entre esse **problema-medo-do-recomeço** com o **Corpo-Giz-Sem-Nome** simboliza a falta de reconhecimento, de aceitação pela sociedade, de fazer sexo.
- 51- Alguns destes **problemas-dores** não saem do jovem gay, fica uma marca.
- 52- A relação entre o **problema-dores** e o **Corpo-Giz-Desabafo** do jovem gay se resume a um somatório de coisas seja na vida, na trajetória escolar.
- 53- As meninas ficam tirando onda com o **Corpo-Giz-Desabafo**, oh desperdício! Perguntam: Ei é verdade que todo negro tem o pauzão? Se **Corpo-Giz-Desabafo** já ficou com alguma menina? Se gosta de dar ou de comer? **Corpo-Giz-Desabafo** está cansado de tantas perguntas. (4 – estas perguntas despotencializam o corpo do jovem gay)
- 54- E ser **Corpo-Giz-Desabafo-semente** no chão da escola é complexo e desafiador! Não é fácil ser diferente numa escola tão moldada e pacata.
- 55- O medo da aceitação faz com que os jovens do **Corpo-Giz-Mundo** se reprimam muito e muitas vezes a escola e até o próprio professor faz esse papel sem perceber.
- 56- As invisibilidades do **Corpo-Giz-Fuga** do jovem gay no chão da escola é a falta de diálogo, de orientação em casa e na escola, isso é o que nos torna invisível e também a falta de apoio é muito difícil. A gente acaba aceitando qualquer coisa para fugir dessa realidade.

1. CONFETOS

CRUZAMENTO DE IDEIAS

IDEIAS COMPLEMENTARES:

4 e 5 são complementares a medida que sente muito medo na escola dos professores, dos alunos que sempre o apontavam como aquele jovem que não quer nada, que não sabe de nada, até hoje sente medo porque esse medo foi paralisante na vida do jovem, o impediu de seguir e construir. Afinal, Ele é muito cobrado, tem que ser alguém, tem que passar no vestibular. A cabeça parece que não dar para essas coisas e isso o deixa triste.

IDEIAS DIVERGENTES:

24 e 27 são divergentes à medida que se sente confuso e inseguro, ele sabe que deseja homens, mas não quer ser assim desse jeito, quer ser normal. Porém, há momentos que quer ser bem pintosa, lacradora na sua trajetória.

IDEIAS OPOSTAS:

4 e 39 são opostas porque inicialmente o medo trava o grupo-pesquisador e ao mesmo tempo impulsiona a seguir e recomeçar

IDEIAS QUE NÃO FORAM CRUZADAS:

A ideia 48 não se cruza com os demais pensamentos devido o jovem gay se sentir mais livre no ambiente escolar a ponto de usar as coisas das colegas, passar batom, pintar as unhas, e ocasionalmente enfrentar os meninos que mexiam com ele: qual é o problema?

APÊNDICE H – Ilustrativo do Formulário de Inscrição

Formulário de Inscrição

Pesquisa Sociopoética com Jovens Gays do 2º do Ensino Médio

***Obrigatório**

1. Qual a sua orientação Sexual

2. Qual é sua etnia? *

3. Qual sua idade? *

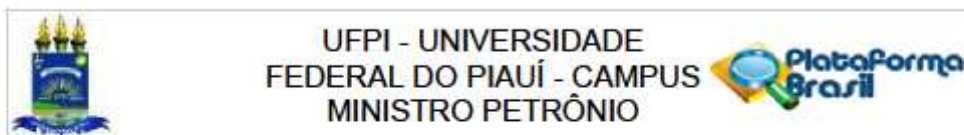
4. Qual o nome da sua escola? *

5. Qual ano do ensino médio você está cursando?

6. Você tem acesso a internet?

7. Você tem disponibilidade e condições de deslocamento para participar das oficinas presenciais?

ANEXOS A



UFPI - UNIVERSIDADE
FEDERAL DO PIAUÍ - CAMPUS
MINISTRO PETRÔNIO



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: PERCEPÇÃO DE SI DE JOVENS GAYS AFEMINADOS: CRIAÇÃO E RESISTÊNCIAS PROBLEMATIZADORES DA INVISIBILIDADE NOS CONTEXTOS ESCOLARES

Pesquisador: WESLEY DA SILVA RODRIGUES

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 60189422.0.0000.5214

Instituição Proponente: Universidade Federal do Piauí - UFPI

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.595.588

Apresentação do Projeto:

As informações elencadas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e "Avaliação dos Riscos e Benefícios" foram retiradas do arquivo Informações Básicas da Pesquisa (PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1951869.pdf, versão de 29/08/2022) e do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TERMO_DE_CONSENTIMENTO_LIVRE_E_ESCLARECIDO.pdf, versão de 29/08/2022).

No campo "Resumo", se destaca que "[...] tem-se como objetivo geral: compreender sobre a percepção de si de jovens gays afeminados e quais os processos de criação e resistências problematizadores dos padrões pré-estabelecidos que rompem com a invisibilidade nos contextos escolares; Identificar as diferentes percepções de si problematizadores dos padrões pré-estabelecidos e rompem com a invisibilidade destes jovens gays afeminados nos contextos escolares; Conhecer os processos de criação de jovens gays afeminados na percepção de si problematizadores dos valores pré-estabelecidos que rompem com a invisibilidade destes jovens nos contextos escolares; Identificar na percepção de si, de jovens gays afeminados, as performatividades que produzem resistências aos padrões pré-estabelecidos, problematizadores da invisibilidade nos contextos escolares. O referencial teórico fundamenta-se nas discussões relações de poder, necropolíticas, Educação, juventudes e diversidades/diferença com Bacheaga Junior (2021), Santos (2020), Nascimento (2019), Costa (2019), Colling (2019), Hollanda (2019)

Endereço: Campus Universitário Ministro Petrônio Portella, sala do CEP UFPI
Bairro: Ininga **CEP:** 64.049-550
UF: PI **Município:** TERESINA
Telefone: (86)3237-2332 **Fax:** (86)3237-2332 **E-mail:** cep.ufpi@ufpi.edu.br